



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**WALESKA REGINA BECKER COELHO DE FRANCESCHI**

**SOBRE A LITERATURA INFANTIL DE TEMÁTICA AFRICANA E**  
**AFRO-BRASILEIRA: UMA PESQUISA EDUCACIONAL BASEADA EM ARTE**

**FLORIANÓPOLIS**

**2024**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**WALESKA REGINA BECKER COELHO DE FRANCESCHI**

**SOBRE A LITERATURA INFANTIL E DE TEMÁTICA AFRICANA E**  
**AFRO-BRASILEIRA: UMA PESQUISA EDUCACIONAL BASEADA EM ARTE**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial à obtenção do título de Doutora em Educação.

Orientadora Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Eliane Santana Dias  
Debus

**FLORIANÓPOLIS**

**2024**

Franceschi, Waleska Regina Coelho Becker De  
SOBRE A LITERATURA INFANTIL DE TEMÁTICA AFRICANA E AFRO-  
BRASILEIRA : UMA PESQUISA EDUCACIONAL BASEADA EM ARTE /  
Waleska Regina Coelho Becker De Franceschi ; orientadora,  
Eliane Santana Dias Debus, 2024.  
141 p.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa  
Catarina, Centro de Ciências da Educação, Programa de Pós-  
Graduação em Educação, Florianópolis, 2024.

Inclui referências.

1. Educação. 2. Literatura Infantil Africana. 3.  
Literatura Infantil Afro-brasileira. 4. Ensino Curricular  
de Arte. 5. Pesquisa Educacional baseada em Arte. I.  
Debus, Eliane Santana Dias. II. Universidade Federal de  
Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Educação.  
III. Título.

WALESKA REGINA BECKER DE COELHO FRANCESCHI

**SOBRE A LITERATURA INFANTIL E DE TEMÁTICA AFRICANA E  
AFRO-BRASILEIRA: UMA PESQUISA EDUCACIONAL BASEADA EM ARTE**

O presente trabalho em nível de Doutorado foi avaliado e aprovado, em 05 de fevereiro de 2024,  
pela banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Prof.(a) Heloise Baurich Vidor, Dr.(a)  
Instituição: Universidade do Estado de Santa Catarina

Prof. Rodrigo Cantos Savelli Gomes, Dr.  
Instituição: Secretaria Municipal de Educação de Florianópolis

Prof.(a) Ida Mara Freire, Dr.(a)  
Instituição Universidade Federal de Santa Catarina

Suplentes

Prof.(a) Fernanda Gonçalves, Dr.(a)  
Instituição: Universidade do Estado de Santa Catarina

Prof.(a) Maria Hermínia Lage Fernandes Laffin, Dr.(a)  
Instituição Universidade Federal de Santa Catarina

Certificamos que esta é a versão original e final do trabalho de conclusão que foi julgado adequado  
para obtenção do título de Doutora em nome do título de Doutora em Educação pelo Programa de Pós-  
Graduação em Educação

---

Coordenação do Programa de Pós-Graduação

---

Prof.(a) Eliane Santana Dias Debus, Dr.(a)  
Orientador(a)

Florianópolis, 2024.

## **Agradecimentos**

Para que a travessia ocorresse e esta obra/tese acontecesse, à muitas pessoas tenho que agradecer.

A Deus, o autor da minha vida. Ao meu amor Nêu De Franceschi, por compreender as minhas fragilidades e ser o meu porto seguro. Aos meus filhos Victor Manoel, Gabriel Antonio e a minha filha Isabel Helena, por serem a alegria e a poesia na minha existência.

As famílias Coelho e De Franceschi pelo aprendizado em amor e por compreenderem a minha necessidade de recolhimento. A amiga e orientadora Eliane Debus por acreditar que era possível que fizéssemos juntas esta travessia e por me proporcionar inúmeras vivências literárias. Ao querido amigo Vitor José Alves Espindola por pacientemente me ensinar e no final da jornada me acompanhar.

Aos integrantes e as integrantes do Grupo de Pesquisa Literalise por me ajudarem a existir no percurso. Aos integrantes e as integrantes do Grupo Contarolando que navegaram comigo e que me possibilitaram experienciar a/r/tograficamente no coletivo. A Equipe da Divisão de Bibliotecas Escolares e Comunitárias pela parceria e a realização de projetos.

Aos amados casais de amigos, Drogo e Jemima, Rafael e Gerusa, André e Liciania, pelo incentivo cotidiano. A amada Ida por me ensinar com tanta leveza e alegria e por me mostrar o azul marinho dos oceanos. As amadas amigas Silvia Carvalho, Cláudia Holleben, Edla Gonzalez, Rosa Nélide, e Mardja por aromatizarem a minha vida.

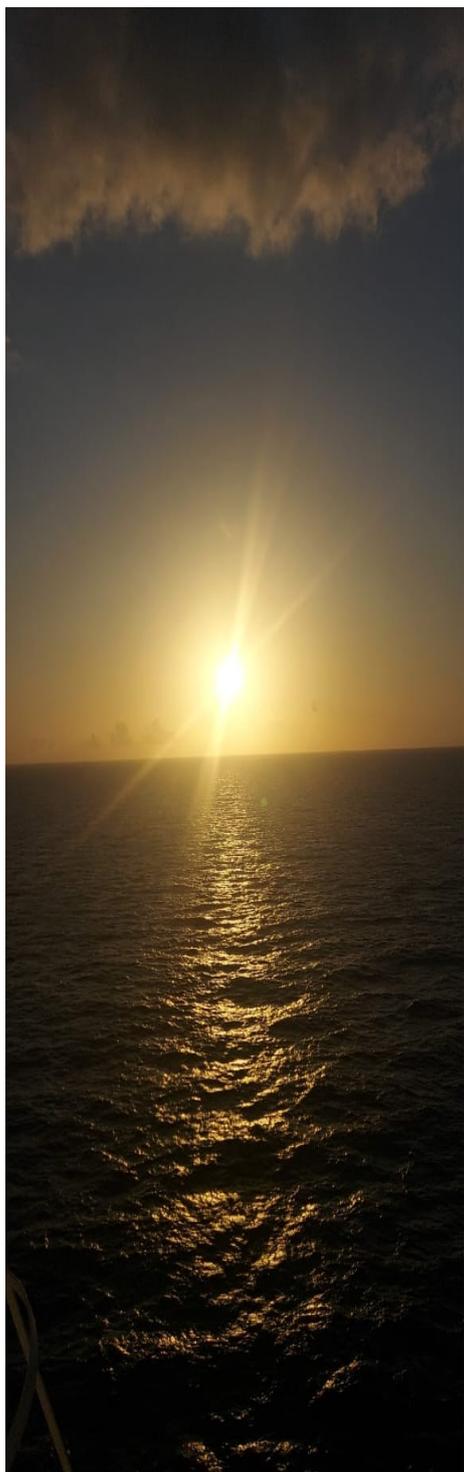
As amigas irmãs, Tânia Mattos, Gisele Takaki, Carla Brito, Carlete Santos, Maria Roberta Moutinho, Ângela Gama, por sonharem comigo. As amadas amigas estações Claudia Tristão e Rose de Fátima por me levarem até Luanda e outros tantos lugares que me encharcaram de inspiração. Aos autores Pedro Pereira Lopes, Mauro Brito e Celso Cossa pela amizade e partilhas literárias

As amadas amigas professoras Altair Alves Lúcio, Neli Góes, Valdeonira Silva dos Anjos, Maria de Lurdes (Dona Uda), Sônia Carvalho, da Associação de Mulheres Negras Antonieta de Barros, por serem inspiração. As admiráveis mulheres do Grêmio Elos da Fraternidade que são a extensão do amor materno em minha vida. As amadas amigas do grupo Pérolas, pelo suporte constante.

Aos professores da banca de qualificação: Heloise Baurich Vidor, Rodrigo Cantos Savelli Gomes, Ida Mara Freire, Fernanda Gonçalves, Flavia Janiaski Vale, pela ampliação do olhar para as navegações possíveis, e agora também Maria Hermínia Lage Fernandes Laffin,

pela acessibilidade generosa. Aos gestores da Secretaria Municipal de Educação de Florianópolis pela licença aperfeiçoamento concedida.

Dedico este trabalho  
ao meu pai Victor Jason (in memorium)  
e a minha mãe Terezinha Lisabeth (in memorium)  
que até o meio da travessia estiveram comigo,  
e agora navegam juntos em outros mares.  
Deles herdei a coragem para prosseguir



Mas, qual é o grau de paixão que se necessita ter com o problema, para que aceitemos ficar, por um longo tempo, estudando e pensando sobre ele? Para que aceitemos expor nossas produções, assumindo também os riscos de suas/nossas fragilidades? (Corazza, 2007, p. 108).

Arte é uma prática de problematização [...]. É exatamente nessa interferência na cartografia vigente que a prática estética faz obra, sendo o bem sucedido da forma indissociável de seu efeito de problematização do mundo. O mundo liberta-se de um olhar que o reduz às suas formas constituídas e sua representação, para oferecer-se como matéria trabalhada pela vida enquanto potência de variação e, portanto, matéria em processo de arranjo de novas composições e engendramento de novas formas. A arte participa da decifração dos signos das mutações sensíveis, inventando formas através das quais tais signos ganham visibilidade e integram-se ao mapa vigente. A arte é, portanto, uma prática de experimentação que participa da transformação do mundo (Rolnik, 2002, p. 271)

## RESUMO

Esta pesquisa se configura em torno da exploração de imagens e palavras, reconhecendo-as como poderosas ferramentas para navegar pelos espaços-tempo da docência em Arte, com ênfase na construção de uma Educação antirracista. Esta tese tem como objetivo contribuir com proposições artístico-pedagógicas, abrangendo elementos estéticos e culturais da Literatura Infantil de temática africana e afro-brasileira, com base na produção literária dos autores moçambicanos Mauro Brito e Pedro Pereira Lopes e das autoras negras brasileiras Madu Costa e Heloisa Pires Lima. Por se tratar de pesquisa educacional baseada em Arte, a tese corporifica processos artísticos e tem como referência a *A/r/tografia*, que abrange, em sua metodologia híbrida, a cartografia inspirada pelos estudos dos autores Deleuze e Guattari, utilizando na abordagem investigativa o cruzamento entre a vida, o fazer artístico, a pesquisa e a prática docente em Arte. A pesquisa desenvolve uma estratégia cartográfica, combinando narrativa textual, visual e sonora, com o objetivo de percorrer os caminhos de uma viagem pelo mar em territórios ainda desconhecidos, nos quais movimenta e opera conceitos como transdisciplinaridade, semiótica discursiva, decoloniedade e oralitura. Esta tese busca fortalecer a legitimidade da Arte como uma forma de pesquisa acadêmica capaz de abrir caminhos para abordagens amplas de pensamento e ação. Dentro desse contexto, a criação e a experiência são consideradas elementos fundamentais do processo investigativo, ressaltando a importância intrínseca da prática artística na expansão dos horizontes literários.

Palavras-chave: Literatura Infantil Africana, Literatura Infantil Afro-brasileira, Ensino Curricular de Arte, Pesquisa Educacional baseada em Arte

## ABSTRACT

This research is based on the exploration of images and words, recognizing them as powerful tools for navigating the space-time relationship in the teaching of art, with emphasis on building an antiracist education. This thesis aims to contribute with artistic pedagogical propositions, covering aesthetic and cultural elements of children's literature with African and Afro-Brazilian themes, based on the literary production of Mozambican authors Mauro Brito and Pedro Pereira Lopes and black Brazilian authors Madu Costa and Heloisa Pires Lima. As art-based educational research, the thesis embodies artistic processes using *A/r/tography* as a reference, which encompasses, in its hybrid methodology, cartography inspired by the studies of authors Deleuze and Guattari, using in the investigative approach the intersection between life, artistic creation, research and teaching practice in art. The research develops a cartographic strategy, combining textual, visual and sonorous narrative, with the aim of following the paths of a journey by sea in unknown territories, in which it moves and operates concepts such as transdisciplinarity, discursive semiotics, decoloniality and the spoken word. This thesis seeks to reinforce the legitimacy of art as a tool for academic research, capable of shedding light on broader approaches of thought and action. Within this context, the creation and experience are considered fundamental elements of the investigative process, focusing on the intrinsic value brought by the artistic creation and practice to the expansion of the literary horizons.

Keywords: African Children's Literature, Afro-Brazilian Children's Literature, Art Curriculum Teaching, Art-based Educational Research

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Entre Linhas, 2022, Silvia Carvalho .....	2
Figura 2 – Boneca/memórias, Waleska De Franceschi .....	2
Figura 3 – Oceano, 2023, Kamile Hannah Freire.....	2
Figura 4 – Te espero, 2018, Silvia Carvalho .....	2
Figura 5 – Oferenda(turbante), 2019, Silvia Carvalho .....	2
Figura 6 – Ritos, 2019, Silvia Carvalho .....	2
Figura 7 – Praia ao entardecer, Isabel De Franceschi.....	2
Figura 8 – Reconciliação 1, Waleska De Franceschi .....	2
Figura 9 – Reconciliação 2, Waleska De Franceschi .....	2
Figura 10 – Sankofa, Waleska De Franceschi.....	2
Figura 11 – Mãos que moldam 1, Waleska De Franceschi .....	2
Figura 12 – Mãos que moldam 2, Waleska De Franceschi .....	2
Figura 13 – Mãos que moldam 3, Waleska De Franceschi .....	2
Figura 14 – Entre Pedras 2, 2023, Silvia Carvalho .....	2
Figura 15 – Literalise/UFSC/SMLI 2019, Respeito, Waleska De Franceschi .....	2
Figura 16 – Literalise/UFSC/SMLI 2019, Pés espiam 1, Waleska De Franceschi .....	2
Figura 17 – Literalise/UFSC/SMLI 2019, Pés espiam 2, Waleska De Franceschi .....	2
Figura 18 – Literalise/UFSC/SMLI 2019, Pés espiam 3, Waleska De Franceschi .....	2
Figura 19 – Exercício com as leituras, Waleska De Franceschi.....	2
Figura 20 – Movimento, 2020, Silvia Carvalho .....	2
Figura 21 – Amanhecer na Ilha, 2023, Isabel De Franceschi.....	2
Figura 22 – Contarolando/UFSC, Improvisação, Waleska De Franceschi .....	2
Figura 23 – Contarolando/UFSC, Ensaio Aberto, 2017 .....	2
Figura 24 – Contarolando/UFSC, Ensaio Aberto, 2017 .....	2
Figura 25 – Contarolando/UFSC, Ceição 1 - Ensaio Aberto, 2017 .....	2
Figura 26 – Contarolando/UFSC, Ceição 2 – Ensaio Aberto, 2017.....	2
Figura 27 – Contarolando/UFSC, Roda de conversa, 2017 .....	2
Figura 28 – Contarolando/UFSC, Apresentação(CEC/SME) 2019 .....	2
Figura 29 – Entrega, 2023, Silvia Carvalho .....	2
Figura 30 – Oceano ao entardecer, 2023, Kamile Hannah Freire .....	2
Figura 31 – Capa do livro: Batata Cozida Mingau de Cará.....	2

Figura 32 – Por um fio, 2018, Silvia Carvalho.....	2
Figura 33 – Varanda localizada em Cabeceira Grande, Moçambique, 2019, Mauro Brito .....	2
Figura 34 – Capa do livro: Passos de Magia ao Sol .....	2
Figura 35 – Literatura para todos, Maputo, 2020, Mauro Brito .....	2
Figura 36 – O Luminoso voo das palavras, Maputo, 2019, Mauro Brito.....	2
Figura 37 – Entrevista com Mauro Brito, 2019, Waleska De Franceschi .....	2
Figura 38 – Contarolando/UFSC, Oficina de cartonagem, 2019 .....	2
Figura 39 – Livro: O Luminoso Voo das palavras, Brasil, 2019.....	2
Figura 40 – Capa do livro: Thandi, 2021 .....	2
Figura 41 – Dedicatória na folha de rosto do livro Thandi, 2021 .....	2
Figura 42 – Rainha Madu, 2023, Waleska De Franceschi .....	2
Figura 43 – Capa do livro: Meninas Negras.....	2
Figura 44 – Contarolando/UFSC, oficina de tambor 1, 2018.....	2
Figura 45 – Contarolando/UFSC, oficina de tambor 2, 2018.....	2
Figura 46 – Capa do livro: Koumba e o Tambor Diambê .....	2
Figura 47 – Capa do livro: A Caixa de Surpresa .....	2
Figura 48 – Dandara Moça, 2023, Waleska De Franceschi .....	2
Figura 49 – Capa do livro: Capulana.....	2
Figura 50 – Capa do livro: Histórias de Preta .....	2
Figura 51 – Capa do livro: O Comedor de Nuvens .....	2
Figura 52 – Contarolando/UFSC, Oficina: O Comedor de Nuvens, 2018 .....	2
Figura 53 – Mar em Moçambique, 2019, Mauro Brito .....	2
Figura 54 – Série Dentro de Mim, 2020, Pedro Pereira Lopes .....	2
Figura 55 – Capa do livro: Por quê é um Livro Mágico?.....	2
Figura 56 – Colagem do livro: Por quê é um Livro Mágico?.....	2
Figura 57 – Brinquedo, 2019, Waleska De Franceschi .....	2
Figura 58 – Capa do livro: O Comboio que Andava de Chinelos .....	2
Figura 59 – Os três Mosqueteiros, 2019, Arantes .....	2
Figura 60 – Entrevista com Pedro Pereira Lopes, 2019, Waleska De Franceschi .....	2
Figura 61 – Capa do livro: A História de João Gala Gala .....	2
Figura 62 – Dedicatória de Pedro Pereira Lopes .....	2
Figura 63 – Colagem – Era Sonho Grande, 2023 .....	2
Figura 64 – Oceano, 2023, Kamile Hannah .....	2
Figura 65 – Mar de Conceitos, 2023, Waleska De Franceschi.....	2

Figura 66 – Feixes, 2023, Silvia Carvalho .....	2
Figura 67 – Fruto do Baobá, 2023, Iano Luanda.....	2
Figura 68 – Criação Cartográfica, 2023, Waleska De Franceschi.....	2
Figura 69 – Oceano, 2023, Isabel De Franceschi.....	2
Figura 70 – Entrega, 2023, Silvia Carvalho .....	2

## SIGLAS E ABREVIATURAS

CONTAROLANDO – Grupo Cênico Literário Contarolando

DEBEC - Departamento de Bibliotecas Escolares e Comunitárias

DIBEC - Divisão de Bibliotecas Escolares e Comunitárias

ERER - Educação para as relações étnico-raciais

LDBEN - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

Literalise - Grupo de Pesquisa em Literatura Infantil e Juvenil e práticas de mediação literária

MEC - Ministério da Educação

MRD - Movimento de Reorganização Didática

PBA - Pesquisa Baseada em Arte

PEBA - Pesquisa Educacional Baseada em Arte

PET - Programa de Educação Tutorial

PPGE - Programa de Pós Graduação em Educação

REUNI - Programa de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais

RME - Rede Municipal de Educação de Florianópolis

SC - Santa Catarina

SELIPRAM - Seminário Internacional de Literatura Infantil e Juvenil e Prática de Mediação Literária

SLIJ - Seminário de Literatura Infantil e Juvenil

SME - Secretaria Municipal de Educação de Florianópolis

SMLI - Semana Municipal do Livro Infantil

SUPED – Linha de pesquisa: Sujeitos, Processos Educativos e Docências

UDESC – Universidade do Estado de Santa Catarina

UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina



## 1.1 DO AFETO QUE ME IMPULSIONA

[Voltar](#)

Do latim affectus, estado d'alma. Palavra proveniente do verbo adficere, pôr-se a fazer. (Pavis, 2017, p.21)

Figura 1



Na narrativa da minha trajetória de vida, esta tecitura de tese que me dispus a realizar, se constitui como um divisor de águas; e assim afirmo, tendo a compreensão do amplo sentido desta expressão geográfica que se configura em metáfora. Saliento intencionalmente como um divisor de águas, considerando que iniciei a pesquisa nas bordas dos territórios das Artes, da Educação e da Literatura, até que me permiti durante o processo investigativo, ousar, questionar e experienciar rompimentos de fronteiras metodológicas e de linguagens.

E foi durante o percurso do doutoramento, mas especificamente nos encontros do Grupo de Pesquisa Literalise – Grupo de Estudos em Literatura Infantil e Juvenil e Práticas de Mediação Literária, que revisei elementos compositivos da minha história e reconsiderei poeticamente a minha trajetória até aqui. Portanto, a forma que mais gosto de me apresentar, honrando a influência do meu pai e da minha mãe, é que venho de uma família de amantes das Artes, e entre cantigas, histórias, poemas, livros e telas me percebi viva. E como não poderia ser diferente, no meu ser nasceu a paixão pela herança das composições sonoras e escritas paternas e pela poesia das imagens e narrativas maternas.



Acesse através deste [link](#) ou do QRcode a gravação realizada por mim desta cantiga.

**Sim, eu ainda consigo ouvir o som harmonioso dos dois cantando, juntos:  
 “Fiz a cama na varanda me esqueci do cobertor  
 Deu um vento na roseira ai meus cuidados Me cobriu toda de flor.”  
 Noite, varanda aberta de piso vermelho, cheiro gostoso de cera lustrado com escovão.  
 No chão, o cobertor antigo de lã de ovelha com capa de tecido florido e ali aninhados, ficávamos nos refrescando, olhando na noite escura o mato além da cerca de madeira.  
 Sonhando com o dia que estaríamos mais perto do mar...**

E assim, entre experiências artísticas, oficinas e criações simbólicas cresci, ingressando no universo cênico da graduação em Educação Artística, especializando-me na alfabetização estética de Letras e Artes, tornando-me mestre em Teatro para atuar nos palcos docentes e agora ousadamente apresento nesta tese apontamentos de um percurso experiencial composto em cartografias estéticas, entrelaçamentos poéticos e possibilidades pedagógicas nos territórios da Literatura Infantil de temática africana e afro-brasileira e as demais linguagens artísticas.

Por influência materna escolhi ser profissional da Educação e atuei em diferentes cenários docentes que incluíram o âmbito particular e o público estadual, porém minha motivação para pesquisar teve origem de representação na Rede Municipal de Ensino (RME) de Florianópolis (SC), na qual possuo vínculo como professora efetiva de Arte na área do Teatro desde 1998 e onde tenho participado ativamente do processo de transformações curriculares. Esta participação se efetiva tanto na docência quanto na coordenação de ações administrativas e pedagógicas, contabilizando 33 anos de trabalho educacional, dos quais 13 anos atuei como docente em sala de aula por vezes 40 horas semanais e em alguns períodos até 60 horas, e 20 anos em cargos de gestão, o que vale ressaltar que durante os períodos em que trabalhei na Secretaria Municipal de Educação (SME) de Florianópolis em cargos de gestão; sempre atuei diretamente na formação continuada em serviço dos profissionais da Educação da RME de Florianópolis, realizando diversos cursos, mini-cursos, palestras, conferências e oficinas. Reconheço que essa dimensão do meu trabalho, a de atuar na formação dos profissionais da

Educação, coordenando estudos, propondo reflexões, pensando conjuntamente possibilidades de um trabalho diferenciado para os estudantes, tanto quanto colaborando no processo de empoderamento dos mesmos nas suas práticas educativas - é uma tarefa e um desafio que me fascinam e trazem sentido para o meu exercício profissional no âmbito da Educação porque me permitem continuar atuando como professora, pesquisadora e artista.

Nos 5 anos que antecederam o ingresso no doutorado, ao assumir novamente o assessoramento pedagógico da área de Artes e a chefia do Departamento de Bibliotecas Escolares e Comunitárias (DEBEC) e que atualmente se constitui em Divisão de Bibliotecas Escolares e Comunitárias (DIBEC), me foi confiada a coordenação de projetos e programas no âmbito da literatura na SME de Florianópolis, com destaque para a Semana Municipal do Livro Infantil, o Clube da Leitura: a gente catarinense em foco e o Ciranda Literária, e nesta atuação de articulação literária o meu olhar estético se redimensionou.

Nesse percurso profissional, permeado por muitas mudanças, rupturas, interpretações, utopias, distopias, tramas e dramas, decidi que era necessário um distanciamento do trabalho e candidatar-me a uma vaga no Doutorado em Educação na linha Sujeitos, Processos Educativos e Docências (SUPED) do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Desejava olhar com distanciamento e estranhamento sobre os acontecimentos, as personagens, os tempos e os espaços que eu participava no âmbito da Educação. Necessitava duvidar de minhas certezas, aprofundar e sistematizar meus estudos, desvelar as possíveis contradições e perspectivas subjacentes aos encaminhamentos educacionais públicos no campo do ensino da Arte e da Literatura, em especial, no âmbito do Ensino Fundamental.

Ingressei no doutorado com a intencionalidade de me distanciar do envolvimento direto das proposições de gestão e investigar a presença da Literatura no ensino curricular de Arte, diferenças entre o proposto e o experienciado, suas possibilidades e desdobramentos narrativos na RME de Florianópolis, tendo a pretensão de uma pesquisa com o foco nos processos educativos, nas políticas de currículo, na Literatura Infantil, na estética e linguagens e na formação docente.

Ao iniciar os estudos de doutoramento, intensificou-se o interesse na observação das possíveis diferenças entre o discurso e a prática docente, com ênfase no campo da Literatura de temática africana e afro-brasileira e o ensino curricular das Artes. Este interesse se deu exatamente pelo distanciamento das lides cotidianas e a possibilidade de reflexão sobre tantas questões conceituais que eu desconhecia e que pensava, de uma forma errônea, que as construções curriculares e as práticas pedagógicas, até então vivenciadas por mim, eram

suficientes para contribuir com o ensino de Artes, no âmbito das questões literárias e étnico-raciais incluindo a ênfase na literatura de temática africana e afro-brasileira, para e na RME de Florianópolis.

O interesse pelo recorte da cultura africana e afro-brasileira e suas dimensões literárias e artísticas se consolidou, ao ingressar em dois espaços de formação que eu já acompanhava como expectadora das atividades desenvolvidas, sendo eles: o Grupo de Pesquisa sobre Literatura Infantil e Juvenil e práticas de Mediação Literária (Literalise); e o Grupo Cênico Literário Contarolando do Programa de Educação Tutorial da Pedagogia (PET/PEDAGOGIA); ambos coordenados pela professora doutora Eliane Debus, orientadora desta pesquisa. No momento de inclusão nestes referidos grupos, eu objetivava apenas estar mais próxima da linguagem literária, porém o envolvimento efetivo nas atividades propostas, ampliou o meu entendimento sobre a Literatura de temática africana e afro-brasileira e as possibilidades narrativas neste contexto, e então, aconteceu o encantamento. E este “*encanto é aqui entendido como ação carregada de desejo para transmutação da realidade.*” (Souza, 2021, p.4)

Ao me encantar com a literatura de temática africana e afro-brasileira obtive informações sobre diferentes elementos estéticos e narrativas poéticas e iniciei um exercício de percepção sensorial cotidiana. O envolvimento acadêmico com o Literalise e o Contarolando possibilitou a ampliação dos meus referenciais teóricos e diferentes experimentações artísticas literárias nas questões da EREER-Educação para as Relações Étnico Raciais. E diante destas experiências e percepções optei por sair da minha zona de conforto e redimensionar o foco da investigação e assim assumindo riscos me permitir mergulhar em outros territórios conceituais mesmo compreendendo as minhas limitações e o meu lugar social de favorecimento por não ser negra. Sendo assim, nesta introdução a escrita da tese, reverencio a minha ancestralidade, em especial a genealogia paterna de origem africana e peço licença aos professores, pesquisadores, artistas e autores negros e as professoras, pesquisadoras, artistas e autoras negras; num posicionamento de que como professora, artista e pesquisadora não posso mais me calar.

E me permito aqui, nesta tese, compartilhar elementos afetivos, visuais, sonoros e textuais que emergiram neste processo de pesquisa e que me deram suporte para continuar buscando elementos compositivos artísticos e pedagógicos.

Nesse âmbito, apresento nesta introdução, a visualidade da minha primeira boneca, revista em sua representatividade simbólica durante a minha participação no Curso Dance & Escreva Suas Memórias Corporais, ministrado pela professora doutora Ida Mara Freire.

Figura 2



Transcrição da mensagem de Natal:

Querida filha

Agora não precisas mais brincar com esta bonequinha que ganhaste do teu pai quando tinhas 1 mês, pois Deus te presenteou com três lindos filhos para brincarem. Mas guarda e pendura na tua árvore de Natal. Com amor de tua mãe e teu pai.

Victor e Lisabeth

Dez 2009

A opção por focalizar a literatura de temática africana e afro-brasileira e as demais linguagens artísticas nesta pesquisa, compreendendo estas áreas da linguagem enquanto áreas de conhecimento necessárias no processo educacional, está associada a minha percepção durante a minha trajetória profissional até o início deste mergulho investigativo, da distância entre a intenção e a realização pedagógica; entre a intenção e a adequação à realidade cotidiana; entre o discurso presente nos documentos curriculares oficiais e as condições existentes de acesso literário nas escolas para que eu enquanto professora de Arte, assim como as demais pessoas no mesmo contexto educacional, possamos conseguir exercer a docência com o entendimento necessário dos elementos específicos condizentes com um ensino de produção artística e estética antirracista.

No final dos anos 1990 quando cursei a Especialização em Alfabetização na Universidade Estadual de Santa Catarina, iniciei uma jornada de leituras que me possibilitou a compreensão da escola sob a perspectiva histórica, como uma instância da sociedade, criada para favorecer a construção do conhecimento, transpondo os limites das informações cotidianas, um entendimento conceitual que revisitei durante o todo percurso desta escrita de tese, sendo um pensar que me instrumentaliza para as rotas das navegações possíveis entre o fazer artístico e as ações pedagógicas.

(...) o que se espera da escola é exatamente a capacidade de trabalhar algo que não está no cotidiano da criança. Aliás, é esta, inclusive, uma das mais importantes razões da existência da escola: ampliar os horizontes, permitir que o estudante supere indefinidamente os limites de sua aldeia (Klein, 1995, p.22)

Partindo deste paradigma, entendo que o ensino curricular de Arte ao possibilitar a aproximação e a apropriação de elementos da linguagem literária africana e afro-brasileira,

pode ampliar o acesso deste conhecimento para um número cada vez maior de indivíduos.

Portanto, na composição desta tese, tendo a Cartografia como metodologia de pesquisa, minha intencionalidade é principalmente a de contribuir nesse âmbito educacional com reflexões e compartilhamentos de proposições artísticas pedagógicas, inspiradas, vividas e elaboradas neste percurso de pesquisa acadêmica literária.

Minha experiência profissional como professora e como gestora me permitem afirmar que o ensino curricular de Arte entendido no contexto de sua pluralidade de áreas que inclui a Dança, o Teatro, as Artes Visuais, a Música e a Literatura Infantil estão presentes no cotidiano escolar, e que as ações de formação continuada, favorecem o acesso às informações que não foram oportunizadas ou que foram pouco abordadas na formação acadêmica nas licenciaturas artísticas quanto ao acesso e a reflexão sobre a Literatura de temática africana e afro-brasileira. Sendo assim, me permiti questionar nesta experiência exploratória de pesquisa: se no processo educacional existe o entendimento de que o subjacente está contido no permanente e que os discursos e as práticas devem estar articulados, que entrelaçamentos podem ser constituídos esteticamente numa proposta pedagógica de aproximação da Literatura Infantil de temática africana e afro-brasileira e o ensino de Arte em suas especificidades de linguagens?

Entendo este questionamento como um desdobramento de reflexões que iniciaram na escrita da minha dissertação de mestrado quando busquei os elementos do currículo oculto no ensino curricular de Teatro e que se fortalece no entendimento de que “A teoria sem prática vira “verbalismo”, assim como a prática sem teoria vira “ativismo”. No entanto, quando se une a prática com a teoria tem-se a práxis, a ação criadora e modificadora da realidade.” (Freire, 1989, p.67)

Para além da questão mais ampla, muitas outras emergem: a) o que enquanto professora de Arte posso e preciso apreender sobre Literatura de temática africana e afro-brasileira? b) que desdobramentos artísticos podem ser originados no diálogo entre as produções literárias africanas e afro-brasileiras? c) qual a importância de se compartilhar artisticamente a responsabilidade sobre esta temática no âmbito escolar? d) que conexões podem ser experienciadas e compartilhadas como base para atividades práticas entre as narrativas literárias de temática africana e afro-brasileiras nas demais linguagens artísticas?

Logicamente, este processo investigativo não esgotou todas as questões aqui colocadas mas sim, me movimentou na problematização, trazendo as ideias que possibilitaram construções de caminhos para a ampliação do repertório linguístico e da criticidade estética literária, e me aproximou como artista e professora de escritores moçambicanos e escritoras brasileiras e suas produções na temática desta imersão artístico literária, me favorecendo criar

e experienciar possibilidades neste contexto de pesquisa para o ensino e aprendizagem, bem como experimentar produções neste âmbito artístico educacional com outros autores e autoras, pesquisadores e pesquisadoras e as produções literárias de temática africana e afro-brasileira.

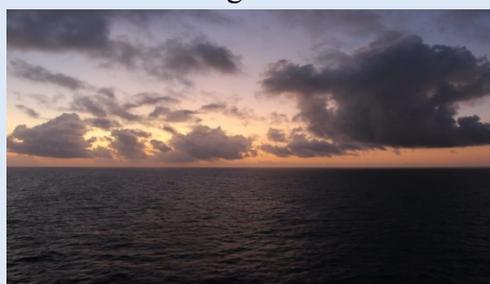
E nesse cruzamento transbordante de possibilidades, levo comigo a escritura de Leda Maria Martins: A história dos negros nas Américas escreve-se numa narrativa de migrações e travessias, nas quais a vivência do sagrado, de modo singular, constitui um índice de resistência cultural e de sobrevivência étnica, política e social. (Martins, 2021, p.30)

ÁGUAS

OCEANOS

TRAVESSIA

Figura 3

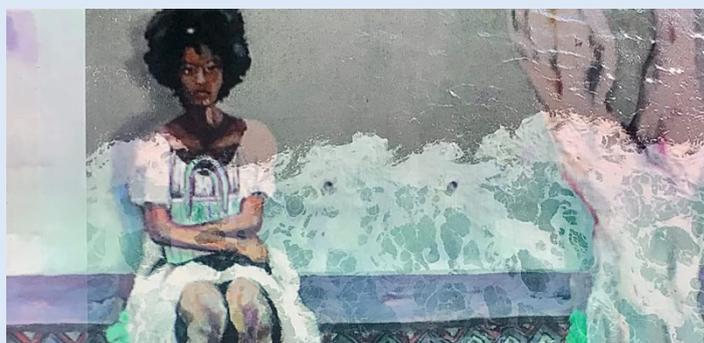


## 1.2 DO TERRITÓRIO DAS MINHAS VIVÊNCIAS

[Voltar](#)

“Os modos de vida inspiram maneiras de pensar, os modos de pensar criam maneiras de viver.” (Deleuze, 1994, p.17)

Figura 4



1

(...) não há território sem um vetor de saída do território, e não há saída do território, ou seja, desterritorialização, sem, ao mesmo tempo, um esforço para se reterritorializar em outra parte. (Deleuze, 1997, p.99)

No meu entendimento, pensar o ensino de Arte requer a compreensão de que como as demais linguagens, as expressões artísticas se fazem presentes, como parte integrante de nosso cotidiano. Os objetos que nos rodeiam, a comunicação visual, as produções sonoras além das

<sup>1</sup> Através do [link](#) está a página, “Expressão artística de Silvia Carvalho”, uma galeria organizada com todas as obras da artista presentes neste trabalho.

obras artísticas em si são impregnadas de intenção estética e carregadas de símbolos. Interpretá-los faz parte de um conhecimento que pode e deve ser construído na escola, portanto é preciso o entendimento de que o conhecimento dos elementos formais e simbólicos de uma produção artística e as relações que estabelecem entre si quando se organizam no espaço e no tempo precisam ser abordados para possibilitar aos estudantes a percepção e a representação de sua experiência de vida.

Nesse sentido amplo do contexto formativo para o ensino de Arte, me posiciono em aprendizagem neste processo de pesquisa, e uso este termo entendido como neologismo defendido por alguns pesquisadores da pedagogia, como a francesa Hélène Trocmé- Fabre e o brasileiro Hugo Assman que apontam para a necessidade de se pensar a experiência de aprendizagem como um estado de estar-em-processo-de aprender que é indissociável da dinâmica do estar vivo. “Quem ensina apenas há de mostrar pistas, insinua ritmos para a dança das linguagens.” (Assman, 2011, p. 71). E nesse âmbito também, encontro concordância na ideia defendida por Paulo Freire ao se referir à importância de sabermos enunciar perguntas em nossas práticas educativas: “Só uma Educação da pergunta aguça, a curiosidade a estimula e a reforça”. (Freire, 2012, p. 29).

E ainda ouso, nesta composição investigativa em aprendizagem, não utilizar legendas nas imagens, assim como observei na escrita de outros pesquisadores e pesquisadoras contemporâneos das áreas artísticas. Trago cada imagem nesta escrita a partir dos conceitos construídos por Didi-Huberman, onde a Imagem é considerada elemento de conhecimento e não ilustração porque não é vista estaticamente, mas em movimento, como arte da memória, da experiência, como o conceito de imagem dialética, definido pelo filósofo alemão Walter Benjamim (1892-1940). Nessa contextura da obra de ambos, Benjamim e Huberman, a imagem é vista não como ilustração ou figura, mas como “clarão”, em que o presente e o passado ou ainda, o instante e a memória, se transpõem e deixam divisar o futuro. Portanto, entendo que na articulação da imagem e memória, o lugar do sujeito é resgatado na percepção da imagem, assim como eu, autora da escolha imagética, ao lançar o olhar sobre a imagem criada ou escolhida e aqui manifestada, fui e sou olhada por ela.

Figura 5



2

Neste contexto imagético, a proposição é de interação e diálogo. As imagens aqui compartilhadas não são meramente ilustrativas, fazem parte deste processo, foram concebidas no fluxo das interações artístico literárias e estão neste conjunto de escrita para serem fruídas e lidas. São imagens captadas durante este processo de doutorado e relatam emoções, ações, construções, composições, representações, incluindo neste trajeto de conexão, algumas imagens registradas por minha filha Isabel Helena e sua amiga Kamile Hannah Freire e as criações poéticas com pigmentos minerais e fotopinturas da amiga e artista Silvia Carvalho que me acompanharam neste percurso.

A literatura, o Teatro, a Dança, a Música e as Artes Visuais, que comunicam e expressam o pensar cultural, e seus elementos socialmente construídos artisticamente exprimindo sentidos e sentimentos nas suas diferentes formas de representação, estão inseridos no contexto escolar em que atuo, mesmo, que por vezes, num espaço curricular restrito.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) promulgada em 20 de dezembro de 1996 ao deflagrar uma série de modificações no cenário educacional brasileiro, especificamente para as linguagens artísticas, com a mudança de nomenclatura – de Educação Artística para Arte – associada aos parâmetros de cada uma das linguagens artísticas; e a Lei nº 10.639, promulgada em janeiro de 2003, que veio com a determinante de que a diversidade

---

<sup>2 2</sup> Através do [link](#) está a página, “Expressão artística de Silvia Carvalho”, uma galeria organizada com todas as obras da artista presentes neste trabalho.

étnico-racial precisa estar no âmbito educacional com a intencionalidade de valorização da história e da cultura dos povos negros, para que ocorra a construção educacional antirracista, e nesta intencionalidade institui a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana no currículo da Educação Básica; destacam as áreas de Arte em sua abrangência de áreas e de Literatura, neste contexto textual separadamente citada, como imprescindíveis nas suas consolidações legais. E ainda, neste cenário de legislação a Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008, estabelece as diretrizes e bases da Educação nacional, determinando a obrigatoriedade de incluir no currículo da rede de ensino básico o estudo da temática “História, Cultura Afro-brasileira e Indígena”, determinando que a sua inserção deve acontecer em todo o currículo escolar, devendo estar presente em todas as disciplinas, áreas do conhecimento ou outra forma de organização curricular de cada escola.

Para esta tese é importante ressaltar que a aprovação das leis, que consideram a realidade de diferentes grupos sociais, (como é o caso da Lei 10.639 sobre a obrigatoriedade do ensino da história da África e da Lei 11.645, que prevê o ensino sobre os indígenas, dentre outras) foi caracterizada pela luta de diversos atores. Como ilustram Silva e Edson (2011)

Nas últimas décadas, em novos cenários políticos, os movimentos sociais, com diferentes atores, conquistaram e ocuparam seus espaços, reivindicando o reconhecimento e o respeito às sociodiversidades. Identidades foram afirmadas e diferentes expressões socioculturais passaram a ser reconhecidas e respeitadas, o que exigiu discussões, formulações e fiscalizações de políticas públicas que respondam às demandas de direitos sociais específicos. (Silva; Edson, 2011, p. 124.)

Sendo assim, a consideração pelas sociodiversidades demanda uma expansão de seu conceito, entendendo que estas envolvem uma variedade de indivíduos com distintas histórias de vida, representações, experiências, identidades, crenças e valores. Estes elementos permeiam os ambientes por onde transitam, influenciando as relações que estabelecem com o mundo, respeitando suas singularidades e afinidades. Um desses direitos que é o da Educação tem “o desafio de construir e implementar propostas voltadas para um a pedagogia da diversidade e assim construir uma proposta mais coletiva.” (Gomes; Gonçalves e Silva, 2015, p. 19)

Destarte, a Lei 10.639/03 tem alterações em seu texto pela Lei 11.645/08, que aponta para a introdução da história e cultura africana e afro-brasileira no currículo escolar brasileiro:

§ 2º Os conteúdos referentes à história e cultura afro-brasileira e dos povos indígenas brasileiros serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação artística e de literatura e história brasileiras. (Brasil, 2008).

Neste contexto, conforme os debates nas disciplinas que cursei no doutorado, o objetivo do Artigo 26-A da Lei 10.639/03, é reposicionar o negro e as relações raciais no mundo da Educação, o que requer inserir conteúdos, rever práticas e posturas pedagógicas, materiais e métodos pedagógicos, conceitos e paradigmas. Além disso, visa transformar as práticas de Educação das relações raciais no cotidiano escolar (marcado pela reprodução da discriminação e pelo silenciamento diante do racismo), e transversalizar a discussão pelas diferentes disciplinas. Enfim, uma pauta bastante robusta, diversa e complexa que se insere diretamente nos jogos de poder em todos os âmbitos de construção e regulação das práticas educativas.

Portanto, conforme as leis acima citadas, a Secretaria Municipal de Educação de Florianópolis, assim como outras instâncias sociais do campo educacional, precisou conduzir encaminhamentos que favorecessem a adequação às demandas legais determinantes do momento histórico vivenciado. Para atender esta demanda, o que iniciou em 1997, com o Movimento de Reorganização Didática (MRD) da Educação Básica de Florianópolis, em um amplo processo de discussão com e para a RME de Ensino, por iniciativa da SME de Florianópolis, tem sido redimensionado em termos curriculares em todas as gestões, atendendo gradativamente as demandas educacionais.

O MRD em Florianópolis, enquanto política de gestão, transformou a estrutura organizacional do ensino de Arte, ao implantar o ensino curricular desta área do conhecimento com habilitações específicas nas escolas da RME de Florianópolis, que até então aconteciam mais amplamente, através de projetos de forma extracurricular e sem seguridade de continuidade nas mudanças de gestores; e nesse mesmo entendimento, no âmbito da Educação para as Relações Étnico-raciais (ERER), fomentou as discussões que originaram os documentos publicados no âmbito na RME de Florianópolis a partir de 2005.

Neste cenário político educacional, eu que até então, atuava como professora substituta tendo vínculos trabalhistas temporários, me efetivei no primeiro concurso público municipal em 1998 para contratação de professores com formação específica em Música, Teatro e Artes Visuais, e desde este período muitas mudanças curriculares aconteceram, tanto que atualmente a RME de Florianópolis possui em seu quadro de docentes 106 professores de Artes, incluindo docentes efetivos para o ensino de Dança.

A Arte, como componente curricular no cenário nacional, constitui-se por linguagens específicas – Artes Visuais, Dança, Teatro e Música –, áreas da linguagem construídas a partir de códigos e materiais próprios e assumindo diversas funções sociais, através das quais os sujeitos constroem significações nas suas relações com o outro e com o mundo. Portanto, o fazer em Arte se constitui em atividade intencional, criativa e construtora de identidades.

O entendimento do ensino de Arte enquanto área de linguagem que tem a capacidade de expressar pensamentos e sentimentos num idioma que ultrapassa fronteiras, etnias, épocas e credos, tem favorecido a elaboração do pensamento social, ampliado o repertório linguístico dos docentes e estudantes e auxiliado na ampliação de manifestações artísticas e na criação de possibilidades culturais. Sendo assim, no fazer artístico além da criação, ocorre a ampliação da criticidade e o favorecimento do domínio de interpretação de símbolos que em nossa sociedade contemporânea existem em uma infinidade de códigos que precisam ser entendidos e para que isso ocorra é necessário o ensino das áreas artísticas considerando as suas especificidades.

E é nessa conjuntura, que tendo minhas ações constituídas como professora artista e pesquisadora, busco ampliar os referenciais estéticos, apropriar-me de elementos discursivos presentes no meu contexto cultural e em outros contextos e experienciar; porque sinto que esta tríade, me constitui profissionalmente. Sendo assim, na complexidade da expressividade artístico pedagógica me desafio, com reflexões de pesquisadores que defendem novas metodologias de pesquisas em Arte e com Arte, como:

Artistas se envolvem em investigações artísticas que os auxiliam a explorar questões, temas ou ideias que inspiram suas curiosidades e sensibilidades estéticas. Já educadores se envolvem em investigações educacionais que os ajudam a estudar assuntos, tópicos e conceitos que influenciam nas suas aprendizagens, assim como nas maneiras de aprender a aprender (Dias; Irwin, 2013, p. 29).

Figura 6



3

Entretanto, penso que o desafio do investigador deve ser mais ambicioso e tentar desenvolver paralelamente narrativas autônomas (textual e visual) que se complementam, entrecruzam e permitindo que surja espaço para criar novos significados e relações (Hernández, 2013, p. 50)

<sup>3</sup> Através do [link](#) está a página, “Expressão artística de Silvia Carvalho”, uma galeria organizada com todas as obras da artista presentes neste trabalho.

Portanto a aproximação com autores de temática africana e afro-brasileira, e de suas produções literárias, me possibilita a ampliação de repertório cultural e favorece a minha apropriação de elementos narrativos e conceituais imprescindíveis para o fortalecimento de uma Educação antirracista que almejo contribuir e efetivamente participar sendo professora artista e pesquisadora.

No âmbito das relações étnico raciais, no ensino de Arte, principalmente no contexto da RME de Florianópolis, os conteúdos de matriz africana e afro-brasileira, conforme os documentos curriculares, demandam abordagens interdisciplinares, transversais e contextualizadas, principalmente pela transitoriedade e abrangência de conceitos, polissemias, polifonias e temáticas de âmbito cultural, e esta referida abrangência me motiva constantemente a investigar possibilidades diferenciadas de ensino e aprendizagem.

Considerando a literatura de temática africana e afro-brasileira como um campo fértil e lúdico para a apropriação de elementos linguísticos e estéticos, inseridos como linguagem e manifestação artística das palavras, entendi também, ser imprescindível a articulação interdisciplinar artística nesta minha construção de caminhos pedagógicos como participe consciente na desconstrução da invisibilidade cultural negra.

Esta trajetória de pesquisa concebida com elementos textuais, imagens, composições sonoras, experimentações corporais, relatos das experiências, tendo como bússola criativa as publicações literárias dos autores que escolhi para este percurso, numa proposição cartográfica estética, constituindo nesta navegação artístico literária, propostas pedagógicas que aqui irei compartilhar, no entendimento de que outros profissionais e estudantes, possam aproveitar este mergulho materializado em tese, e assim como eu, ampliar seus referenciais estéticos em diferentes possibilidades narrativas, pois “A palavra ficcional arrebatava o leitor para um tempo e espaço que não são os seus. Desse modo, ele experimenta um viver distante do seu, ao mesmo tempo tão próximo, e, ao voltar desse encontro ficcional, já não é o mesmo; ele é capaz de reconfigurar o seu viver” (Debus, 2017).

No percurso, escolhas precisaram ser feitas, não somente dos conceitos e das pessoas que defendem teorias que balizam meus posicionamentos de escrita, mas também a difícil escolha da rota como caminho metodológico, e sendo assim, organizei em um repositório virtual alguns materiais e criações que deixo disponível nesta tese através de convites com QR code.

O doutorado me oportunizou conhecer autores e autoras de Literatura Infantil na

temática de literatura africana e afro-brasileira, e aqui cito alguns Sonia Rosa, Paulina Chiziane, Fábio Simões, Celso Celestino Cossa, pessoas que tive a oportunidade de conhecer, ouvir, ler seus escritos e de desenvolver trabalhos cênicos literários, mas precisei escolher... E como é difícil escolher... E nesta imersão artístico literária, a escolha dos autores moçambicanos Pedro Pereira Lopes e Mauro Brito aconteceu pelas aproximações que eu obtive nos espaços formativos durante os estudos de doutoramento, incluindo algumas edições do Seminário de Literatura Infantil e Juvenil (SLIJ) e do Seminário Internacional de Literatura Infantil e Juvenil e Práticas de Mediação Literária (SELIPRAM). E com a aproximação, vínculos afetivos se estabeleceram. Foram momentos preciosos de leitura, conversas, cafés, passeios, observação, apreciação, participação de fazeres pedagógicos e artísticos, experimentação e produção artístico literária, expandidos para espaços formativos e de criação individual e coletiva.

A escolha pelas autoras brasileiras Madu Costa e Heloisa Pires Lima, além da apreciação das suas escritas, aconteceu pela admiração da história de vida que me aproxima das mulheres que me antecederam no âmbito familiar e das ações pedagógicas, ambas como eu são professoras artistas e pesquisadoras,

Por se tratar de uma pesquisa educacional baseada em Arte, esta tese corporifica processos artísticos e tem como referência a A/r/tografia, que:

[...]é uma forma de representação que privilegia tanto o texto (escrito) quanto a imagem (visual) quando eles se encontram em momentos de mestiçagem e hibridização. A/R/T é uma metáfora para :Artist (artista), Researcher (pesquisador), Teacher (professor) e grafia: (escrita/representação). Na a/r/tografia saber, fazer e realizar se fundem. Elas se fundem e se dispersam criando uma linguagem mestiça, híbrida. Linguagem de fronteiras da auto e etnografia e de gêneros. O Aerógrafo, o praticante da artografia, integra estes múltiplos e flexíveis papéis na sua vida profissional[...] (Dias; Irwin, 2013, p.25)

Abrangendo em sua metodologia a cartografia, inspirada por Deleuze; Guattari (1995) e seguindo referências de Passos; Barros (2015) e Barros; Kastrup (2015). Ainda que Deleuze e Guattari tenham escrito pouco a respeito da Educação especificamente e acerca do ato de pesquisar, as noções, as práticas e os conceitos problematizados por esses autores têm impactado, nos últimos anos, diversas investigações não só no campo educativo, mas também nas pesquisas decorrentes das ciências humanas, e principalmente nas Artes.

Os autores Deleuze e Guattari, trazem em seus escritos a base conceitual utilizada nos estudos em Pesquisa Baseada em Arte (PBA) e em Pesquisa Educacional Baseada em Arte (PEBA) reconhecidos como processos em A/r/tografia, e neste sentido primeiro destaca-se a ideia de rizoma, no qual a cartografia aparece como um dos seus princípios “A cartografia surge

como um princípio do rizoma que atesta, no pensamento, sua força performática, sua pragmática um princípio inteiramente voltado para uma experiência ancorada no real”. (Deleuze, 1995, p.21)

Estes autores denominam a proposta metodológica como cartográfica, justamente porque em um mapa nada se transfere por pressão ou cópia, não há um sentido exclusivo para a sua experimentação nem uma mesma entrada. Nesse contexto a cartografia é composta por um campo metodológico menos cartesiano, onde podem transitar as vozes e as experiências individuais dos envolvidos, pois segundo os autores, uma realidade sendo cartografada se apresenta como mapa móvel, de modo que tudo aquilo que pode aparentar uma mesma coisa, na verdade, é um concentrado de significação, de saber e de poder.

A escolha por este caminho híbrido metodológico, ocorreu pela constatação da sua utilização por artistas na Arte Contemporânea, principalmente na maneira como organizam e apresentam seus trabalhos, mostrando não só um objeto de pesquisa, mas também, o percurso, os seus desdobramentos e as possíveis redes que a ele se conectam. No contexto desta pesquisa, melhor dizendo num processo de A/r/tografia entre Literatura, Artes Visuais, Música, Teatro, Dança no campo educacional, cartografar é perceber os contextos e seus elementos por meio da experiência, do deixar vir e trazer isso a uma proposição dialógica de maneira poética.

Para o campo da Arte, a cartografia é a experimentação do pensamento ancorado no real, é a experiência entendida como um saber-fazer, isto é, um saber que emerge do fazer (Kastrup, 2010, p 18), com base na construção do conhecimento e da atenção que configura o campo perceptivo da produção artística. O sentido da cartografia poética é de acompanhamento de percursos, aplicação em processos de produção, conexões de rede ou rizomas.

O mapa é aberto, é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente. Ele pode ser rasgado, revertido, adaptar-se a montagens de qualquer natureza, ser preparado por um indivíduo um grupo, uma formação social. Pode-se desenhá-lo numa parede, concebê-lo como obra de arte, construí-lo como uma ação política ou como uma meditação [...] um mapa é questão de performance. (Deleuze; Guattari, 1995, p. 22).

Portanto, no fazer artográfico ao escolher também aspectos da Cartografia como estratégia metodológica insurge a possibilidade diferenciada de vivências e proposições artísticas e pedagógicas, pois nesta opção metodológica existe a compreensão da pesquisa como um mapa que possibilita múltiplas entradas, concentrado na experiência investigativa, na localização de pistas e de signos do processo em curso e onde é possível transitar livremente, assim como ocorre nas manifestações de linguagem artística.

E assim, no movimento criativo desta escrita, onde o próprio título da pesquisa enquanto

convite para leituras, mudou muitas vezes, me permiti tentar transitar como artista entre a forma que eu até então conhecia de expor os meus pensamentos e a experiência de compartilhamento do processo que segue o fluxo de inspirações onde os pensamentos moventes em Arte circulam e percorrem narrativas da memória promovendo movimentos e conexões.

Me inspirei em pesquisadores contemporâneos e em suas teses que como presentes me chegaram as mãos e em especial a última produção acadêmica de Renata Frazão Matsuo(2023). Desse modo optei, com base na dimensão rizomática da metodologia escolhida, em fluxos de escrita, e assim pensei os capítulos como correntes oceânicas ou marítimas e em seus movimentos, portanto os capítulos são também identificados por cores para propiciar ao leitor a experiência de escolhas e retornos de maneira diferenciada.

Neste movimento textual, o primeiro capítulo, considerado no meu entendimento como a primeira afluência no desenvolvimento desta tese, recebe o título de fluxo das inspirações e neste espaço eu apresento elementos da minha identidade e memória como artista, professora e pesquisadora, contendo em pensamentos moventes as categorias basilares da temática escolhida, em movimentos exploratórios os elementos textuais de historicidade, e ainda, o contexto artístico-literário na composição do percurso criativo.

Em outra afluência, enquanto segundo capítulo desta tese, que denominei como Poéticas e Experiências Estéticas, apresento os autores Mauro Brito e Pedro Pereira Lopes e as autoras Madu Costa e Heloisa Pires Lima e nesse contexto, relato os diferentes encontros artísticos literários.

E na terceira afluência, que identifico como Transpondo Oceanos, compartilho elementos da Curadoria Educativa e das Conexões Transdisciplinares que fizeram parte desta trajetória experimental de uma pesquisa educacional baseada em Arte.

E por terem sido tantos os momentos de aprendizagem, as experiências pulsaram e vivi como um transbordo em meu ser. E sendo assim, rogando a bênção da minha ancestralidade, compartilho nesta composição de linguagens a viagem em busca de conhecimento artístico-literário, onde ao transpor oceanos vislumbro o azul-marinho e transcrevo a pluralidade do meu viver com Arte.

Figura 7



No mar “estivemos à mercê de seus humores, de suas variações, de suas núpcias com a Lua. É um conhecimento quase empático: perceber o temperamento do mar. Escorregar entre suas ondas, mover-se entre suas forças” (Oliveira, 2012, p. 165).

## 2 FLUXO DAS INSPIRAÇÕES

[Voltar](#)

A Arte, a literatura, em especial, enquanto culto da palavra, das linguagens e do imaginário, é um dos palcos, por excelência, privilegiado pela humanidade na busca interminável de respostas ou do aprofundamento das questões sempre movediças e desconcertantes inerentes à identidade e à existência. (Noa, 2018, p.30)

Com o entendimento de que a vida, do latim *vita*, significa existir; e que existir, para nós, seres humanos, implica em estabelecer, permanentemente, relações com os objetos, com os acontecimentos, com as pessoas, com os lugares, com os tempos, enfim, com a história e com as culturas, ousou afirmar que viver é, pois, usufruir da condição de realizar incessantemente atividades, de pensar, de inventar, de recriar, de mudar, de agir, de transformar, de descobrir, de sonhar, de caminhar, de inquietar-me e de falar.

Vivendo tenho construído a minha memória e minha identidade, ambas constitutivas uma da outra, ambas constitutivas da minha integralidade enquanto mulher, que além de diferentes papéis sociais, optou em ser artista professora e pesquisadora.

Sob este prisma, a memória não é a resultante de um processo meramente linear ou individual, mas é dinâmica e seletiva, é social e coletiva. Como tal, está sujeita às mudanças, flutuações e transformações impulsionadas pelas relações e experiências vividas.

Sobre a memória, Michael Pollack (1992) afirma que ela é constituída por acontecimentos, por pessoas ou personagens e lugares e, acrescenta:



Ainda no caminho das recordações, convido-lhe a conhecer o poema “Gravatas” de Solano Trindade comigo, através deste [link](#) ou realizando a leitura do QRcode.

Podemos, portanto, dizer que a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua

Figura 8  
reconstrução de si. (p. 205)

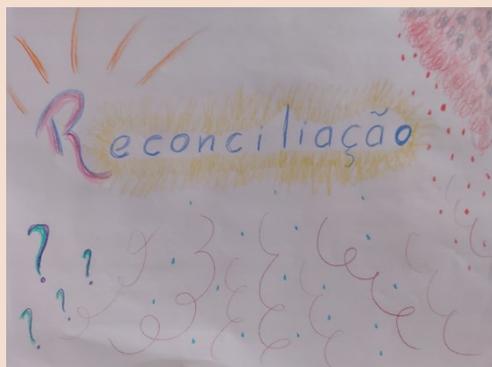
Nesta pesquisa, a reflexão sobre as leituras, vivências artísticas, pedagógicas e encontros

literários, realizados durante todo o processo de discente no doutoramento, é muito mais do que um exercício de articular informações e referências bibliográficas com o objeto de pesquisa, no meu entendimento esta atividade de escrita se configura em um ensaio reflexivo e experimental da minha memória individual dialogando com fragmentos da memória coletiva do contexto social em que estou inserida.

E assim, me idêntico neste processo com o professor Doutor Belidson Dias, quando afirma:

Foi durante o meu processo de desenvolvimento metodológico da pesquisa que apreciei e analisei atentamente como o meu próprio trabalho artístico, e as minhas práticas como arte/educador, moldaram a possibilidade de entremear, tricotar, associar e, sobretudo recortar e colar noções de identidade, representação, pedagogia, “queeridade”, visualidade, expectativa e fronteiras culturais para compor a pesquisa de doutorado. (Dias; Irwin, 2013, p.201)

Figura 9



Música instrumental, leitura de poemas ...  
a representação plástica criada anteriormente  
com uma folha de cartolina e lápis de cor



Reverendo memórias emocionais...  
Fixar a primeira representação em outro suporte de papel e realizar uma criação com colagem

Neste percurso de leituras, escritas e vivências, muitas parcerias de criação foram formadas, entre elas, as imersões contemplativas com a amiga e arte terapeuta Cau Holleben tendo como inspiração a escuta de músicas instrumentais e o texto poético de Mauro Brito.

a saudade é um fio de luz  
 uma vela que não se fecha  
 dentro das vozes que sonham  
 na música silenciosa  
 das imagens que pedra a pedra construímos

nos olhos de quem pensa sem pensar  
 nas imagens e emoções  
 decoradas com carinho

saudades  
 sabores sem nome  
 que cabem  
 nas mãos e abraços que tocamos.  
 (Brito, 2019, n.p.)

Neste processo de pesquisa, aprendi que a vivência de uma experiência estética acontece quando nos conectamos com nosso estado sensível. Entendo que no contexto de encontros com a Arte, é essencial estar aberta e receptiva à poesia, permitindo que a beleza e a profundidade da expressão artística me envolvam e transformem.

Dentre as atividades pedagógicas e artísticas que compõem o portfólio desta pesquisa, está o meu último encontro com o amigo, contador de histórias (como ele gostaria de ser sempre lembrado) Toni Edson. Ele que, como eu, era professor, pesquisador e artista, naquela manhã de sábado, em um encontro formativo do Contarolando, afirmou durante a oficina de performance narrativa, que a experiência estética é um acontecimento no fluxo da vida e que quando estamos em um estado sensível (artisticamente falando), nos conectamos com sensações que se metamorfoseiam por meio dos ritmos e cadências de linguagem que ecoam na memória.

E realmente continuam ecoando...

Portanto na hibridez metodológica que assumi, as rotas alternativas do processo vivenciado, incluindo os instrumentos de experimentação, ou ainda os instrumentos de navegação (como gosto de pensar na minha poética de escrita flutuante), fazem parte da elaboração da tese, considerando que cada atividade que participei, criei ou propus, neste período dos estudos de doutorado, estiveram mergulhadas na Literatura Infantil de temática africana e afro-brasileira e configuram-se em composições artísticas.

Durante a pandemia, foram várias as atividades online e dentre elas participei como organizadora do VII Seminário de Música e VI Encontro das Artes, promovido pela Secretaria Municipal de Educação. Nesse evento, a professora doutora Vânia Müller em sua apresentação, destacou da tradição africana, a Sankofa, como um dos símbolos adinkra, e eu que até então desconhecia o seu significado, apesar de já ter percebido, anteriormente, em alguns materiais a sua imagem, retive sua importância como um elemento mobilizador nesta jornada de escrita.

Figura 10



A minha representação de Sankofa é simples e foi elaborada em um exercício de construção imagética tendo como suporte de criação a tela do celular. Mas esta experiência criativa reforça o significado das informações recebidas, porque é assim que eu me conduzo como pesquisadora, professora e artista, experienciando cotidianamente.

Ressalto que a Sankofa pode ser compreendida em sua significância como “Nunca é tarde para voltar e apanhar o que ficou atrás. Símbolo da sabedoria de aprender com o passado para construir o futuro.” (Nascimento; Gá, 2009, p. 40-41), e que tem sua representatividade na expressão composta por uma palavra/provérbio complementada por um desenho/símbolo em formato circular, representando uma forma única de oralidade escrita ou de escritura oralizada. Então nunca é tarde e como o período de estudos do doutorado, desde o início foi repleto de intercorrências, incluindo a descoberta do câncer da minha mãe, a cirrose medicamentosa de meu pai, cirurgias, tratamentos médicos, morar meses em um hospital como acompanhante, a pandemia, a partida da minha mãe, a contaminação familiar com COVID, a partida do meu pai, os lutos, os inventários, a internação do marido, as minhas doenças emocionais...enfim...Navegação nada fácil, aliás, períodos nada fáceis para todos no contexto

mais amplo em que vivemos historicamente, porém de muitos aprendizados.

Com base no já aludido anteriormente, os acontecimentos vividos, as pessoas e os lugares com que eu me relacionei marcam a minha memória e demarcam a minha identidade. É oportuno destacar que os acontecimentos vividos individualmente se articulam com os acontecimentos apreendidos em tempos e lugares longínquos, através da socialização histórica e política, constituindo uma totalidade carregada de sentido e significados. Além disso, reconheço que não somente os acontecimentos, mas as pessoas ou personagens com quem me encontrei e me relacionei na minha trajetória de vida, no mesmo tempo e espaço, ou em tempos e espaços distantes exerceram e exercem uma força decisiva na construção de minha memória.

Segundo Jorge Larrosa a “experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca” (2002, p.21). Portanto, a experiência é intrinsecamente uma ação ativa, uma vivência pessoal na qual nos tornamos sujeitos ativos. Não é possível ter experiências por meio de terceiros; podemos compreendê-las, mas não podemos de fato vivenciá-las.

Nessa escrita de tese parto do princípio de que, a reflexão sobre o próprio percurso formativo e a elaboração artística em narrativa pessoal, ativa diferentes campos de aprendizagem que podem resultar na geração de saberes e na partilha de conhecimentos que, por vezes, são negligenciados no processo convencional de Educação escolar.

Entendo que para continuar me constituindo como professora mediadora de proposições artísticas preciso estar nutrida em Arte e especialmente nutrida esteticamente para que ocorra a construção de significados como pesquisadora.

Conforme a metodologia que escolhi para esta pesquisa, o ato de escrever os processos investigativos e as reflexões teóricas entrelaçando a minha própria história de vida, implica em explorar experiências pessoais e, com base nelas, gerar novos conhecimentos e competências que permeiam a esfera da vida cotidiana, da carreira profissional e da trajetória formativa. Sendo assim, compartilhar essas experiências envolve não apenas a disseminação de conhecimentos formais e acadêmicos, mas também a partilha de saberes provenientes da minha existência.

Engajar-se em pesquisa utilizando PBA e PEBA é um ato criativo em *si e per si*. O convite ao leitor, nessas metodologias, é diferente do apelo da pesquisa tradicional, pois está baseado no conceito de que o sentido não é encontrado, mas construído e que o ato da interpretação construtiva é um evento criativo. (Dias; Irwin, 2013, p.23)

E foi assim, que eu compreendi o meu caminho de pesquisa, entrelaçando a escrita e as vivências artísticas. A pesquisa foi acontecendo desde o ingresso no doutorado, quando me

permiti desconstruir verdades que eu carregava como bagagem cultural. Cada disciplina cursada, cada trabalho coletivo ou individual, cada técnica artística vivenciada, cada momento criativo, todas as leituras e as participações em eventos, constituíram o meu portfólio artístico-literário que compõem o repositório virtual dos materiais informativos desta tese.

Neste processo de imersão reflexiva na pesquisa, aprendi que o óbvio precisa ser dito e que arriscar-me em uma proposta metodológica inovadora é adentrar espaços instáveis, porém questionadores, assim como é a Arte. E para esta afirmação, me reporto a experiência que obtive na 4ª Bienal do Mercosul em Porto Alegre, quando Mirian Celeste Martins e Giselda Maria Picosque conceberam e coordenaram o projeto de ação educativa tendo como temática: “A arte não responde, pergunta”. A ação educativa desta 4ª Bienal, provocou alterações no cenário artístico educacional brasileiro, principalmente na mudança da ação dos profissionais em espaços expositivos, de monitores para mediadores, já que não vigorava mais a preocupação absoluta em atender os públicos, mas em fazer da experiência artística, ela mesma, algo a ser percebida por todas as pessoas.

E ainda, neste fluxo de inspirações que compartilho, as narrativas presentificam-se enfatizando metáforas, porque compreendo a metáfora como elemento fundamental na Arte como área de conhecimento.

## 2.1 Pensamentos Moventes

[Voltar](#)

Figura 13



Figura 12



Figura 11



Criar é, basicamente, formar. É poder dar forma a algo novo. Em qualquer que seja o campo da atividade, trata-se nesse “novo”, de novas coerências que se estabelecem para a mente humana, fenômenos relacionados de modo novo e compreendidos em termos novos. O ato criador abrange, portanto, a capacidade de compreender e esta, por sua vez, a de relacionar, ordenar, configurar, significar. (Ostrower, 2007, p.9)

Neste processo de imersão na pesquisa, voltei a produzir artisticamente com argila, no período em que recebi de Mauro Brito o seu livro *A Estranha Metamorfose de Thandi*. A sua escrita poética me fez lembrar da oficina de cerâmica que cursei na infância na antiga Escolinha de Artes de Florianópolis, situada no piso inferior da Biblioteca Pública Estadual, onde as atividades sempre iniciavam com uma contação de histórias e também emergiu das minhas memórias as atividades desenvolvidas anos mais tarde, já atuando na docência em Arte, em parceria com a professora Tânia Ramires, de Artes Visuais que trabalhava com cerâmica na RME.

No meu processo de experimentações, o ato de moldar com argila representa a mobilização criativa caracterizada pela metamorfose de uma massa informada em uma produção artística tridimensional, e que para este processo de escrita, reportei simbolicamente, conferindo a maleabilidade e a capacidade da argila enquanto matéria-prima de ser suporte para a expressividade artística, como uma tela singular no processo criativo.

Necessitei moldar para me refazer, para me resgatar enquanto artista e lembrar de ir

acrescentando os fragmentos relevantes para a criação de algo novo. E me inspirei em Reinata Sadimba<sup>4</sup>, que é artista plástica moçambicana pertencente ao povo Makonde, que iniciou fazendo potes de cerâmica com a sua mãe e que na atualidade é reconhecida mundialmente como uma das artistas mais importantes no Continente africano.

E inspirada em Reinata Sadimba e nos autores que escolhi para a imersão na Literatura Infantil, lembrando que, a linguagem literária pode comunicar a todas as idades, e que não somente a adulta que habita em mim, mas a menina que me acompanha sempre e que eu faço questão de convidá-la para as experimentações artísticas e vivências literárias, presentificou-se em todas as etapas desta navegação por mares desconhecidos.

Identifiquei a minha menina interior neste processo de pesquisa, dançando no mesmo curso em que busquei elementos da minha ancestralidade. O trabalho que desenvolvi tendo como base a produção literária de Madu Costa levaram os meus pés para a textualidade nos elementos da corporalidade em Dança.

E nessa travessia, onde os pés levam e as mãos moldam, os pensamentos são transpostos e constroem artesanalmente as fluências que compõem cartograficamente os conceitos apreendidos na aspiração poética textual. Portanto, nesta tese, o conceito de texto que utilizo está baseado nos estudos de Greimas e Courteés (1989, p.460), onde ambos os termos texto e discurso – podem ser utilizados “para designar o eixo sintagmático das semióticas não - linguísticas: um ritual, um balé, podem ser considerados como textos (...)”

No âmbito deste estudo, considera-se o texto como uma unidade de análise, um conjunto de significado com coerência interna e delimitação. Sua relevância transcende o mero domínio espacial, estendendo-se também ao elemento temporal. É do texto ou do discurso nele inserido que o significado se revelará, ganhando sentido ao encontrar o enunciatório responsável por atribuir-lhe significado.

Para tal entendimento me reporto a Landowski que afirma:

(...) qualquer que seja o meio de expressão utilizado (verbal ou outro), mal acabamos de nos “expressar”, e já não nos pertencem mais as formas -palavras, gestos, etc – que, no entanto, cuidadosamente escolhêramos para produzir certo sentido, e não outro. Falando, gesticulando, o sujeito cria materialmente um dado “enunciado”, o qual uma vez produzido, existe como objeto autônomo, disjunto de seu produtor, e, portanto, capaz de significar por si só, independentemente tanto do que o enunciador pode ter intencionado dizer ao fazê-lo existir, quanto da maneira segundo a qual a identidade ‘real’ daquele sujeito enunciador se poderia definir. (Landowski, 1995, p.240)

---

<sup>4</sup> Reinata Sadimba é uma ceramista moçambicana nascida em 1945 numa aldeia da província de Cabo Delgado, que recebeu condecoração para ordem Infante D. Henrique, pelo Presidente português Marcelo Rebelo de Sousa, no ano de 2022. A cerimônia ocorreu na embaixada portuguesa, localizada em Maputo, capital de Moçambique.

Como professora, identifico na semiótica discursiva os elementos teóricos que embasam a significação cultural, das especificidades textuais, nos diferentes objetos e manifestações de cada linguagem artística e enquanto pesquisadora, compreendo que o plano de expressão de um texto, seja ele estético ou artístico, constitui-se de elementos e procedimentos relacionais, portanto nesta tese toda a textualidade está propositalmente inserida como provocação para que ocorram diferentes leituras. Afinal, os pés conduzem, dançam e espiam.

E no mergulhar da reflexão estética e do fazer artístico, a poesia de Mauro Brito segue me inspirando:

(...) nunca é tarde para escrever cartas  
 deitar sementes ao mar  
 nunca é tarde para tudo  
 que voa e pausa  
 nos corações da humanidade  
 (Brito, 2019.n.p)

Enquanto artista, reinicio o empreendimento artesanal com uma ideia, utilizando a habilidade manual para manipular a matéria-prima, adicionando e removendo material conforme a minha visão se desdobra. O procedimento tátil e intuitivo, estabelece no meu ser uma conexão para a escrita e me reporta em reflexões para o cotidiano em sala de aula, onde uma atividade pedagógica que inclua o ato de moldar com argila, pode transcender da manipulação de um meio natural à habilidade de transformar elementos aparentemente básicos em uma manifestação única de Arte.

E foi assim, moldando, acrescentando e experimentando que esta tese foi sendo construída. O excesso retirado, a criação fluindo, as imagens e textos se formando e nessa travessia investigativa a poética dos escritores escolhidos me conduzindo e reverberando nos atos criativos “Não desespere, o mundo é vasto e encerra um grande mistério. Olha nem tudo se resolve e nem sempre há respostas[...]” (Brito, 2020, p.23)

Durante os estudos me questioneei muitas vezes sobre a metodologia de pesquisa escolhida e como eu poderia dar forma a uma tese, onde a minha intencionalidade era pensar pedagogicamente, tendo na experiência artística a transposição investigativa surgida da imersão nas narrativas dos autores moçambicanos e das autoras brasileiras que eu escolhi.

Portanto nesta primeira afluência em que nomeiei como pensamentos moventes, exponho informações sobre a opção metodológica reconhecida como a/r/tografia que “é uma Pesquisa Viva, um encontro constituído através de compreensões, experiências e representações artísticas

e textuais.”(Dias, 2013, p.28) Reforço aqui, que por ser uma pesquisa viva, ela expõe a identidade do pesquisador (Irwin; Springgay, 2013) e, nesse caso a minha identidade, assim, pode acontecer a experiência no sentido atribuído por Heidegger (2003, p. 121): “[...] algo que nos atropela, nos vem ao encontro, chega até nós, nos avassala e transforma” Nesse âmbito fui envolvida por esta proposta metodológica diferente e que me fez retomar a paixão pela pesquisa.

A opção pela terminologia de Pensamentos Moventes foi inspirada no livro de Henri Bergson (2006), que contribuiu muito nas reflexões sobre metafísica e a partir dele pondero sobre o desafio da superação individual, porque “Todo mundo pôde notar que é mais duro avançar no conhecimento de si do que no do mundo exterior”. (p. 43)

Entendo que a a/r/tografia enquanto metodologia se distingue pela importância atribuída às percepções que surgem ao longo da investigação, reconhecendo não apenas as conclusões finais, mas também o próprio processo de estudo e que nesse âmbito implica em me identificar como pesquisadora e sujeita da pesquisa.

Na a/r/tografia a pesquisadora, a professora e a artista agem simultaneamente. Minha responsabilidade vai além da simples investigação, incluindo a autorreflexão em todas as suas facetas. Ao observar e analisar minhas atuações nessas três funções, enquanto pesquisadora não apenas intervenho no processo, mas também me transformo em sujeita da pesquisa.

Conforme os estudos de Carvalho e Immianovsky (2017, p. 231) “[...] enquanto outras formas de PEBA centram-se no resultado final, a A/r/tografia está preocupada em questionamentos por meio das artes, por isso é uma metodologia baseada na prática – fazer artístico”. Nesse contexto, enquanto a/r/tógrafa reconheço o trabalho das outras pessoas e deixo-me afetar pelo processo, movimentando-me em uma produção artística, e é isso que diferencia a a/r/tografia dos outros métodos da PEBA; a Arte, nesse sentido, não é usada como foco para análise de dados.

E neste mesmo fluxo de reflexão da metodologia escolhida, trago aqui, na narrativa textual, o meu entendimento de categorias que impulsionaram o fazer artístico nesta tese.

Conforme compreendi no meu processo formativo, sendo parte constitutiva do ser humano por excelência, o ato de narrar não pode ser concebido apenas como transmissão de histórias, verídicas ou não, mas deve ser tomado como partilha e intercâmbio de experiências (Benjamin, 2012), como encontro com o outro, que afeta e é afetado pelos relatos acerca de seu percurso identitário.

Neste processo de recordar e esquecer que permeia a narrativa, a rememoração e o esquecimento tecem tramas que revelam estilos de vida (Giddens, 2002), visões de mundo,

desejos, medos, infortúnios e fracassos que marcam a existência de todas as pessoas, e, portanto, numa escrita a/r/tográfica, reflito também que o ato de narrar abrange uma relação dialética entre as condições históricas que encontro no quotidiano e a minha formação individual.

É nesta tensão entre o universal e o particular que se constitui aquilo que Leonor Arfuch (2010) chama de “espaço biográfico”, enquanto rede de significados entre os sujeitos que têm uma história comum para narrar, cada um com itinerários próprios, com tonalidades particulares, com modos de contar singulares; mas, ao mesmo tempo, perpassados pelo “repertório histórico-cultural” que lhes tangencia, ou, como diz Arfuch (2010, p. 16), enquanto “o espaço da interioridade e da afetividade que deve ser dito para existir, a (consequente) expressão pública das emoções e o peso restrito da sociedade sobre elas”.

Figura 14



5

Retomo as ponderações desta trajetória na dimensão da pesquisa literária, pela origem

---

<sup>5</sup> Através do [link](#) está a página, “Expressão artística de Silvia Carvalho”, uma galeria organizada com todas as obras da artista presentes neste trabalho.

da minha decisão em retornar para os estudos na pós-graduação, os seja os projetos de literatura que eu coordenava no âmbito da RME de Florianópolis e as ações como chefe do Departamento de Bibliotecas Escolares e Comunitárias na SME.

Dentre as atividades e projetos que estive diretamente envolvida no âmbito profissional, destaco a Semana Municipal do Livro Infantil, que foi instituída em 2010, através da Lei Municipal 8.125/2010, e em consonância com o Plano Nacional do Livro e da Leitura de 2006, criado pelos Ministérios da Educação e o da Cultura, tendo a determinante de sempre ocorrer no período em que culmina na comemoração do Dia Nacional do Livro e a data de nascimento do escritor Monteiro Lobato (18 de abril).

Minha relação com este evento é de profundo envolvimento, não somente no âmbito organizacional, mas como professora (ministrando formações), como artista (em participações cênicas) e enquanto pesquisadora (participando de seminários e eventos com trabalhos de escrita coletiva com colegas de pesquisa do Literalise). Venho participando ativamente da SMLI desde a sua origem e tive a oportunidade de coordenar 9 das 14 edições. Posso afirmar que o evento somente acontece devido as parcerias entre as diferentes instituições públicas e privadas, o que oportuniza aos munícipes e turistas, vivências artístico literárias em diferentes locais de Florianópolis.

E foi através deste evento que iniciou a minha aproximação com o Literalise:

Grupo de pesquisa em Literatura Infantil e Juvenil e Práticas de Mediação Literária, da Universidade Federal de Santa Catarina, (UFSC/CNPq), criado em 2012, conta com pesquisadoras/es de diferentes níveis de formação (Graduação e Pós-Graduação) e atuação (Educação Básica e Ensino Superior). O grupo tem o objetivo de fomentar discussões sobre o papel da Literatura Infantil e juvenil no cenário contemporâneo, em particular no que diz respeito a formação leitora. Fomentação e divulgação da literatura infância e juventude produzida em Santa Catarina e a literatura para infância e juventude em dinâmica com a Educação das Relações Étnico-Raciais (Literalise)<sup>6</sup>

A participação do Grupo de Pesquisa Literalise, na SMLI tem acontecido em todas as edições através de organização de seminários, exposição de livros artesanais e lançamento de livros, configurando-se como uma importante parceria com a SME, fortalecendo ações de extensão e ampliando as intervenções literárias no território da capital catarinense.

Na composição cartográfica da minha construção de conhecimento literário o Literalise tem uma importância ímpar, principalmente a partir de 2017 quando passei de admiradora e leitora das produções do grupo de pesquisa para integrante ativa.

---

<sup>6</sup> Definição do grupo pesquisa e sua função, segundo sua página disponível na web. Disponível em: <https://literalise.wordpress.com/>. Acesso em: 07 de jan. 2024.

Eu que já participava dos momentos formativos literários oportunizados pela SME de Florianópolis desde o final dos anos de 1990 e que já havia tido a oportunidade de contribuir em diferentes construções documentais na área de Artes, e mais recentemente na área de Biblioteconomia (por estar desde 2011 coordenando os profissionais da rede de bibliotecários das unidades educativas que compõem o quadro civil da RME) com o Literalise, passei a experienciar com frequência o exercício de diálogos literários, escritas individuais e coletivas, atividades prazerosas da Literatura Infantil.

Ampliou-se o meu repertório literário e o entendimento do papel social das bibliotecas escolares na formação de novos leitores. Passei a compreender a possibilidade da contribuição na formação de leitores libertos de preconceitos, com senso crítico e com consciência do valor de sua identidade. Essa formação de leitores deve formar, como apontava Freire (1983) em “A importância do ato de ler”, leitores do mundo: “A leitura do mundo precede a leitura da palavra”, e deve observar os esforços que levam ao sentido de uma correta compreensão do que é a palavra escrita, a linguagem, a relação com o contexto de quem fala de quem lê e escreve e, portanto, da relação entre “leitura” do mundo e leitura da palavra.

Figura 15



Ah!  
 Para quê calçado?  
 Esqueci-me ...  
 Só lembrei de pisar  
 com respeito.  
 Chamou-me  
 o território de exploração,  
 o colorido no toque,  
 e o flutuar do pensamento.  
 Foi assim, mansidão e encantamento.

Neste período de leituras, reafirmou em meu ser, o entendimento de que a criança, enquanto ser social, emerge dentro de um contexto cultural específico e inicia sua relação com

o mundo através das interações estabelecidas com as pessoas que compartilham seu convívio. O desenvolvimento do leitor literário se inicia nos primeiros momentos da vida do ser humano, uma vez que, desde o nascimento, ele estabelece comunicação com o ambiente ao seu redor por

Figura 16

meio da linguagem.

7



Figura 18



Por onde passeiam?  
Passeiam por onde?  
Todo o corpo lê.  
E os pés?  
Espiam.

Figura 17



De acordo com Tussi e Rosing (2009) a criança nasce capacitada a interagir com o mundo que a rodeia. Essa interação é mediada pela pessoa adulta que partilha com a criança a entrada

<sup>7</sup> Nas imagens vemos livros confeccionados pelos estudantes do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Santa Catarina, sob a orientação da professora Eliane Debus, juntamente com os alunos do Instituto Federal Catarinense de Blumenau, orientados pela professora Maria Laura Pozzobon.

no mundo das ações humanas, no contexto histórico e social do qual são partícipes. Aqui reconheço a mediação como propositiva na ação literária, mas também compreendo que as relações leitoras se constituem nos relacionamentos de linguagem com quaisquer outros leitores que passam a fazer leituras pela criança, com a criança ou para a criança.

Portanto, compreendo que é durante a infância que se constroem as primeiras memórias de leitura, moldadas pela interação que ocorre nas relações estabelecidas com outros leitores.

Neste cenário, me mobiliza aprender com o entendimento que uma Educação antirracista precisa acontecer nos espaços escolares, pois é lá que os indivíduos em nossa sociedade, passam a maior parte do tempo de formação social. Este ambiente educacional é privilegiado para o combate ao racismo estrutural/epistêmico e à discriminação. Além disso, este lugar representa o espaço no qual eu, enquanto pessoa nesta sociedade, devo confrontar meus próprios preconceitos. Como educadora, é essencial que eu esteja consciente e engajada na busca pela transformação. A literatura, nesse cenário, não é apenas voltada para o leitor em formação, mas também para mim, que exerço o papel de ensinar e preciso passar por um processo de transformação contínua.

A caminhada literária inicia como preparo para a navegação que viria.

A Literatura Infantil é arte e representa o mundo e a cultura por meio da palavra e da imagem, e das possibilidades de encontros entre ambas proporciona para a criança o envolvimento com a língua e a linguagem em formas variadas e complexas. Ela descreve o mundo e, muito mais do que isso, o organiza. O contato com os livros de Literatura Infantil possibilita ao leitor a interação com a cultura, com os jogos de linguagem que o envolvem pela engenhosidade da linguagem, seja ela verbal ou visual. (Spengler, 2017, p.51)

Por onde os meus pés me levaram... para a poética... A poética representa o método de trabalho na Arte em toda a sua pluralidade, incluindo as escrituras de obras literárias. Através dela, a plasticidade da obra é produzida utilizando materiais, formas, estilos e processos criativos, configurando o aspecto artístico de maneira única, singular e, conseqüentemente, original e transgressora. A potencialidade transgressora da Arte dá origem a um domínio estético que revela algo de maneira única. Dessa forma, posso apreender sutilezas e visões do mundo humano que só são possíveis por meio da escrita literária que se configura poeticamente.

Enquanto professora compreendo que promover a Educação estética por meio da literatura significa incentivar o outro a envolver-se na leitura como deleite, apreciação e participação ativa. É oferecer desafios, estimular a curiosidade pelo texto, transformar a leitura em um momento de descobertas e reflexão, intensificando o desejo de brincar e explorar com

as palavras.

Durante a etapa de pesquisa, acompanhei o processo de criação de livros artesanais enquanto atuava no estágio docência. A experiência adquirida ao acompanhar de perto a construção desses livros revelou a afetividade no desenvolvimento de uma obra entre o artista escritor e a materialidade criativa proporcionada por processos imaginativos. Processo esse que demanda estudos, pesquisas, escrita, leitura, diversos testes, mas principalmente o fazer com as próprias mãos.

E as mãos moldam, esculpem e transformam assim também acontece o transbordamento de textualidade e leitura sensorial.

Ao longo da jornada, o meu conhecimento literário foi tomando outras proporções impulsionado pela curiosidade a cada encontro. E foram muitos... alguns cadernos de anotações... portfólio que compartilho no repositório virtual.

Diante do que aprendo e descubro, empenho-me em moldar meus pensamentos. Uma mente inquieta investigando, encontrando formas de expressão artística.

Teoria como a da *a/r/tografia* cria um momento imaginativo ao explicar os fenômenos por meio de experiências estéticas que integram saber, prática e criação: experiências que valorizam simultaneamente técnica e conteúdo por meio de atos de questionamento e experiências que valorizam complexidade e diferença por meio de um terceiro espaço. (Dias; Irwin, 2013, p.129)

Sendo a *a/r/tografia*, uma abordagem que integra Arte, Pesquisa e Ensino, esta metodologia proporciona um terreno fértil para exploração da interseção entre processos artísticos, investigação acadêmica e práticas pedagógicas. Nesse ambiente propício ao fazer Arte e com Arte, a imaginação desempenha um papel fundamental. A *a/r/tografia* encoraja exploração imaginativa e criativa, incentivando-me a transcender as fronteiras disciplinares convencionais e a me engajar em experiências transformadoras. A capacidade de visualizar, conceber e reinterpretar conceitos por meio da imaginação não apenas alimenta meu processo artístico, mas também enriquece minha pesquisa e prática educacional. Ao integrar minha imaginação na *a/r/tografia*, sou estimulada a abraçar a incerteza, a experimentação e a expressão criativa como elementos essenciais na construção do meu conhecimento e na promoção de uma compreensão mais profunda e significativa do mundo ao meu redor.

E assim percorri trilhas da imaginação...

Figura 19



Quando cursei no doutorado a disciplina ministrada pela professora doutora Gilka Girardello, denominada: "Imaginação, Narrativa e Infâncias Contemporâneas" aprendi que uma das condições frequentemente destacadas como propícias ao desenvolvimento da imaginação é a oportunidade de apreciação estética, sobretudo o envolvimento significativo da criança com a Arte e nesse sentido incluindo a literatura.

Vigotski (2009), no seu livro "Imaginação e Criação na Infância", examina as interações entre imaginação e realidade, destacando como a imaginação se fundamenta na experiência, como as emoções influenciam a imaginação e como esta, por sua vez, evoca emoções. Como uma atividade humana, a imaginação é moldada pela cultura, pela linguagem e é caracterizada pela maneira como é historicamente concebida e desenvolvida. Segundo o autor, desde a primeira infância, ao observar as brincadeiras, é possível identificar os processos criativos presentes no cotidiano infantil.

Nestes anos como professora e proponente de projetos literários, ao observar as oportunidades de aprendizado proporcionadas pela literatura à criança, percebo o papel

fundamental desempenhado pela imaginação, conectada à expansão das experiências que a criança pode vivenciar ao se envolver com uma narrativa. Segundo Vigotski (2009, p.16), uma das questões mais prementes na Pedagogia e na Psicologia é "[...] a da criação na infância, do desenvolvimento e do significado do trabalho criativo para o desenvolvimento geral e amadurecimento da criança."

Sendo assim, a decisão pela temática que abordo nesta tese está comprometida com o entendimento de que a Literatura Infantil desempenha um papel fundamental como linguagem e área de conhecimento na Educação escolar. Ao apresentar experiências relevantes, ela não apenas enriquece o repertório das crianças, mas também influencia profundamente o modo como esses sujeitos pensam e percebem o mundo ao seu redor.

Na perspectiva da promoção de uma Educação antirracista, autores e autoras engajados nesta causa contribuem significativamente para a transformação das mentalidades, proporcionando uma abordagem mais inclusiva e sensível à diversidade étnico-racial. Uma literatura comprometida com a desconstrução de estereótipos pode ser uma ferramenta poderosa para a melhoria das relações numa sociedade que historicamente foi marcada por narrativas de cativo e ausência de liberdade.

Nesse âmbito, fomentar a criticidade nas crianças é essencial, promovendo a reflexão sobre a história, a identidade e a igualdade. Compreendo que a responsabilidade política, também é minha e pode se destacar como um elemento-chave na adoção de abordagens inclusivas, favorecendo um ambiente educacional mais justo e igualitário.

<sup>8</sup> Mas então...como fazer? Vou aprendendo nesta travessia, envolvida em sonhos, desejos, fazimentos, pensamentos....

Figura 20



---

<sup>8</sup> Através do [link](#) está a página, “Expressão artística de Silvia Carvalho”, uma galeria organizada com todas as obras da artista presentes neste trabalho.

## 2.2 Movimentos exploratórios

[Voltar](#)

Figura 21



(...)Cadê coragem para a travessia?

Uma coragem grandona,  
maior que o rio? Igual àquela  
para deixar de ser criança  
e virar gente grande?

(Simões, 2018 p. 16)

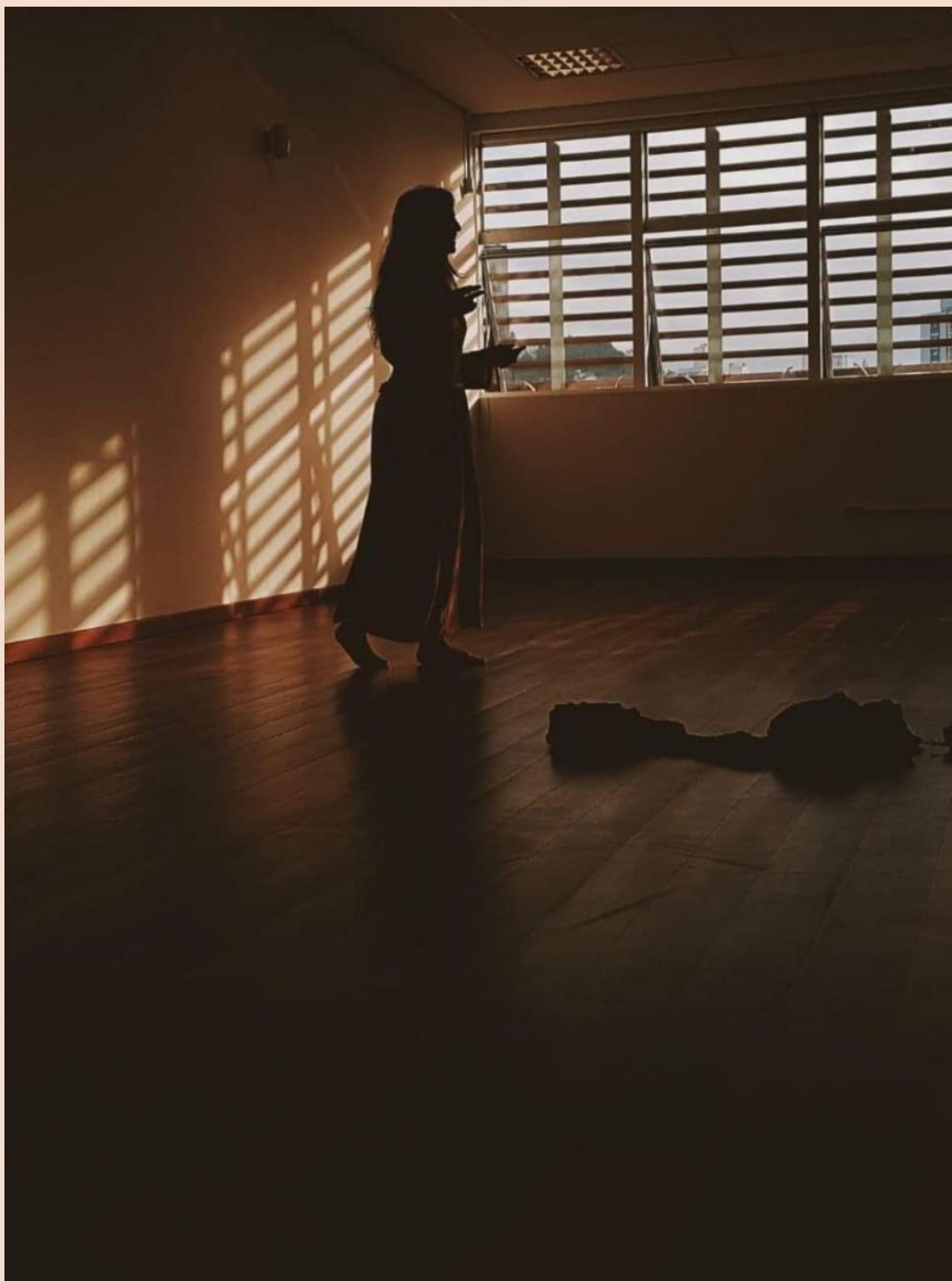
Envolvida com as memórias e experiências estéticas possibilitadas pelas atividades cênico literárias no Grupo Contarolando, navego nesta afluência.

Nas palavras de Boff (1997, p. 9), “cada um lê com os olhos que tem. E interpreta a partir de onde os pés pisam. Todo ponto de vista é a vista de um ponto.” Portanto, compartilho nesta tese o meu olhar, que é de uma professora engajada na formação de educadores, principalmente na área de Arte, artista experimentalista e de pesquisadora.

O navegar cartográfico nesta experiência de tese exploratória, abrange campos conceituais e produções artísticas. A/r/tograficamente esta navegação não se constitui em só um movimento e uma especificidade no fazer artístico, mas no entrelaçamento das linguagens artísticas que é composta, sobretudo, da arte literária.

Pondero sobre as minhas escolhas e onde os meus pés me levaram. A ideia da simbologia de rede, pensando nos entrelaçamentos entre Literatura, Teatro, Dança, Música e Artes Visuais, pensado nas convergências culturais e linguísticas entre Brasil e Moçambique, transbordam as minhas concepções. Continuo entre uma linha de pensamento e outra num “movimento transversal que as carrega uma e outra”, como um “[...] riacho sem início nem fim, que rói suas duas margens e adquire velocidade no meio” (Deleuze; Guattari, 2011, p. 49). São lugares, sentires e pensamentos diferentes que se misturam, se “destroem e se reconstroem, onde um é o outro e não o é ao mesmo tempo” (Deleuze; Guattari, 2011, p. 49). Nesse movimento de pesquisar saberes e viver as experiências artístico pedagógicas, minha opção são as correntes marítimas como metáfora de liberdade.

Figura 22



---

<sup>9</sup> Convido a explorar comigo minha trajetória como atriz através deste [link](#).

E na travessia, há Arte. A obra se revela como a concretização do meu ato, um espaço onde eu participo de forma envolvente, libertando-me da anestesia que inibia a minha visão. O tempo da experiência amplia-se, já que a contemplação dá lugar à minha participação ativa.

A linguagem cênica, aqui entendida na abrangência de especificidades das áreas da Arte, se dá no tempo e no espaço, tornando-se efêmera e particular, pois cada espetáculo desse sistema é único. A palavra pode estar presente, mas é o conjunto de sua pronúncia, volume e entonação que influenciará os significados dos diálogos, da comunicação. O corpo, por meio da exploração da voz e do gesto, pode ser comparado a uma página de um livro (suporte), onde as palavras são escritas e reescritas pelos atores e espectadores, pelo sentido atribuído e pela expressão vivida.

Acompanho as atividades do grupo cênico-literário Contarolando desde o seu início em 2011. Este grupo surgiu como proposta de ação ampliada da pesquisa de Pós-Doutorado no PPGE/UFSC intitulada Teatro, Literatura para a Infância e Prática Educativa: diálogo entre fazeres, desenvolvida no PPGE/ UFSC, pela Profa. Dra. Simone Cintra, sob a supervisão e orientação da Prof<sup>a</sup>. Dra. Eliane Debus, com apoio do Programa de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI). No primeiro ano de existência, o grupo participou da 4ª edição da Semana Municipal do Livro Infantil com a criação cênico-literária do livro: “Amigos”, de Helme Heine e ali aconteceu a minha aproximação.

O Contarolando se tornou parceiro nos diferentes projetos literários e artísticos da SME. A contação de histórias de forma cênica foi gradativamente ampliando o território de ação nas unidades educativas do município de Florianópolis, principalmente a partir de 2013 quando o Contarolando foi vinculado ao Departamento de Metodologia de Ensino do Centro de Ciências da Educação, como projeto de extensão universitária em parceria com o Programa de Educação Tutorial (PET) do Curso de Pedagogia e com o Literalise.

Ingressei no Contarolando em 2017, exatamente no período em que o enfoque do trabalho foi redefinido para "Contarolando em formação e ação: co(a)ntando a literatura de temática afro-brasileira e africana para a infância". Passei então de espectadora apaixonada para compor o elenco de atuação. No primeiro ano foi assim, me permiti ser dirigida e experimentar exercícios corporais e jogos teatrais que durante muito tempo eu vinha conduzindo no âmbito formativo da RME. Como professora, eu havia deixado a artista repousando para atuar como diretora em projetos formativos e tinha me esquecido o quanto é libertador a exploração artística em cena, a permissão para o corpo escrever as narrativas. Eu tinha esquecido do meu corpo-tela.

Para o meu flutuar poético, tomo emprestado de Leda Maria Martins (2021), o conceito de corpo-tela, abordado em seu livro *Performances do Tempo Espiral*. A autora ao iniciar a escrita sobre poéticas da oralitura traz a afirmação de que o corpo-tela é um corpo-imagem e ainda que:

Geralmente, adereçamos as imagens na sua qualidade visual, privilegiando o olhar, a janela da alma, como evocavam os gregos. Mas as imagens podem ser também sonoras e cinéticas e essas suas qualidades são contíguas. Em muitas das realizações estéticas e criativas aqui evocadas, o convite a ver é precedido pelo convite a escuta, pois também nos revelam a formação e o registro de imagens; mas imagens que se apresentam aos nossos olhares e à nossa escuta. Essa interdependência é relevante e convida à expansão não apenas de nossos olhares, mas também de nossa capacidade de ouvir e de toda a nossa percepção sensorial, pois a escuta das imagens é uma das entradas para o universo em que os movimentos, os sons, as luminosidades e os aromas têm cores e desenham paisagens de saberes, âmbito privilegiado das oralituras. (Martins, 2021, p.77-78)

Figura 23



Quantos detalhes eu vejo,  
 quantos sons eu escuto.  
 Palmas, risadas, festejo.  
 Registro de cores.  
 Sabores  
 O término anuncia o início  
 Lampejo de arrulho e amores

Figura 24



Para esta tese, as imagens captadas como memória do fazer artístico no Contarolando são consideradas em suas textualidades. Nesse contexto artístico, a subjetividade do intérprete, no caso, eu como pesquisadora, não é eliminada, mas sim incorporada. Além disso, percebo a influência da pessoa, responsável por eleger e enquadrar a imagem e das pessoas fotografadas. Entendo que a fotografia ou o material gravado em vídeo também se constituem como formas de narrativa. Assim como as narrativas orais ou escritas, a narrativa imagética é construída de maneira intersubjetiva.

As imagens fotográficas podem ser idôneas para descrever, analisar e interpretar os processos e atividades educativas e artísticas: primeiro, porque constituem um meio válido de representação do conhecimento; segundo, porque são capazes de organizar e demonstrar ideias, hipóteses e teorias de modo equivalente a como fazem outras formas de conhecimento; e terceiro, porque proporcionam informação estética dos ditos processos, objetos ou atividades (Roldán; Viadel, 2012, p. 42).

Penso que ao ler uma imagem/obra referente as criações cênicas que participei, a experiência estética entra em ação, pois, como afirma Bellour (1997, p. 10), “demorar-se diante da imagem, roubar-lhe tempo para trocá-lo por saber, pesquisa e busca de ideias” configuram-se no aprender, aprender sobre si quando a imagem/obra nos diz mais do que sabemos sobre nós e também quando nos diz sobre o outro — aquele que a criou.

Nesse âmbito cartográfico, a Arte se multiplica textualmente no processo de criação, na representação cênica com toda a sua complexidade linguística, na imagem produzida e nas textualidades que vêm sendo elaboradas através de narrativas orais e escritas pelas pessoas que integram o grupo e demais pesquisadores. Os processos de aprendizagem que se entrelaçam com o de criação são dinâmicos e estão em contínuo movimento, impulsionando-me a repensar, agir e (re)significar minha existência a partir da Arte.

[...] a arte tem o poder não só de representar aquilo que desejamos e buscamos, mas também aquilo que descobrimos no processo criativo. Por outra parte, a representação não só influencia aquilo que queremos expressar, mas aquilo que podemos ver em primeiro lugar. Se limitamos a arte e a arte/Educação às fronteiras culturais, aprendemos só aquilo que desejamos, que buscamos e que vemos. A arte só acontece quando se transpõem as fronteiras, ampliando a visibilidade e nossas possibilidades de descobrir além e aquém daquilo que está culturalmente dado. (Dias; Irwin, 2013, p.212)

Como professora de Arte destaco que o aprender pode ser pensado pelo viés da experiência, da criação, do imaginário e das relações tecidas, porque “tudo é singular e por isso coletivo e privado ao mesmo tempo, particular e geral, nem individual nem universal” (Deleuze, 1974, p. 155). Nesse processo encontram-se “os signos do amor e mesmo os signos sensíveis; são os signos de um tempo que se perde” (Deleuze, 2003, p. 19). A arte pode desvelar signos articulados ao tempo redescoberto ou ainda a uma fissura que se abre, emergindo-nos ao sentir.

Figura 25



Figura 26



Ao estar em cena, a obra se revela também com meu corpo na concretização do ato cênico, um espaço onde eu participo e me envolvo, libertando-me da anestesia que obscurecia a minha visão. O tempo da experiência amplia-se, já que a contemplação dá lugar à minha participação ativa.

Acho difícil encontrar uma definição única para a compreensão de como uma pessoa aprende, mas sem dúvida o auxílio de signos e do simbólico pode fazer grande diferença. Para Deleuze (2003, p. 21), “o signo implica em si a heterogeneidade como relação, pois não se aprende fazendo como alguém, mas fazendo com alguém, que não tem relação de semelhança com o que se aprende”.

Encontros semanais propositivos foram a motivação para que, enquanto integrantes do Contarolando, estudássemos elementos sobre o que constitui uma literatura de temática africana e afro-brasileira, alinhando-se ao compromisso estabelecido pela Lei 10.639/2003

numa proposição de aprendizagem e fazedura artística. O processo formativo para os/as estudantes de pedagogia se estendia para demais participantes, que como eu, ansiavam por momentos de vivência cênica coletiva. E foram muitos os aprendizados.

O grupo seguiu coordenado pela prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Eliane Debus, e os ensaios e criações cênicas conduzidos pela estudante do Curso de Pedagogia Paula Dias, com bolsa da Secretaria de Cultura e Arte (SECARTE/UFSC). Neste contexto as primeiras obras escolhidas foram: Olelê – uma antiga melodia da África, de Fábio Simões e Filhos de Ceição, de Helô Bacichette.

Figura 27



Não precisa daquele “Ei, sai daí”;  
Ei,  
vem cá, tô chamando”.  
Eles vão sentando em roda [...] (SIMÕES, 2018, p.11)

Com Olelê: uma antiga cantiga da África, mergulho nas palavras e cantigas que sussurram a essência africana, oriundas do Cassai, onde a geografia do continente se entrelaça harmoniosamente com as histórias de seus povos. Uma narrativa que brota como semente de crescimento, entrelaçando os fios da infância e desdobrando-se na dança cadenciada da vida adulta.

Viajei, nós viajamos, todos e todas do Contarolando. Com esta história muitos desdobramentos aconteceram. Nas oficinas formativas, tocamos, dançamos e cantamos, confeccionamos instrumentos com o autor, e a magia do rio que nasce em Angola me contagiou.

No meu coração ressoa a musicalidade, porque “Os tambores são fazedores de ritmos. Na textura dos seus timbres brilham as qualidades e complexidades rítmicas. Os ritmos por sua vez, encantam os sons” (Martins, 2021, p.91). E nas vivências artístico literárias minha ancestralidade pulsou.

Nas complexas zonas de construção e ambientação das sonoridades nas culturas matizadas pela negrura, a palavra vocalizada ressoa como efeito de uma linguagem pulsional do corpo, inscrevendo o sujeito emissor num determinado circuito de expressão e poder. Como sopro, hálito, dicção e

acontecimento, a palavra proferida grafa-se na performance do corpo, lugar da sabedoria[...] (Martins, 2021, p.128)

E na representatividade das performances tendo a narrativa de Fábio Simões como guia, a minha memória corporal ativou as sensações da minha estada na cidade de Ouro Preto em Minas Gerais, onde acontece a Festa do Reinado de Nossa Senhora do Rosário, Santa Efigênia e São Benedito em celebração do Congado e da vida de Chico Rei, e é lá, como dizem os moradores, que a fé dança e canta.

Com a narrativa de Filhos de Ceição, o meu fazer teatral pulsou forte. Como atriz busquei diferentes formas de apresentar esta narrativa poética, experimentei diferentes abordagens do fazer artístico e tive a experiência do fazer artístico em grupo e também sozinha como contadora de histórias. Cenograficamente recorri ao Teatro de formas animadas, compondo na simplicidade da materialidade, diferentes formas de expressar a poética da narrativa.

Figura 28



Era uma vez ...  
um sonho em movimento,  
uma mãe e seis meninos,  
filhos do coração,  
histórias(re)contadas,  
números cantados,  
palavras dançadas  
nos revezes do tempo.  
(Bacichette, 2014, p.3)

Gosto de pensar este texto literário, esta obra composta de diferentes elementos representativos de sonoridade, como um presente para a minha infância. Sua composição apresenta melodias de cantigas populares e parlendas em uma sinfonia de amor que ecoa das páginas. O sentimento é de uma doce nostalgia, mas também de fortaleza com a referência das mulheres que sozinhas criam os seus filhos. A história desenha a vida de uma mãe adotiva, cujo coração acolhe seis meninos, laços forjados pela magia dos afetos, todos proclamados filhos do coração.



Acesse através deste [link](#) uma página com mais informações sobre o projeto Contarolando.

A minha experiência ao ler textos literários se transforma em uma Educação estética quando sou tocada profundamente pelo que leio, como as literaturas infantis de temática africanas e afro-brasileiras que no Contarolando eu tive a oportunidade de conhecer. Leituras que transcenderam a atividade intelectual; tornaram-se, de fato, uma vivência que me envolve e atravessa.

E foi com a multiplicidade de experiências cênicas com Filhos de Ceição, uma linda narrativa literária para a infância, que enquanto artista voltei para a atuação cênica e ainda foi a partir deste movimento de produção artística que ampliei, neste processo de pesquisa, as minhas proposições pedagógicas enquanto professora de Arte no âmbito literário.

Figura 29



---

<sup>10</sup> Através do [link](#) está a página, “Expressão artística de Silvia Carvalho”, uma galeria organizada com todas as obras da artista presentes neste trabalho.

### 3 Poéticas e Experiências Estéticas

[Voltar](#)

Figura 30



E por que o mar?  
O mar que nos aproxima e nos separa  
Ou ainda, oceanos de vozes,  
que perpassam as emoções  
em cada história lida, ouvida ou narrada.

Inspirada pelas pesquisas do filósofo e educador John Dewey (1859 – 1951), um autor de destaque no estudo da experiência estética, sustento a crença de que apreciar uma obra de arte demanda prontidão para construir a própria interpretação. É imperativo permitir que se estabeleça uma interconexão entre as ideias concebidas pelo artista e aquelas geradas pelo apreciador, em processos que se desdobram e são ponderados ao ritmo das experiências individuais de cada pessoa.

Para este estudo, experimentar algo é estar consciente do que foi vivido, sentido e percebido. Entendo que embora eu possa acumular inúmeras informações ao longo de um dia, apenas algumas delas se transformarão em verdadeiras experiências. Mas somente quando essa vivência atinge uma intensidade marcante, é possível qualificá-la como estética.

Como pesquisadora, compreendo que o meu tipo de investigação e temática escolhida para esta tese, podem apresentar uma resistência, porque tensiona, enfrenta estruturas e crenças do neoliberalismo e a sua necessidade produtivista. universalizante e generalizada. Entendo que o âmbito cultural é sempre local e é sempre político, portanto nesta perspectiva de tese: atuar, ler, analisar, interpretar, compor, escrever, desenhar, moldar, pintar, é resistir.

A linguagem literária é concebida para estimular as faculdades imaginativas, convidando o leitor a preencher os interstícios do texto com significado pessoal. Na literatura as escolhas são mais expressivas e conotativas do que diretas e denotativas. Esta espécie de convite à participação ou à integração do leitor na pesquisa é, de certa forma, revolucionário. (Charréu 2018, p. 24)

Entendo que a a/r/tografia é uma metodologia viva porque, na verdade, os a/r/tografos e a/r/tografas, como eu, estão vivendo o seu trabalho investigativo-artístico-docente, estão procurando dar uma visualidade e uma textualidade particular à sua compreensão de uma problemática eleita para investigação e estão executando, numa qualquer instituição de ensino, as suas práticas pedagógicas artísticas e, enquanto integram teoria, prática e criação através das suas experiências estético-artísticas, ‘produzem sentido’ com a sua intervenção artística. E é assim que eu me reconheço nesta empreitada de pesquisa que eu escolhi, e nesse contexto o meu entendimento a/r/tográfico não poderia ser diferente.

Onde os meus pés me levaram? Profissionalmente como professora, eu expandi as minhas ações nas diferentes áreas da linguagem artística. Como uma artista experimentalista não me restrinjo a uma especificidade técnica ou de linguagem, até porque a minha base em Arte foi formada na multiplicidade de representação artística no âmbito familiar e na formação académica da graduação, tanto, que ao término do curso de Educação Artística com habilitação em Artes Cênicas, eu retornei aos estudos e cursei disciplinas de graduação em Música e Artes Visuais. Neste contexto explicito estes elementos informativos para favorecer a compreensão das diferentes experiências que realizei.

Do ponto de vista da experiência, o importante não é nem a posição (nossa maneira de pormos), nem a “oposição” (nossa maneira de opormos), nem a “imposição” (nossa maneira de impormos), nem a “proposição” (nossa maneira de propormos), mas a “ex-posição”, nossa maneira de “expormos”, com tudo o que isso tem de vulnerabilidade e de risco (Larrosa, 2014, p. 26).

Nesta tese, é importante destacar que ao discorrer sobre o que é uma “verdadeira

experiência”, Dewey (2010, p. 129) a denomina “experiência estética”, algo “inerentemente ligado à experiência de criar”; criar não apenas objetos de Arte, tal como normalmente se entende, mas criar soluções para as situações problemáticas que vivenciamos. Nesse sentido a experiência baseia-se na criação humana orientada para um propósito específico: “a mão e o olho, quando a experiência é estética, são instrumentos pelos quais opera toda criatura viva, impulsionada e atuante durante todo o tempo (Dewey, 2010, p. 131)

Ressalto também que a experiência estética é fundamentalmente imaginativa e deve resultar em significados partilhados. A imaginação representa a "única forma pela qual os significados das experiências passadas podem encontrar expressão numa interação no momento presente" (Dewey, 2010, p. 469).

A partilha ocorre por meio da comunicação, possibilitando que eu me coloque no lugar do outro, que também compartilha sua experiência. Dessa forma, por meio da imaginação e da comunicação, torna-se viável "relacionar a experiência comunicada com nossa própria experiência" (Dewey, 1959, p. 6).

Em 2020, vivenciando os dilemas familiares e da pandemia social, as atividades com o Contarolando representaram na minha vida o movimento poético para sobreviver ao caos físico e emocional. Sim, reafirmo aqui que, a Arte faz isso, nos ajuda a viver.

No contexto pandêmico, o grupo Contarolando buscou socializar, de forma online, poemas para infância. O primeiro projeto realizado recebeu o nome de “Batata cozida, mingau de cará. Vamos brincar?” e teve como referencial o livro *Batata cozida, mingau de cará*(2006), da escritora catarinense Eloí Bocheco.

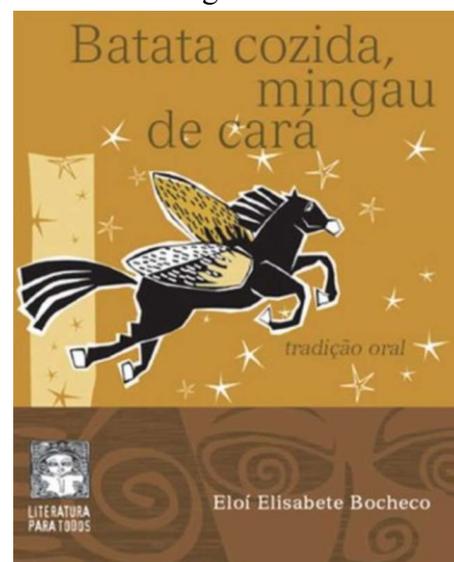
O projeto “Batata Cozida, Mingau de cará, vamos brincar!” foi realizado no período de 03 de junho a 03 de agosto de 2020 e contou como referência o livro *Batata Cozida, Mingau de cará*, de Eloí Bocheco; a escolha se deu por dois motivos: primeiro pela relação já estabelecida com a produção literária da escritora, haja vista que os primeiros trabalhos do grupo nos anos de 2011 a 2014 se efetivaram a partir de seus títulos, e segundo porque o livro faz parte da Coleção Literatura para Todos, composta por dez livros de diferentes categorias (poesia, conto, novela, crônica, tradição oral, biografia e peça teatral) e é resultado de concurso nacional do Ministério da Educação (MEC) em 2005, por isso está disponível no portal do MEC e disponível para os leitores gratuitamente em PDF. O livro é composto de 40 poemas que foram lidos pelos alunos que selecionaram, a partir de seus interesses, aqueles que seriam apresentados individualmente para posterior gravação em formato de vídeo e publicização em redes sociais. (Debus, Franceschi, Zoldan, 2021, p.63)

Neste projeto a minha gravação não foi socializada nas redes sociais, gravei como experiência para esta pesquisa.



Escaneie o QRcode ou clique no [link](#) para acessar a apresentação.

Figura 31



Esta criação artística na linguagem audiovisual, compõe no meu portfólio um material expressivo com a textualidade da poesia. Esta foi a minha primeira experiência de gravação artística sozinha. Nesta composição cênica, priorizei a ênfase na entonação e articulação das palavras, na expressão facial, e na utilização sutil de um objeto de referência.

Entendo neste processo da pesquisa, que através do compartilhamento, em grupo com pessoas sensíveis a experiência, tenho acesso à experiência do outro, e visualizo o processo através de outras narrativas e, assim, consigo compreender a minha própria experiência.

Nesta navegação de pesquisa Arte, a experiência estética representa uma forma de me reconhecer como pessoa, algo que é incompatível com a lógica dos algoritmos. Assim, o sujeito da experiência, difere do sujeito da informação, da opinião, do trabalho ou do saber. O sujeito da experiência é um "território de passagem", um sujeito "ex-posto": O saber da experiência revela o sentido ou o sem sentido de uma vida atravessada por acontecimentos que só podem ser significados do interior por aquele que os viveu.

Como protagonista da experiência me tornei um território de passagem influenciada pelas emoções, fora do meu estado habitual, me permito ser impulsionada pela dinâmica da vida e da morte. Essa condição me possibilita a criação de outras formas de conhecimento, o conhecimento derivado da experiência.

Portanto, nos encontros virtuais do Grupo de pesquisa Contarolando, o compartilhamento das

gravações durante os processos de criação no projeto “Batata cozida, mingau de cará. Vamos brincar?” foi essencial para que ocorresse a experiência estética primeiro de quem produz a Arte, depois de quem compõe o coletivo, para depois favorecer que ao público uma materialização artística que possibilite experiências estéticas.

Como o Grupo é formado em sua maioria por estudantes de Pedagogia este exercício de criação artística, realizado durante a pandemia, potencializou discussões no âmbito educacional sobre possíveis atividades artístico pedagógicas com as crianças.

Mas qual a implicação desta experiência estética, realizada com o poema Ciganinha, (apesar de ser produzida com a textualidade de uma poesia para a infância) para a temática da pesquisa? Alguns leitores podem se perguntar. Na verdade, fez parte do processo de experimentação para o projeto que foi desenvolvido em seguida tendo como título “Versos do Índico” e que eu apresento ao abordar sobre as experiências com o escritor Mauro Brito e as suas produções literárias.

Como possibilidades de expansão artístico pedagógicas e para os desdobramentos na temática da ERER, alguns questionamentos foram mobilizadores para nós, integrantes do grupo, que estávamos a produzir Arte na coletividade. Como podemos ouvir as histórias que correm pelos rios do poema? Como podemos cachimbar sua musicalidade, dançar a ciranda das palavras e correr pela sua terceira margem? O desafio é mediar de forma que a literatura leve a provocações estéticas, isto é, a situações que eduquem esteticamente, que redefinam os sentidos, pois a literatura tem uma potência estética que, quando explorada adequadamente, pode oportunizar que seja realizada uma experiência.

Dewey (1966, p. 56) já em 1899, durante suas palestras, advogava em favor do valor educacional da comunicação, destacando-a como um recurso capaz de permitir que a criança viaje "mentalmente por todo o espaço e em todos os tempos", reunindo assim forças e valores que possam ter significado para ela. Para Dewey, a experiência estética representa o auge de nosso potencial humano, sendo, contudo, alcançada apenas por meio da comunicação.

Nesta tese, outra importante contribuição para a Educação estética, são os estudos de Paulo Freire. As contribuições são muitas e a temática acontece ao longo de toda a sua obra, mas aparece de maneira mais clara na “Pedagogia da autonomia” (2003), e em uma entrevista concedida a Ira Shor, publicada sob o título “Medo e ousadia” (1986). Nestes trabalhos, Freire apresenta a estética do ponto de vista de um educador.

Como professora, me interessa a sua visão da Educação como uma obra de arte, ou como processo criador

Ensinar é assim a forma como toma o ato de conhecimento que o(a)

professor(a) necessariamente faz na busca de saber o que ensina para provocar nos alunos seu ato de conhecimento também. Por isso, ensinar é um ato criador, um ato crítico e não mecânico. A curiosidade do(a) professor(a) e dos alunos, em ação, se encontra na base do ensinar- aprender (Freire, 2008, p. 81).

É no processo criativo que a sala de aula se converte em um espaço artístico. Para esse autor, cada elemento na sala de aula, desde a interação entre professor e estudante até o tom de voz, os gestos empregados e os exemplos apresentados, contribui para a estética do ambiente educacional.

Entendo que neste ambiente de sensibilidade estética, a literatura, enquanto expressão artística, consolida-se como uma oportunidade para a formação humana e compreensão da realidade. Na interação entre autor, leitor e obra, ocorre o encontro de experiências que propiciam um olhar renovado e uma compreensão aprimorada do leitor em relação ao conteúdo lido. Portanto, a literatura como elemento para a Educação estética exige pensar a leitura do literário pelo viés artístico, explorando sua veia estética.

A Lei nº 10.639/2003, que instituiu no Brasil a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana no currículo escolar da Educação Básica, bem como os documentos para a sua implementação, por certo fomentou a publicação e circulação mercadológica de livros para infância que se dividem em três categorias: 1) literatura que tematiza a cultura africana e afro-brasileira; 2) literatura afro-brasileira; e 3) literaturas africanas (Debus, 2017, p.33).

Neste contexto investigativo, conforme as publicações da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Eliane Debus, resalto a compreensão destas três categorias citadas. A primeira está inserida como a literatura que tematiza a cultura africana e afro-brasileira de caráter mais amplo, congregando os títulos que tematizam a cultura africana e afro-brasileira, sem levar em conta a etnia do escritor ou escritora, mas sim os aspectos verbais e visuais narrados. A segunda categoria é a literatura escrita por escritores e escritoras afro-brasileiros ou afro-brasileiras, sendo entendida como mais complexa e ainda em construção. A terceira categoria diz respeito à produção de escritores de nacionalidade africana, que podem ser demarcadas pelos países de origem, no caso das literaturas africanas de Língua Portuguesa (Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe) e “essa categoria sugere outras subcategorias, como literatura vinculada à origem oral (lenda, fábulas, entre outras) e literatura contemporaneíssima (narrativas curtas em diálogo com a ilustração)” (DEBUS, 2017, p.32), além dos gêneros poético e dramático.

Penso que dar destaque às literaturas africanas, com ênfase na produção de Moçambique, que foi uma opção nesta pesquisa, oferece ao leitor brasileiro a oportunidade de enriquecer sua perspectiva diante da representação de uma cultura diversa, mas intrinsecamente conectada. Isso se justifica pela interligação das raízes da cultura brasileira com as do continente africano. Para os leitores mais jovens, essa experiência se revela essencial, seja no ambiente escolar ou em outros espaços de interação com a literatura.

Ler textos literários educa esteticamente quando nos afetamos pelo que lemos, quando a leitura encarna, nos atravessa, nos permite sair do nosso próprio eu, como sinaliza Nhoque (2019). Educar esteticamente por meio da literatura é incitar o outro para a leitura de apreciação, mas também frutiva, propor desafios, instigar sua curiosidade pelo texto, fazer da leitura um momento de descobertas, de reflexão. Algo que nos revira e nos põe em estado de perda, de desconforto diante do texto. A Educação estética está relacionada ao desenvolvimento dos impulsos formal e sensível na leitura, concomitantemente, possibilitando que o impulso lúdico

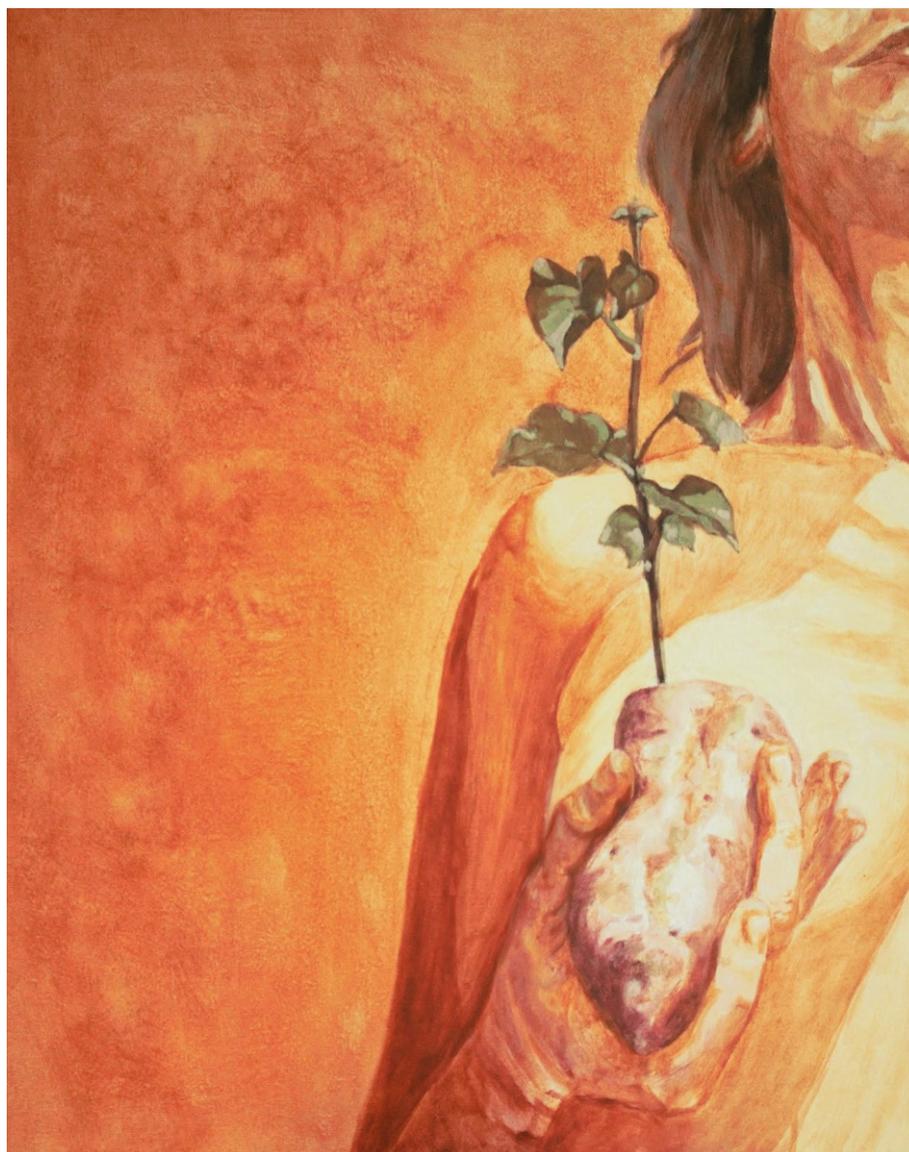
Portanto, nesta tese é importante destacar que a exploração e a leitura de obras literárias de autores africanos de Língua Portuguesa desempenham um papel importante na expansão do repertório dos leitores brasileiros, aproximando-os de narrativas que oferecem perspectivas culturais distintas do comum. Acredito que promover o entendimento sobre essa produção é de extrema importância e é direito dos estudantes. A apresentação desta produção literária para as pessoas de todas as idades, mas principalmente para as crianças por estarem em formação social, possibilita ampliar o entendimento e o repertório cultural e artístico, em direção a narrativas que transcendem uma perspectiva eurocêntrica, contribuindo assim para uma Educação antirracista.

Ao explorar a produção de artistas africanos e afro-brasileiros, bem como os conteúdos das culturas africanas, é possível estabelecer pontos de discussão envolvendo os estudantes. Essa abordagem transita pelos conceitos de cultura, etnocentrismo e sincretismo cultural, ao mesmo tempo que explora as manifestações culturais influenciadas pela África e pela afrodescendência. Um exemplo notável dessa influência é evidenciado na produção artística de Rosana Paulino, proporcionando um enriquecedor espaço de diálogo e reflexão.

Ao selecionar e organizar conhecimentos relacionados às culturas africanas e afro-brasileiras, é imprescindível evitar a limitação à simples apresentação de imagens, poemas e obras literárias que abordem exclusivamente temas ligados à escravidão, reduzindo-os a um mero registro da exploração humana, e este foi um ponto observado para a escolha dos autores e autoras da infância para esta pesquisa. A beleza estética de suas palavras, na condução do enriquecimento cultural.

Desde a época em que minhas pernas ficaram compridas e meu peito parecia um balão que enchia, fui aprendendo que trago dentro de mim um pouco do que meus pais e avós e bisavós, trisavós, tataravós e... - Depois eu não sei como se chama – foram. É assim: para nascer é preciso duas origens, ou seja, o lado da mãe e o lado do pai. Cada um traz um monte de origens. O lado do pai traz as origens de seu pai e as da parte de sua mãe. O lado da mãe, por sua vez, também carrega a parte de seu pai e a parte de sua mãe. Todo mundo nasce carregado de origens. E, se é assim, então quantas origens carrego dentro de mim? Quantas sementes? (Lima, 2005, p.9)

Figura 32



---

<sup>11</sup> Através do [link](#) está a página, “Expressão artística de Silvia Carvalho”, uma galeria organizada com todas as obras da artista presentes neste trabalho.

### 3.1 Mauro Brito

[Voltar](#)

Figura 33



E do outro lado,  
em outro oceano,  
o poeta amigo também avista o mar.  
Algumas imagens...mensagens...  
“A desfrutar aqui na Costa de  
Nampula,  
Minha terra Natal.  
Chama-se Cabaceira Grande  
Olha o mar  
Muita poesia  
Que passem da melhor forma  
Aqui estarei.  
Muitas saudades”

Durante a navegação conheci Mauro Brito e sua linda produção poética. Uma amizade além mar, que me proporcionou o afeto artístico literário e me fez retornar as experimentações no fazer artesanal com cerâmica. Sou grata pelos momentos formativos, pelos presentes literários, pelas partilhas familiares e principalmente pelos encontros que se constituíram nesta pesquisa, em preciosas experiências estéticas.

E nesta produção A/r/tográfica de tese, as palavras escritas e as imagens representativas compuseram o cenário poético. “Eu caminho sempre pelo caminho dos poetas, que é o caminho das imagens. Uma boa imagem é inesquecível” (Alves, 2005, p.9). Sendo assim, para esta investigação, me aproprio do entendimento de que:

A literatura pode ser entendida como uma expressão artística, a arte das palavras; como uma manifestação de sentimentos, sensações, impressões e como a expressão lírica de um artista da palavra (Parreiras, 2009, p.47).

O escritor e ativista ambiental de família crioulo-moçambicana, nasceu em Nampula em 1990, estudou contabilidade, tornou-se piloto de aeronaves e teve experiências com as diferentes linguagens artísticas, entre elas o teatro e dança, e é nesta abrangente trajetória que sua escrita é concebida.

Gosto de pensar em Mauro Brito, como um propositor de encontros significativos, suas obras apresentam uma linguagem híbrida contemporânea, onde o texto escrito e o texto imagético são artísticos e estéticos. Sua produção artística está impregnada pelos sentimentos, percepções e vivências sociais e culturais que se entrelaçam.

Portanto, nesta afluência, considero que os encontros significativos são aqueles em que posso escolher caminhos e dialogar com a poesia e os pensamentos estéticos e ainda, continuar explorando campos conceituais e as produções artísticas.

Como artista sei que no campo de conhecimento da Arte, é preciso buscar materialidades e linguagens para expressar o pensamento. Criar é pesquisar, é indagar, é explorar e é se expor. Por vezes o processo pode ser angustiante, como reforça Rubem Alves (2008. p.12) “O ato criado, seja na ciência ou na arte, surge sempre de uma dor. Não é preciso que seja uma dor doída... Por vezes a dor aparece como aquela coceira que tem nome de curiosidade”.

Para Mauro, porém a poética na escrita se materializou pela primeira vez na homenagem, após o falecimento do avô, como uma escrita catarse<sup>12</sup> denominada: O Comboio Partiu. E com as palavras, migram os sentimentos, e a escrita de despedida e transbordante de saudade, dá lugar a chegada do poeta escritor.

Jornada de afeto que parte de Nampula, da voz carinhosa do avô, que provoca esse início do olhar atento para a voz do outro, para o outro. O comboio parte, mas se faz travessia. O homem Mauro, guarda a infância, embrulhada como pacote de presente, à ser sempre, sempre desembulhado. (Debus, 2022) <sup>13</sup>

E este artista que iniciou suas publicações em 2016 com a sua primeira coletânea poética *Passos de Magia ao Sol*, apresenta ao público, além das duas edições do seu segundo título *O Luminoso Voo das Palavras*, uma publicação lançada em 2021, no gênero conto, intitulada *A estranha metamorfose de Thandi*.

---

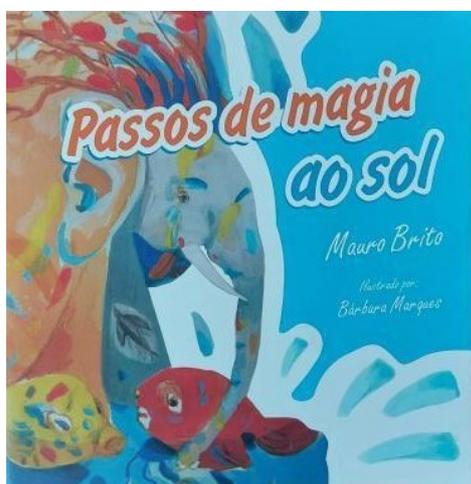
<sup>12</sup> A denominação “escrita catarse” é utilizada por ele em diferentes momentos e consta em entrevista disponível no repositório virtual.

<sup>13</sup> Fala feita pela professora Eliane Debus em 2022, no encontro da SMLI de Florianópolis ocorrido no dia 13 de abril de 2022, transmitido pela plataforma youtube e disponível no seguinte link abaixo. <https://www.youtube.com/watch?v=IBShVCZTReI>

No livro *Passos de magia ao sol*, “Um a um chegam-nos os presentes: o pôr-do-sol, o sonho, a vida” (Brito, 2016, p.22) E é assim, como um presente que o encantamento da poesia do escritor moçambicano Mauro Brito, apresenta neste livro, em 14 poemas os elementos vitais: terra, água, fogo e ar. O tecer textual do autor transborda a suavidade afetiva das memórias de infância e a presente percepção sensível da existência humana.

Esse livro poético que foi publicado em 2016 pela chancela da Editorial Escola Portuguesa de Moçambique, contém ilustrações de Bárbara Marques que por meio do contraste de cores e da apropriação de diferentes técnicas das artes visuais dialoga numa representação imágica contemporânea com a estética das palavras do autor.

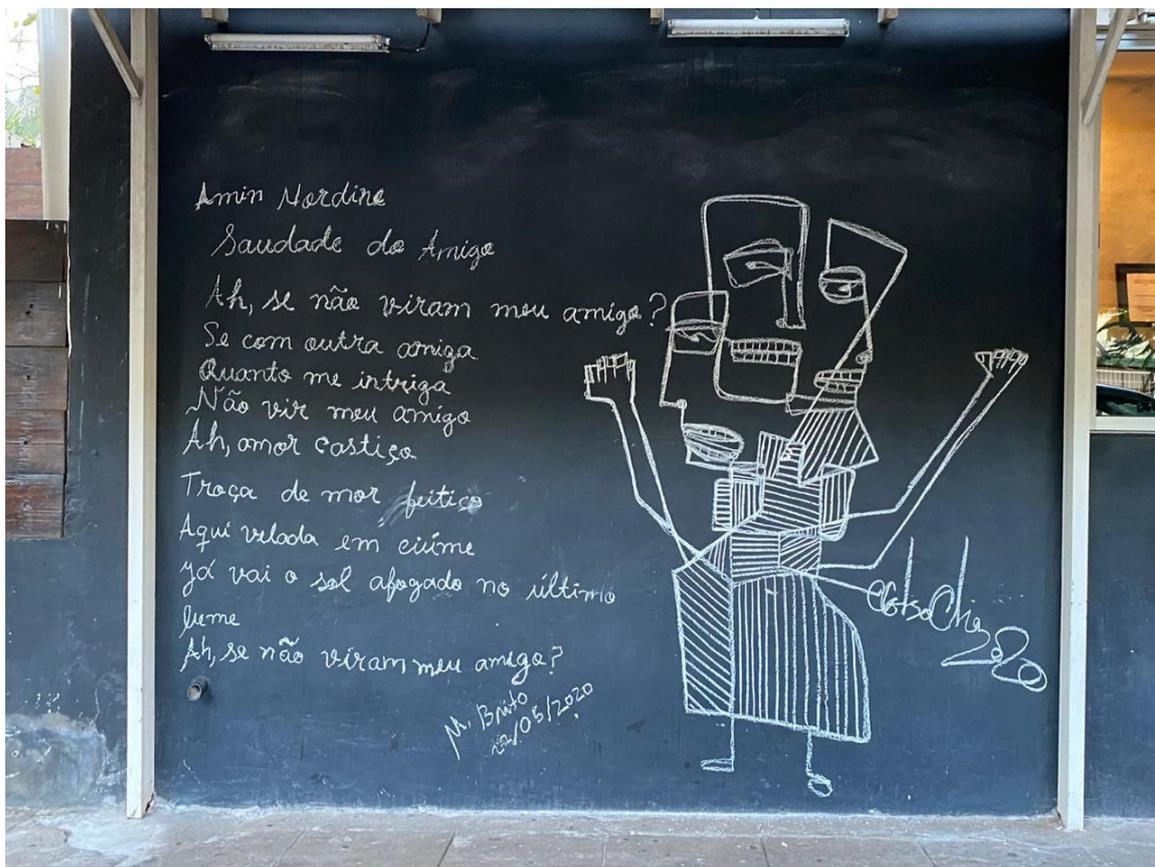
Figura 34



E na minha trajetória de vida, *Passos de magia ao sol*, tem um significado ímpar, pois foi o livro de poemas para crianças que me cativou. Antes desta leitura eu gostava de alguns poemas de outros autores, mas nesta obra eu amei cada página. Todos os poemas se tornaram os meus favoritos. “Guardo o mar todo dentro de uma concha: as riquezas do verão, o sal das tuas lágrimas iludidas, os segredos de uma flor no deserto, guardo o mar todo nos meus olhos, como se velasse a concha do mundo.” (Brito, 2016, p.28)

E o criativo Mauro Brito, além dos três livros editados para a infância, têm publicado em diferentes jornais e revistas no continente africano e também em diferentes suportes explorando territórios artísticos.

Figura 35



Sua escrita contemporânea para infância por ser inspiradora, fez parte do Projeto Versos do Índico, produzido pelo Grupo Contarolando em 2020, durante a pandemia:

O projeto “Versos do Índico”, realizado no período de 13 de agosto a 18 de dezembro de 2020, dialoga explicitamente com a proposta inicial do grupo de trabalhar com as literaturas africanas ao selecionar os poemas para infância de escritores de Moçambique: Mauro Brito (2016), com o livro *Passos de Magia ao Sol*, Celso C. Cossa (2016), com *O Gil e a Bola Gira* e outros poemas para brincar, e Pedro Pereira Lopes (2015), com *Viagem pelo Mundo num Grão de Pólen e Outros Poemas*. Os dois primeiros títulos têm publicação somente em Moçambique e o último tem publicação em Moçambique e também no Brasil. (Debus, Zoldan, Francheschi, 2021, p.64)<sup>14</sup>

A decisão de concentrar-se na produção literária desses três autores moçambicanos, foi impulsionada, pela oportunidade que tivemos como membros do grupo, nos anos anteriores a pandemia, de participarmos de encontros literários presenciais com os referidos escritores, incluindo o 8º Seminário de Literatura Infantil e Juvenil (8º SLIJ), ocorrido na UFSC em 2019.

<sup>14</sup> Segue uma página preparada com mais algumas informações sobre o autor, a página eventualmente será referida novamente nesta sessão do texto. <https://waleskafrancheschi.wixsite.com/-literatura-infantil/post/po%C3%A9ticas-uma-resenha-do-livro-passos-de-magia-ao-sol-o-humano-que-habita-em-n%C3%B3s-de-mauro-brito>

Evento este que, reconhecido como um ambiente formativo e facilitador de encontros literários, impactou diretamente as atividades realizadas no contexto remoto de 2020.

No projeto Versos do Índico, participei nos três âmbitos, como pesquisadora, professora e atriz:

Durante o processo de ensaios semanais foram realizadas leituras em voz alta sob a orientação da bolsista Lílian e da doutoranda Waleska, para incentivar a percepção do ritmo/cadência das palavras e da experimentação de sonoridades, aprimorando os sentidos auditivos e a leitura de forma fluente, buscando, assim, a expressividade dos significados de cada poema. Os ensaios foram realizados de maneira virtual, através da plataforma Google Meet. Como preparação para as leituras, realizamos uma sequência de aquecimentos vocais e corporais, visando o aperfeiçoamento da potência vocal, dicção e eliminação de tensões físicas. Esses exercícios também eram repassados no aplicativo de mensagens Whatsapp do grupo, para que todos praticassem em casa, sobretudo, antes da gravação dos vídeos (Debus, Zoldan, Francheschi, 2021, p.65)

Mauro Brito, em *Passos de Magia ao Sol*, apresenta uma linguagem repleta de significados e de possibilidades de articulação com as diferentes linguagens artísticas, sendo assim, como atriz, escolhi deste livro, o poema Casa da Saudade.

“Assim que estendíamos o sono na  
cama

Esperávamos que alua

nos fizesse as honras

e que os grilos

estendessem um cobertor de sonhos.

Lá fora,

no quintal

uma fogueira

ascendía-se de histórias

e em nós

a vigilia

preunciava

as aventuras noite adentro...

Saudades

pousadas no futuro.”

(Brito, 2016, p.10)



[Nesta página você encontra uma declamação do Poema Casa da Saudade.](#)

Fiz a gravação sozinha (eram tempos de pandemia) na sala de leitura da casa de praia dos meus pais. E neste lugar repleto de significados, enquanto eu pensava em cada frase na gravação e no sabor de cada palavra a minha memória afetiva era tocada. E ali também houve encontros.

E os meus pés continuaram me conduzindo ...

Conhecer a segunda obra de Mauro foi surpreendente pela sua materialidade enquanto objeto artístico literário.

*O Luminoso Voo das Palavras*, que tem duas edições, realizadas por diferentes editoras, contém em ambas, as ilustrações de Celso Yok Chan. Este ilustrador moçambicano que é

autodidata, apresenta em sua criação um traço contemporâneo, através da técnica de esboçar de forma livre sem remover a caneta do papel, comunicando ao leitor imagético a continuidade do design e da inspiração.

A poética da escrita de Mauro Brito no livro *O Luminoso Voo das Palavras* é apresentada em uma transbordante suavidade afetiva de memórias e percepção sensível da existência humana, possibilitando ao leitor uma experiência estética na soltura e significado das palavras. É nesta liberdade textual que os poemas compõem uma obra impregnada de detalhes culturais e de possibilidades de leitura sensorial como “[...]sons que os fins de tarde escrevem nas praças com pincéis do nosso DNA” (Brito, 2019, p. 29)

Figura 36



A primeira edição de *O Luminoso Voo das Palavras* realizada em Moçambique é da editora Kuvaninga e a segunda edição realizada no Brasil é da editora Katarina Kartonera. Esta segunda edição seguindo a mesma proposição da primeira edição de feitura artesanal foi realizada com uma tiragem de 100 exemplares, em parceria com o Grupo de Pesquisa em Literatura Infantil e Juvenil e Práticas de Mediação Literária (Literalise) e as/os bolsistas do Programa de Educação Tutorial (PET) de Pedagogia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

A edição brasileira que está em minhas mãos teve o lançamento no 8º **Seminário de Literatura Infantil e Juvenil (VIII SLIJ)** e **IV Seminário Internacional de Literatura Infantil e Juvenil e Práticas de Mediação Literária (IV SELIPRAM): (R)es(x)istências Literárias na Contemporaneidade**, na Universidade Federal de Santa Catarina, no campus da Trindade em Florianópolis

Neste livro, o autor apresenta, na feitura de seus poemas, uma linguagem repleta de significados e de possibilidades de articulação com as diferentes linguagens artísticas e em entrevista concedida a Hélio Nguane, ele afirma que “Gosto do verso livre. Neste livro, os meus poemas não estão presos aos títulos, deixei eles soltos, para que se comuniquem, se conectem, quando lidos e compreendido”. (Brito, 2019)

O livro possui o diferencial de ter os seus exemplares com capas originais e únicas. No Brasil, o livro possui a capa em técnica de cartonagem com papelão recuperado ecologicamente e miolo em folhas sulfite brancas costuradas artesanalmente.

A edição brasileira que foi concebida por iniciativa da prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Eliane Debus, com 36 páginas, contém além dos belíssimos poemas de Mauro Brito e a sua dedicatória aos familiares, a apresentação de Dionísio Bahule e o texto da equipe Kuvaninga sobre o Projecto-escola, que constavam como pré-textos na edição moçambicana, com acréscimo do prefácio escrito por Eliane Debus que apresenta de forma sucinta e poética o surgimento do projeto de edição e sua concepção em solo brasileiro.

O autor Mauro Brito que se dedica a escrever para crianças e jovens, apresenta nesta obra uma linguagem repleta de significados e de possibilidades de articulação com as diferentes linguagens artísticas, presenteando o leitor com palavras luminosas e inspiradoras como nos versos pulsantes de sonoridades:

quando chove são as nuvens a  
renovar as lembranças  
histórias cantadas  
ao sabor das timbilas  
e do Xiquitsi e do Xitende.

(Brito, 2019, n.p)

Em 2019 na sua estada em Florianópolis, tive a oportunidade de conviver alguns dias com Mauro Brito. Num período bem difícil da saúde da minha mãe, ele e o escritor Celso Cossa fizeram questão de irem visitá-la. no Imperial Hospital de Caridade. E o quarto foi encharcado de poesia ...eles tiveram uma linda conversa literária e vários profissionais da saúde vieram conhecê-los. Poesia no hospital...

Dentre as várias conversas, algumas gravamos e nelas a presença das linguagens artísticas se expandiram nos diálogos. E o fazer teatral também surgiu como uma área especial

para o exercício do improviso artístico e para a ampliação de territórios criativos, com destaque lúdico em uma apresentação representando o ex-presidente de Moçambique Samora Machel.

Figura 37



[Mauro Brito em entrevista concedida para elaboração desta tese. \(Clique ou escaneie o QRcode para acessar\)](#)

O artista Mauro Brito, que se preocupa em fugir do comum e preza por trabalhos artísticos colaborativos, tenta integrar o texto literário em outras áreas da Arte como, por exemplo, na cena teatral nos ambientes educacionais. Lançando sementes em caminhos transdisciplinares, assim como na feitura do livro de forma artesanal.

Sobre a criação do *O Luminoso voo das palavras*, Mauro compartilha que veio num processo de criação desde 2017, com leituras espaçadas dos poemas já guardados, conversas com os amigos, escolha do título pensando a dimensão da palavra enquanto potência criadora. A montagem do objeto livro com as crianças, no lançamento em Moçambique, ocorreu mediante as folhas impressas antecipadamente e as capas já cortadas em papelão, e durante o evento, as crianças costuraram e pintaram os seus livros, fortalecendo a importância do processo na Arte e redimensionando a relação de criação compartilhada. E esta mesma ideia foi reproduzida durante VIII SLIJ e IV SELIPRAM, com os participantes do PET de pedagogia da UFSC e do Literalise.

Figura 39



Figura 38



Esta proposta de criação coletiva na confecção do objeto livro com o escritor é uma forma diferenciada não somente de alternativa econômica, mas principalmente no fazimento artístico.

Como a/r/tografa, expandi minhas proposições de experiência criativa. Este processo de produção artesanal na montagem e feitura da capa foi uma experiência singular para mim.

Nas conversas com Mauro Brito fortalece em mim o entendimento de que é disso mesmo que é feita a Arte: de invenção, criação, imaginação que vai bem mais além do que cremos ser a realidade. A Arte talvez seja feita da matéria de uma experiência e linguagem que dançam e sobrevoam os sentidos das coisas.

Apesar dos oceanos, das minhas águas que nos separam fisicamente, os trabalhos formativos e artísticos continuaram.

Em 2022, Mauro participou da SMLI no encontro online transmitido pelo portal educacional da SME<sup>15</sup>. A atividade denominada “Conversas além-mar: diálogos entre Literatura Infantil de Moçambique e Literatura Infantil produzida no Brasil”, possibilitou que mais profissionais da RME pudessem ter acesso a suas reflexões artísticas. A atividade contou também com a presença do autor moçambicano Pedro Pereira Lopes e das autoras brasileiras Madu Costa e Eliane Debus que realizou a mediação.

A terceira produção de Mauro foi entregue literalmente como um presente, viajou de um continente ao outro, porque ainda não temos a publicação no Brasil.

<sup>15</sup> O encontro online ocorreu no dia 13 de abril de 2022, e foi transmitido a plataforma youtube, a gravação segue disponível a partir do link: <https://www.youtube.com/watch?v=IBShVCZTRel>

Figura 41

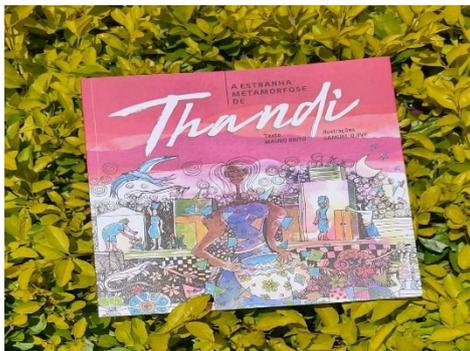


Figura 40



A bela narrativa de amor entre mãe e filha, protagonizada por Mbali e Thandi, é contada em seu terceiro livro intitulado *A Estranha Metamorfose de Thandi*, o qual foi cuidadosamente ilustrado pelo artista plástico Samuel Djive. com tracejado contemporâneo.

Thandi, que mora afastada da cidade em um ambiente rural, é uma menina cujo corpo foi preenchido por porções consideráveis de barro, resultado de certas ações da mãe durante a gravidez. Por isso, a menina precisa evitar se molhar na chuva, algo imprescindível para o crescimento das sementes.

Entretanto, por ocasião de uma mudança climática, ao tentar salvar um celeiro com produtos, Thandi se molha e começa a sentir-se mal. Em uma sequência bem articulada de eventos, emerge, na verdade, uma narrativa cativante que, ao ter a criança como foco de uma possível intenção textual, deve envolver qualquer adulto em metamorfoses imprescindíveis. Em uma narrativa que transita por tempos e espaços, numa linguagem repleta de detalhes poéticos, o vocabulário, as ações e o desenlace se constituem como uma sensível representação artística cultural.

Com este presente literário, voltei a criar com argila. Simbolicamente esta narrativa me ajudou a retornar e refazer o que estava disperso na trajetória desta pesquisa.

E aqui numa licença poética, eu transgriro a forma acadêmica instituída para as citações e compartilho um texto que recebi, de Mauro Brito, no início da pandemia em 2020, com o título Fome de Palavras de Peter Svetina (n. 1970, Ljubljana, Eslovénia) na tradução de Maria Carlos Loureiro

Na minha terra, os arbustos florescem em finais de abril, início de maio, e logo se enchem de casulos de borboletas. Parecem bolas de algodão ou pedacinhos de algodão doce, mas as crisálidas que ali se desenvolvem devoram folha após folha, até os arbustos ficarem despídos. Quando as borboletas saem destes casulos, iniciam os seus voos delicados, mas os arbustos não são destruídos.

E quando chega o Verão, florescem novamente, e assim acontece ano após ano.

É isto que sucede ao escritor e ao poeta. São devorados, esvaziados pelas suas histórias ou poemas: quando estes já estão escritos, saem a voar para acabar nos livros e poderem encontrar os seus ouvintes ou leitores. E isto repete-se uma vez, e outra vez. O que acontece aos poemas e às histórias? Conheço um menino que foi operado aos olhos. Depois da cirurgia, teve de ficar duas semanas deitado sobre o lado direito. Durante um mês, não pode ler, não pode ler mesmo nada. Quando ao fim de um mês e meio pegou finalmente num livro, parecia que o livro era uma tigela onde apanhava palavras à colher. Como se as comesse. Como se verdadeiramente as comesse. Conheço uma rapariga que cresceu e é agora professora. Disse-me: coitadas das crianças a quem os pais não leem livros. As palavras nos poemas e nos contos são comida. Não são comida para o corpo: ninguém pode encher o estômago com elas. São comida para o espírito e para a alma. Quando temos fome e sede, o estômago encolhe-se e a boca seca. Procuramos um pedaço de pão, um prato de arroz, de milho, um peixe ou uma banana. Quanto mais fome se tem, mais a atenção diminui, e já não se vê mais nada para lá do pedaço de comida que nos saciaria. A fome de palavras não se manifesta deste modo, mas adquire a forma da melancolia, do esquecimento, da arrogância. As pessoas que sofrem este tipo de fome não percebem que as suas almas tremem de frio e lhes passam ao lado. Uma parte do mundo foge-lhes das mãos sem que disso tenham consciência.

Esta fome pode ser saciada com contos e poemas. Mas haverá esperança para aqueles que nunca se alimentaram de palavras para satisfazer a fome? Sim, há. O menino lê quase todos os dias. A menina que já cresceu e se tornou professora lê histórias aos seus estudantes. Todas as sextas. Todas as semanas. Se um dia se esquecer, os estudantes vão lembrá-la. E quanto ao escritor e ao poeta? Quando chegar o Verão, ficarão novamente verdes. E mais uma vez serão comidos pelas histórias e pelos poemas que escrevem, que voarão em todas as direções, como borboletas. Uma vez, e ainda outra vez.<sup>16</sup>

---

<sup>16</sup>Tradução disponível em: [https://dglab.gov.pt/wp-content/uploads/2020/03/IBBY\\_FOME\\_DE\\_PALAVRAS.pdf](https://dglab.gov.pt/wp-content/uploads/2020/03/IBBY_FOME_DE_PALAVRAS.pdf)

### 3.2 Madu Costa

[Voltar](#)

Figura 42



Enquanto ela estava conosco,  
 naquele período difícil...  
 as tardes tinham outro sabor  
 Piqueniques na cama, leituras conjuntas, muita música.  
 Na maioria das vezes eramos nós três.  
 As três gerações de mulheres que amavam a Arte.  
 Aos poucos ela foi ficando cansada  
 e as conversas literárias precisavam ser diferentes.  
 E passamos a nos entreter com os vídeos na TV.  
 Ela também queria aprender...  
 E foi numa destas tardes,  
 que assistimos a Madu,  
 E ela disse com um sorriso lindo  
 (E ela tinha esse poder,  
 o de continuar sorrindo)  
 Mas que linda esta mulher,  
 Parece uma rainha!<sup>17</sup>

“Mas para fazer isto eu tenho que transformar e transformo-me. Assim na minha oratura para além das histórias antigas na memória do tempo eu vou passar a incluir-te. Vou inventar novas histórias.” (Rui, 1987, p.308)

Na bagagem desta navegação estão com as minhas memórias. E as minhas memórias de leitura da infância são muitas e repletas de fantasia e imaginação. Sempre tive acesso a livros e os meus pais eram leitores. No rancho (era assim que chamávamos as compras do mês) eu sempre ganhava um livro de história que era vendido na banca do mercado. E lembro bem, de uma comemoração de Natal, onde o meu presente foi a coleção de livros de Monteiro Lobato, o autor da renomada sobre o universo do *Sítio do Picapau Amarelo*, e que é reconhecido como o precursor da Literatura Infantil brasileira. Ao longo do tempo suas histórias têm feito parte do imaginário infantil. E, da memória coletiva de gerações.

<sup>17</sup> Entrevista de Madu Costa, concedida a Conversações, como especial do mês da consciência negra no ano de 2019.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=c6q6JuYyImE&t=40s>

A escritora Madu Costa, também traz em sua memória das leituras na infância a obra de Monteiro Lobato na coleção *O Sítio do Picapau Amarelo*.

E eu ainda tenho a coleção... faz parte da biblioteca que herdei do meu pai, e que além da questão afetiva ainda tem a representatividade de uma edição antiga e, portanto, histórica. Penso que a diferença é a condução que darei para eles enquanto acesso à leitura. Porque neste processo de pesquisa, também me questionei quais eram os personagens negros e as personagens negras que apareciam na minha memória da infância.

Monteiro Lobato, é considerado o precursor da Literatura Infantil brasileira. Ao longo do tempo suas histórias têm feito parte do imaginário infantil e da memória coletiva de gerações. “A lembrança é em largamedida uma reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente, e além disso, preparada por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora manifestou-se já bem alterada (Halbwacs, 1990 p.71)”.

Entendo que “a memória não é uma entidade em estado de repouso. Ela se define como um ser em constante mutação, que se mostra em múltiplos arranjos e rearranjos com outras associações” (Murguia, 2010, p.31) Sendo assim, é imprescindível ressignificar as obras literárias já publicadas historicamente e fortalecer as publicações contemporâneas de autores que se preocupam com a construção de uma sociedade antirracista.

Não posso negar que as imagens, tanto das narrativas lidas pela minha mãe, quanto das imagens televisivas, ainda povoam a minha memória. As experiências estéticas literárias que me proporcionaram tantas alegrias e o universo de um sítio que me encantou durante anos, estavam repletas de afirmações racistas.

O meu pai talvez não tenha tido a exata dimensão conceitual do que foi pendurar em meu berço uma boneca que me acompanhou na meninice e que apesar do material simples de que era feita se aproximava com a cor da pele dos familiares paternos. Minha afeição pela boneca estendia-se ao visitar com minha avó os seus familiares que moravam no beco atrás da rua Crispim Mira no Centro de Florianópolis ou nos morros da Agrônômica.

As imagens familiares e literárias da infância, vagam em minha memória afetiva, assim como além da leitura dos livros, as imagens da obra do Monteiro Lobato, que foram amplamente divulgadas pela transmissão televisiva invadem as memórias coletivas. “Porque é afetiva e mágica, a memória não se acomoda a detalhes que a confortam; ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, cenas, censura ou projeções” (Nora, 1993, p.9).

O resgate da memória coletiva e da história da comunidade negra não interessa apenas aos estudantes de ascendência negra. Interessa também aos estudantes de outras ascendências étnicas, principalmente branca, pois ao receber uma Educação envenenada pelos preconceitos, eles também tiveram suas estruturas psíquicas afetadas. Além disso, essa memória não pertence somente aos negros. Ela pertence a todos, tendo em vista que a cultura da qual nos alimentamos quotidianamente é fruto de todos os segmentos étnicos que, apesar das condições desiguais nas quais se desenvolvem, contribuíram cada um de seu modo na formação da riqueza econômica e social e da identidade nacional (Munanga, 2005, p.16).

E é com esta consciência, do que me constituiu culturalmente, que eu preciso cotidianamente ter o cuidado para não reproduzir a violência discriminatória. Eu quero fazer parte de uma sociedade em que não haja racismo e, em paralelo, fortalecer com a minha participação profissional para a construção de um ambiente escolar cuja Educação seja antirracista.

A afirmação amplamente divulgada nas redes sociais da filósofa norte-americana Ângela Davis “numa sociedade racista, não basta não ser racista é preciso ser antirracista”. Tem me acompanhado a cada dia neste processo de pesquisa, porque não pode ser discurso ter que ser vivência.

Conhecer Madu Costa, fortalece o meu fazer pedagógico com base no entendimento de que uma Educação antirracista deve acontecer, em grande parte, nos espaços escolares, lugar onde crianças passam a maior parte de sua formação e onde serão socializadas, sendo ali um ambiente privilegiado para o combate do racismo estrutural, epistêmico e da discriminação. Tenho também a convicção de que é neste lugar de ensino e aprendizagem, que os professores e demais educadores, precisam confrontar seus preconceitos. A literatura, nesse caso, não é só para o leitor em formação, mas também para aquele que ensina e precisa ser transformado.

Madu Costa que atuou como professora durante 40 anos e que tem estado atuante como escritora, contadora de histórias, cantora, dialogando artisticamente no campo da afro-brasilidade, já esteve algumas vezes, na verdade até o presente momento, 5 vezes em Moçambique. Não somente realizando o sonho de conhecer culturalmente as raízes de sua ancestralidade, mas também de produzir Arte e nestas idas estabeleceu um vínculo de amizade com muitas pessoas da área artística e entre elas o escritor Mauro Brito. Para além disso, a escritora tem títulos publicados naquele país.

E esta conexão com Moçambique, principalmente a construção artística atravessando o oceano, foi um elemento chave que contribuiu na minha opção de dedicação a leitura da sua escritura narrativa e por consequência a valoração de sua caminhada artística ampliando o

acesso dos estudantes e professores na RME de Florianópolis, por ser meu campo de atuação profissional.

Ao ler Madu Costa, as minhas mãos me levaram, não somente a folhear a sua literatura, mas a retornar à expressividade artística no desenho e pintura em aquarela e dando permissão a minha imaginação, o texto visual elaborado no processo desta pesquisa, trouxe a rainha Madu. O tipo de expressão artística, que compõem o texto visual inspirado em Madu Costa, tem sido vivenciada no meu âmbito familiar através das gerações, e assim tem continuado com a menina que habita em mim.

O meu texto imagético Rainha Madu, possui palavra e imagem e foi produzido no mergulho sensorial da escrita e da oralidade, ou melhor da oralitura, desta escritora que tem movimentado a minha percepção literária., e que ao realizar a sua autodescrição afirma: “Meu batom é vermelho e adorna a minha boca que é muito linda e bem desenhada”. (Costa, 2022)

Madu Costa que por nascimento recebeu o nome de Maria do Carmo Ferreira da Costa, participou no ano de 2022 da SMLI no encontro online transmitido pelo portal educacional da SME. A iniciativa intitulada "Conversas além-mar: diálogos entre Literatura Infantil de Moçambique e Literatura Infantil produzida no Brasil" proporcionou que um maior número de profissionais da Rede Municipal de Educação (RME) tivesse acesso às suas reflexões artísticas. Este evento contou também com presença dos autores moçambicanos Pedro Pereira Lopes e Mauro Brito e com a mediação da escritora Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Eliane Debus<sup>18</sup>

Ao organizar este encontro, justifiquei a programação com base em afirmações de Davis (2019, p.383) onde “[...] a unidade é a arma mais poderosa contra o racismo e a perseguição política” Justamente, alinhada a este pensamento, trago para esta pesquisa uma justificativa não individualizada, mas coletiva, aprendemos com a filosofia Ubuntu ou ética Ubuntu como Nogueira (2012, p. 147) coloca, “Ubuntu como uma maneira de viver, uma possibilidade de existir junto com as outras pessoas de forma não egoísta, uma existência comunitária antirracista e policêntrica.” “E juntam conhecimentos com a imaginação de um povo resistente que nunca desiste de ser feliz.” (Costa, 2010, n.p.)

Nesta mediação Eliane Debus (2022), sintetizou poeticamente a fala memória desta autora afro-brasileira: “os sete da Dona Judite, alimentados pela arte, no terreiro da Iabá, dramática cantoria, garantia de alegria, lava-se roupa, lava-se a alma e dos tambores ancestrais o combate pela arte”. A autora que combateu o racismo como professora através de projetos

---

<sup>18</sup> No bate-papo Conversas além-mar, realizado no dia 13 de abril de 2022 com parte da programação de SMLI de Florianópolis e transmitido na plataforma Youtube, Madu Costa é apresentada a partir de 9:53 e faz sua fala de 12:47 até 32:43. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IBShVCZTReI>

artísticos, enfrentou muita dificuldade por não encontrar na biblioteca escolar livros que trouxessem histórias com personagens negros e negras, como consequência a inclusão dos estudantes e crianças que sofriam preconceito era sempre uma luta.

Elas se enxergam cada vez mais no  
lindo espelho da mãe África.  
(Madu, 2010, n.p.)

O convite da editora Mazza para que a autora escrevesse, veio como desdobramento da Lei n.10.639 que tem como propósito valorizar a produção artística e intelectual inserida no percurso cultural brasileiro, buscando eliminar preconceitos e ideias estereotipadas relacionadas à cultura afrodescendente. Nesse contexto foram publicados dois livros na Coleção Griot Mirim, *Meninas Negras* e *Koumba e o Tambor Diambê*, ambos ilustrados por Rubem Filho.

Nestes dois livros a autora apresenta uma abordagem lúdica que fortalece a autoestima da criança ao valorizar seus antepassados, sua cultura e sua própria cor. E quanta riqueza nestas histórias!

O nome Griot, dado a coleção, faz referência ao narrador tradicional africano, que é o transmissor da tradição dos antepassados de uma geração para outra. Esta coleção aborda a identidade afrodescendente para a imaginação infantil com livros escritos em composição sensível, textos breves e poéticos combinados com ilustrações vibrantes e encantadoras.

Em *Meninas Negras*, a capa presenteia os leitores com a imagem das três de mãos dadas olhando o mar... quanta simbologia! (Na minha navegação vejo as meninas da minha família ali representada). E em cada página, os textos, imagem e palavra, compõem de mãos dadas a narrativa. O mapa que apresenta demarcação dos territórios direciona para a navegação. Cada uma das meninas, apresentadas separadamente, faz referência a uma linguagem artística e a alegria da professora Madu se faz presente de forma direta nesta obra de Arte.

Figura 43



Na contemporaneidade, a Literatura Infantil destaca-se como uma expressão artístico-cultural de grande relevância para o desenvolvimento das habilidades de leitura das crianças. Essa característica, inquestionavelmente, tem sido uma das mais distintivas desse gênero desde seus primórdios históricos, quando foi inicialmente concebido para atender a um público específico.

Assim como a autora Madu Costa, eu enquanto professora sempre desenvolvi projetos em parceria com os bibliotecários e sou uma frequentadora deste espaço que a autora denomina como o coração da escola.

Neste contexto da tese, entendo que ao idealizar uma biblioteca escolar com Literatura Infantil antirracista, em uma perspectiva decolonial é preciso a aproximação do conceito de afrocentricidade. Para Asante (2009) “afrocentricidade é um tipo de pensamento, prática e perspectiva que percebe os africanos como sujeitos e agentes de fenômenos atuando sobre sua própria imagem cultural e de acordo com seus próprios interesses humanos”. A afrocentricidade se relaciona também com o seu lugar, com a questão de localização geográfica, com a perspectiva de lugar de pertencimento.

E esse tem sido o meu grande desafio como gestora de uma rede de bibliotecas municipal, aqui destaco um dos moveres para a pesquisa, construir possibilidades de encontros artísticos pedagógicos onde a literatura seja o fio condutor e o acervo literário antirracista

fomente memórias afetivas inclusivas, por isso a importância de conhecer os autores, suas obras e seus contextos.

Neste percurso como pesquisadora a/r/tográfica, tive a possibilidade de contribuir na coordenação e também de aprender coletivamente em oficinas de percussão. No Grupo Contarolando entendemos que para encenar e divulgar as narrativas que oriundas da africanidade remetiam a sonoridade dos tambores era necessário ter a experiência estética do produzir música com os tambores.

Figura 45



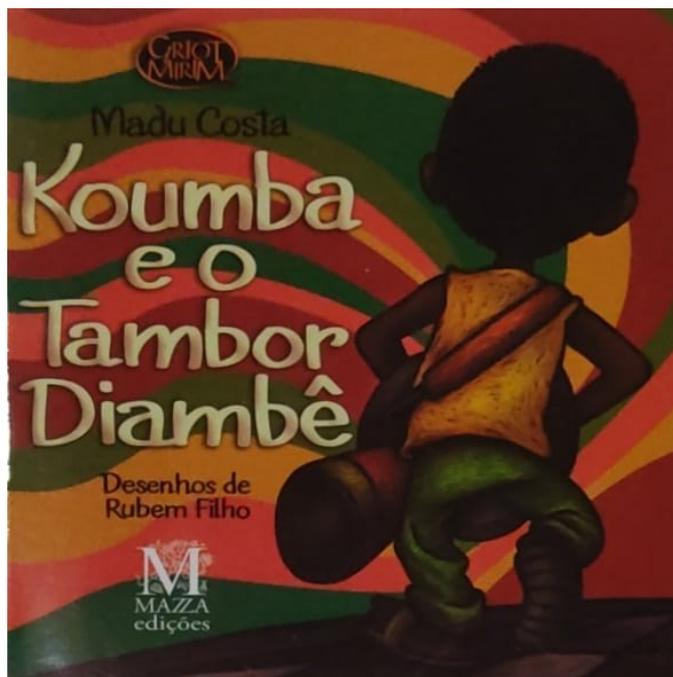
Figura 44



A musicalidade africana integra em sua plenitude o patrimônio cultural negro brasileiro, na medida em que a memorização dos padrões rítmicos pelo africano, na condição de escravo no Brasil, fez com que essa musicalidade fosse incorporada pelo povo ao nosso cotidiano à nossa memória coletiva. Nem a violência racial e nem a violência desumanizadora da escravidão foram capazes de suprimir a força musical dos que para cá vieram e aqui iniciaram o toque do tambor. (Cardoso, 2012, p.27)

E assim, a leitura do livro *Koumba e o Tambor Diambê* teve um significado diferenciado na minha construção de artista. Neste livro da mesma coleção que o anterior, também apresenta a estética do texto em palavras e imagens que se complementam, porém na minha leitura a sensação é de uma onda sonora. Densidade expandida. A harmonia estética apresenta um amadurecimento da escrita de Madu Costa e a parceria com o ilustrador Rubem Filho mostra uma cumplicidade artística.

Figura 46

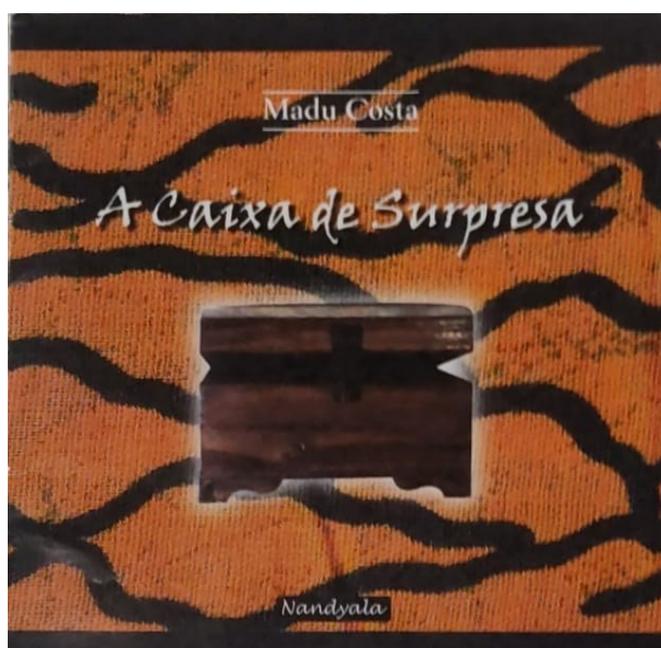


Koumba tem pressa.  
 Tarde... é tarde... acorda, minha gente!  
 É hora de canta a igualdade.  
 É hora de quebrar as correntes do  
 preconceito racial.  
 Koumba toca seu diambê e cria nele um  
 novo tom... (Costa, 2009, n.p.)

O Livro *A Caixa de Surpresa*, editado pela Nandyala, e com a coordenação gráfica da escritora Iris Amâncio, traz em sua apresentação visual as peças artesanais, objetos pessoais e panos africanos de ambas, Madu e Iris.

Essa narrativa baseada em uma situação familiar real, onde o filho Victor que empresta o nome para a personagem soluciona de forma surpreendente o desafio de presentear uma pessoa especial. O livro *A Caixa de Surpresa* é poético e me tocou como leitora já na primeira página.

Figura 47



E os livros são assim, nos apresentam semelhanças e diferenças. Meu filho Victor que tem o mesmo nome do personagem desta narrativa, também ficou com as coleções do vô que já partiu.

E o mar... novamente o mar... Madu Costa apesar de mineira lembra bastante em suas obras as águas que nos separam do continente mãe.

A inspiradora Madu com seu corpo-tela, canta sua vida, conta seu a ancestralidade, escreve para a infância, cria em cordel, e empreende sabores com a Conserva da Rainha, onde com gengibre, jiló, berinjela, pepino, sua arte se renova em sabores. “O corpo-tela é cuia de sabores, temperos, cheiros e aromas. As artes culinárias, a alquimia dos elementos da natureza, cozem e compõem este corpo-tela” (Martins, 2022, p.110)

A criatividade e energia produtiva da artista Madu Costa é inspiradora. Ela que começou a viajar aos 60 anos para Moçambique na realização de um sonho, continua realizando outros tantos, sua vida e escrita é repleta de cores e sabores.

E sobre as bibliotecas e os acervos para uma Educação antirracista ... nesta tese eu me aproprio da ponderação do personagem Victor para a construção das memórias futuras das crianças “A árvore está dentro do caroço, professora. É só plantar e esperar. Vai dar muitos frutos...” (Madu, 2009, n.p) e ainda destaco “a vida quer da gente coragem”.<sup>19</sup>

---

<sup>19</sup> “O que a vida quer da gente é coragem” é uma entrevista de Madu Costa, que faz referência a obra de Guimarães Rosa, na qual Madu reflete sobre a vida e inspira vontade de viver. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=d-1LlyYJq30>

### 3.3 Heloisa Pires Lima

[Voltar](#)

Figura 48



“Para muitas mulheres, o baú de capulanas é uma fonte imensa de informação, é como um baú de histórias.” (Lima; Lemos, 2014, p.11)

“Todas as histórias têm um começo. Nem sempre acabam, mas alguém conhece alguma que nunca começou?” (Lima; Lemos, 2014, p.48)

Nesta parte da navegação, como pesquisadora, início o compartilhamento de experiência pelo último objeto/arte/livro que chegou em minhas mãos. Procurei muito o livro *Capulana: Um Pano Estampado* de histórias, para comprar. Não encontrava nas livrarias, não encontrava em sebo, precisei encomendar. E ele vale cada minuto de espera... é verdadeiramente uma obra de Arte.

Queria muito este livro, me chamava a atenção o título, a parceria da escrita com um escritor moçambicano morador de Maputo, exatamente a cidade onde tenho amigos autores e também o enredo, porque assim como a personagem Dandara eu também havia ganho de presente uma capulana do amigo moçambicano Mauro Brito.

Eu, enquanto pesquisadora sabia da importância da temática e já estava estudando a autora, que aliás foi a primeira autora escolhida para estar presente na minha investigação a/r/tográfica.

Nesta obra Heloisa Pires Lima é coautora. O livro foi escrito em parceria com o escritor moçambicano Mauro Lemos e com a ilustradora Vanina Starkoff. Cada página é um presente. São 48 páginas de textos artísticos e estéticos.

A minha afirmação sobre este livro como uma obra de arte contendo textos artísticos, não está baseada apenas na minha leitura sensorial, mas na afirmação teórica de Ramalho e Oliveira (2009, p.26) no que se refere aos estudos das imagens e da classificação a partir de Mukarōvský.<sup>20</sup>

Enquanto professora, me cabe a apropriação do entendimento de textualidade artística e estética, para favorecer aos estudantes a aprendizagem de que a maneira de se chegar ao sentido, não se restringe somente aos considerados bens artísticos; o mesmo acontece com os textos imagéticos cotidianos, como capas de caderno, ou estampas de roupas.

Entendo que nem todos os livros para a infância são assim, concebidos com o cuidado da linguagem artística, mas para a tese, escolhi obras de Arte. Se o estudante ou a criança não tiverem contato com mais nenhuma forma de expressão artística que se configura em obra de Arte, em livros como *Capulana*, um pano de histórias, a materialidade se configura como uma mini galeria de Arte.

Em Moçambique, conforme aprendi com os escritores Pedro Pereira Lopes, Celso Cossa e Mauro Brito, e que se confirmou na escrita de Heloisa Pires Lima, as capulanas, que são tecidos coloridos, cujas estampas retratam cores e motivos do continente africano, têm uma

---

<sup>20</sup> Juan Mukarōvský foi um estudioso da estética e da significação da imagem

dimensão cultural importante, pois estão presentes em momentos da vida comunitária, como casamentos, nascimentos, nas atividades diárias das mulheres, que carregam seus filhos em abrigos feitos com esses tecidos, dentre outras atividades.

Figura 49



Com tudo isso, percebi que capulana diferente significa que na vida nem sempre temos as mesmas ideias, mas nem por isso precisamos estar em conflito, em lutas, em desacordo. As cores, mesmo as mais diferentes, podem conviver numa só capulana. Assim como as ideias entre as pessoas. [...] (Lima; Lemos, 2014, p. 29)

As capulanas (e eu tenho a alegria de ter 3 capulanas) são, portanto, objetos estéticos e culturais e, dessa forma, disparadores de memórias afetivas que constituem a história do lugar. Na escrita de Heloisa Pires Lima e Mário Lemos, essas dimensões são ressaltadas, por meio de uma linguagem poética, apresentada em três gêneros: a narrativa, a poesia e o conto. Em cada capítulo, os três gêneros se articulam no desenrolar da história.

A história da personagem Dandara, uma menina brasileira, que assim como a autora Heloisa mora em São Paulo e que recebe um presente de seu amigo moçambicano Tulany, que assim como o autor Mário Lemos mora em Maputo, enfatiza uma bela tradição africana que

ainda na atualidade resiste entre os povos de Moçambique, ilustrando a importância do fortalecimento dos vínculos que podem e devem atravessar os mares. O gesto de fortalecimento da amizade apresentado nesta narrativa, eu trago simbolicamente para os relacionamentos que foram se constituindo no percurso desta pesquisa a/r/tográfica.

Este livro repleto de delicadezas textuais, apresenta detalhes diferenciados em cada página, destaco aqui a apresentação dos autores na poesia concreta, reproduzindo, na disposição das palavras que compõem os versos, o movimento dos tecidos ao vento.

Ao contemplar uma imagem ou obra, a experiência estética é acionada, uma vez que, conforme observa Bellour (1997, p. 10), "dedicar tempo diante da imagem, trocando-o por conhecimento, pesquisa e busca de ideias", se configura como um ato de aprendizado. Essa imersão diante da imagem não apenas nos proporciona uma compreensão mais profunda de nós mesmos, mas também nos revela aspectos sobre o criador da imagem, permitindo uma exploração significativa das complexidades da autoria e da relação entre o observador e a obra.

Nesta tese, experimento os sentidos da experiência estética. Ao me dedicar a leitura desta produção literária, pensei em Dandara moça e na possível constituição das suas memórias com a representatividade simbólica das capulanas. E nessa aprendizagem a/r/tográfica, o texto que inicia esta afluência sobre Heloisa Pires Lima, foi concebido.

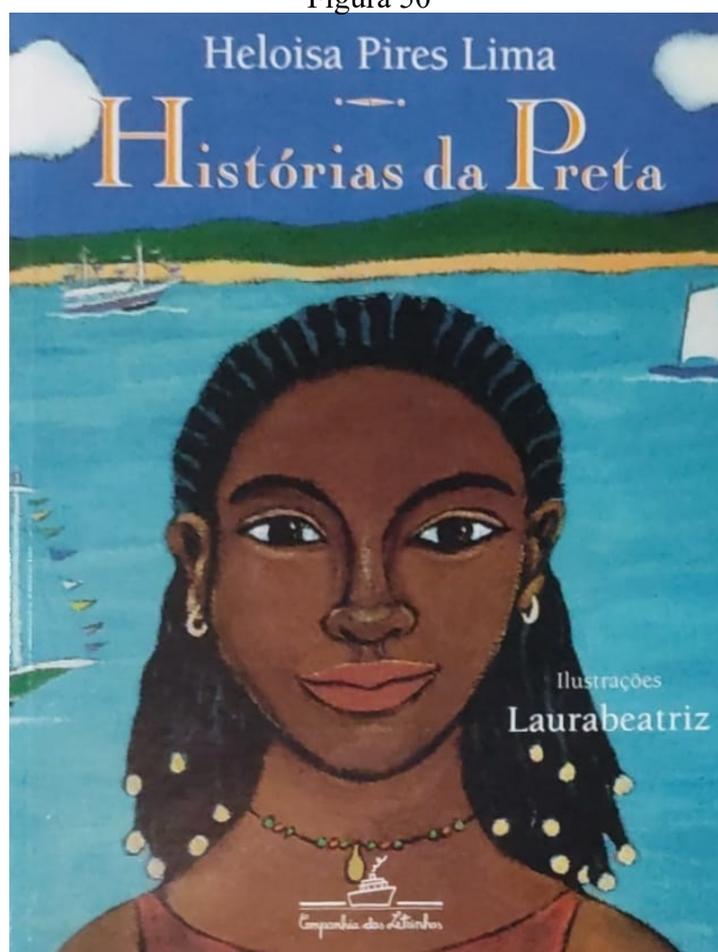
Eu, artista, experimentando textualizar o encontro, as minhas memórias, a beleza da poesia desta história e a delicadeza da autoria coletiva destes três artistas. Tenho o entendimento de que no contexto escolar, a disciplina Arte se destaca como o único componente curricular que se aprofunda na cultura em sua dimensão estética. A leitura, nesse cenário, surge como um elemento fundamental dentro desse domínio. Contudo, a abrangência da Arte vai além, incorporando elementos como ressignificação, expressão, criatividade atenta e manipulação inventiva dos componentes que constituem as linguagens artísticas. Adicionalmente, a disciplina explora as relações intrínsecas entre arte e vida, arte e sociedade, bem como arte e identidade.

Pensando em Arte e identidade, trago a primeira produção literária de Heloisa Pires Lima, que assim como eu, é professora, artista e pesquisadora. A concepção de Histórias de Preta, como a própria autora compartilha em seus diálogos literários, aconteceu mediante um desafio feito pela prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Lilia Katri Moritz Schwarcz, que é fundadora da editora Companhia das Letrinhas para que houvesse a criação pelas mãos de Heloisa de uma narrativa infantil com o foco nas questões da identidade negra e da relação do continente africano com o Brasil.

Surge então um compêndio que aborda os vários aspectos da história de uma construção da identidade de uma menina negra. Onde o fio da narrativa, conforme Heloisa gosta de

ênfatizar nas redes sociais, acontece a partir dos questionamentos filosóficos de Preta. São pequenas histórias que surgem a partir da principal pergunta: como é, afinal, ser uma pessoa negra? E as reflexões são conduzidas para que o leitor tenha a compreensão de que a diferença não está na tez, mas nas vivências.

Figura 50



A forma como Heloisa apresenta a sua escrita literária, no livro *Histórias da Preta* se configura como um belíssimo material para pensar coletivamente no âmbito educacional sobre a decolonização. Tenho o entendimento de que decolonizar implica em criar experiências alternativas, tanto em nível individual quanto coletivo, com o objetivo de descentralizar o eurocentrismo e desafiar as demarcações de lugares que historicamente detêm hegemonia.

Como professora eu entendo que a escola possui um papel fundamental na edificação de uma linguagem literária decolonial, capaz de abrir caminhos que subvertam os modelos colonialistas e eurocentrados. Torna-se essencial focar nas discussões e problematizações os estudos e conhecimentos considerados subalternos, pois, conforme apontado por Spivak (2010), os "subalternos" podem e devem ter voz.

Tive uma professora que pedia que a gente tivesse um mapa-múndi no nosso quarto. Só que ela queria que prendêssemos o mapa de cabeça para baixo na parede, e que imaginássemos o mundo diferente o mundo diferente. Quem estava em cima ficava embaixo e quem estava embaixo ficava em cima. Eu adorava olhar aquele mapa, achando que tudo ficava invertido. Até que um dia eu descobri que quem ficava no meio continuava ali, sempre no meio, e eu não aguentei. Pus o mapa de lado, mas não adiantava: o meio era sempre o meio. Pus no teto do quarto e nada. Meu pai me comprou um globo redondo – e sempre tinha um meio que nunca saía do lugar. Acho que foi assim que descobri que o meio é ...o equilíbrio do mundo. E que todas as partes do mundo dão equilíbrio ao meio. E que é no equilíbrio que todo mundo fica igual (Lima, 2005 p.49)

Histórias de Preta me lembra as enciclopédias da biblioteca do meu pai, mais precisamente o Tesouro da Juventude, que dá vontade de ler, reler e buscar informações em cada história. São 64 páginas onde a voz da personagem ilustrada pelas mãos de Laura Beatriz me motiva a querer ouvir mais.

E ao ler sobre a ilustradora, que compõe de forma tão respeitosa a escrita de Heloisa, descobri que Laura (2005, p.64) tem a inspiração do mar em sua Arte.

Sobre inspiração, em sua apresentação Heloisa afirma:

Minha sintonia torna-se mais sensível ainda quando penso nas crianças negras, lindas como todas e precisando de um carinho deste mundo. É um direito delas, ter espaços onde não se sintam constrangidas. E tomara que sejam todos! E é brincando que procuro inventar uma atmosfera de amor por onde passem meninas e meninos – iguais e diferentes de todos os outros meninos e meninas. (Lima, 2005, p.64)

Das minhas leituras destaco neste âmbito reflexivo o apontamento de Queirós (2019, p. 104), onde “Ler é inteirar-se de outras proposições, é confrontar-se com outros destinos, é transformar-se a partir da experiência vivenciada pelo outro e referendada pelo fruidor.

Aprendi muito com a Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup>. Joana Célia dos Passos, com o Prof<sup>º</sup> Dr<sup>º</sup> Elison Antonio Paim e com a minha orientadora Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Eliane Debus, durante as disciplinas cursadas e nos seminários do PPGÉ. Li sobre conceitos imprescindíveis para atuar na Educação antirracista em que acredito e compreendi que descolonizar a Literatura Infantil é estabelecer um espaço distinto que abrange questionar as diferenças e criar novos trajetos educativos para e com as crianças.

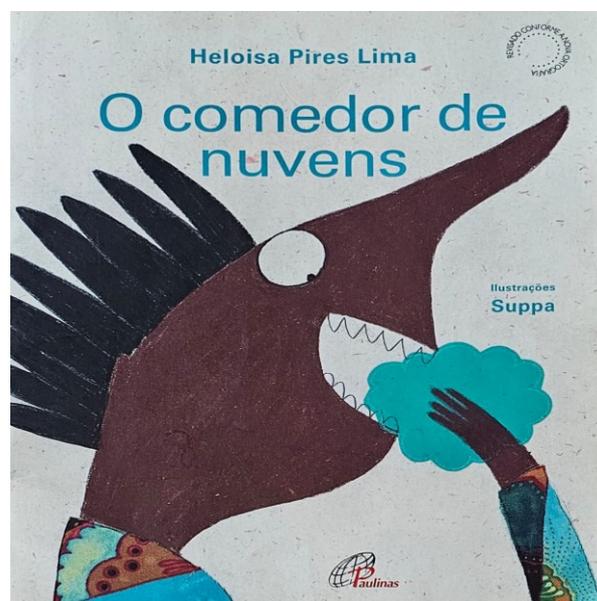
Como pesquisadora, ouvindo tantos relatos e entrevistas durante o período que passamos de pandemia e reclusão social, tive fortalecido o meu posicionamento de que as instituições educacionais necessitam reavaliar seus currículos, reconhecendo que abordar a Literatura Infantil a partir de uma única perspectiva pode resultar na construção de

conhecimento e no desenvolvimento de atitudes colonialistas. Isso acarreta o risco de perpetuar uma abordagem escolar, currículos e práticas docentes com inclinações colonialistas, influenciando, por conseguinte, a formação de uma mentalidade colonialista nas crianças.

A literatura para a infância que Heloisa Pires Lima apresenta, especialmente em *Histórias da Preta*, uma literatura que rompe os padrões estabelecidos pelo colonialismo e amplia o repertório de informações fortalecendo o pensar sobre as trajetórias históricas, portanto sociais.

E ainda, fazendo parte destas reflexões, das anotações em sala de aula, reforço nesta tese sobre a Literatura Infantil de temática africana e afro-brasileira, que a colonialidade do ser representada pela criança negra, a colonialidade do saber, relacionada à Literatura Infantil, e a colonialidade do ter, associada à criança em situação de vulnerabilidade socioeconômica, são processos que demandam a necessidade de decolonização. “Faz-se necessário descolonizar a infância e vê-la como *aión*, a infância como experiência” (Kohan, 2007). O trançado do cabelo da minha Dandara moça, lembro a trajetória rizomática que me fez escolher mergulhar na escrita da Literatura Infantil afro-brasileira com Heloisa Pires Lima.

Figura 51



*O comedor de nuvens* foi o primeiro título que conheci de Heloisa, logo que ingressei no Contarolando. Naquele período, porém ao realizarmos improvisações cênicas, foi necessário fazermos escolhas e as opções para montagem foram outras. Mas o nome ficou me fazendo cócegas na memória.

No ano seguinte aceitei o desafio de auxiliar o grupo na direção artística já que a bolsista

Paula Dias não pode dar continuidade ao trabalho por questões familiares. Neste período, enquanto grupo de pesquisa e extensão retomamos os encontros formativos e redimensionamos as apresentações cênicas para que as histórias escolhidas pudessem ser realizadas independente da ocasional falta de algum ou alguma integrante. Tínhamos no repertório *Olelê: uma antiga cantiga da África*, de Fábio Simões e *Filhos de Ceição*, de Helô Bacichette

Nossa proposta de trabalho vinculada ao PET de Pedagogia da UFSC, naquele ano de 2018, continuava sendo “Contarolando em formação e ação: co(a)ntando a literatura de temática afro-brasileira e africana para infância” e de forma artística e lúdica continuamos pesquisando e fazendo Arte. “Os guerreiros, sentados debaixo dos baobás, enrolavam em suas lanças as nuvens coloridas, que lambiam enquanto discutiam assuntos importantes.” (Lima, 2009, p.8)

Destaco que a minha aproximação com Moçambique e seus autores aconteceu neste mesmo momento histórico em que a minha orientadora trouxe para o Brasil, em 2017, o autor moçambicano Mauro Brito que realizou palestras, concedeu entrevistas e participou de ações junto ao grupo Contarolando e ao Literalise.

E que incrível oportunidade a nossa! Mauro Brito palestrou com a temática “A literatura para crianças em Moçambique” direcionada especificamente aos participantes do PET de Pedagogia, porém o Contarolando fazia parte deste seletor grupo e eu como integrante, apesar de ser doutoranda, pude participar. E no dia seguinte assisti “Um passeio cultural pelo Índico: Moçambique”, evento este, que foi aberto ao público.

Pronto! Moçambique ocupou lugar no meu coração e ouço dizer no coração dos demais e das demais integrantes do Contarolando. E o livro *O comedor de nuvens*, apesar de não ser diretamente relacionado com Moçambique, (diferente da narrativa de *Capulana: um pano estampado de histórias*), traz na história elementos imaginativos e de referência cultural africana que nos permitiu construir um diálogo cênico com as informações recebidas nos encontros formativos.

No ano seguinte a minha orientadora que até então, desde a criação do Grupo Contarolando, estava na coordenação, precisou de afastamento para realizar o seu pós-doutorado. As atividades cênicas literárias continuaram e eu permaneci com o grupo que passou a ser coordenado pela Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Jilvania Bazzo com colaboração ativa da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Lilane Maria de Moura Chagas.

Iniciamos um novo processo artístico pedagógico e para ele eu elaborei algumas atividades em uma oficina que denominei A experiência estética de narrar *O comedor de*

*nuvens*, de Heloisa Pires Lima.

Nesta oficina um dos eixos norteadores foi a ludicidade, porque importa na formação dos professores, (e esta afirmação eu trago da minha trajetória como formadora de profissionais da Educação), que haja a oportunidade de experienciar atividades que serão propostas para os estudantes.

A ideia de brincar literariamente com esta história, segundo os relatos da autora, surgiu em uma de suas viagens. Inspirada nas nuvens que seus olhos miravam, trouxe em 24 páginas a narrativa com elementos africanos e o seu envolvimento de pesquisadora com as questões do meio ambiente de maneira leve e criativa. E a brincadeira das palavras foi acompanhada pela brincadeira das imagens compostas pela ilustradora Suppa.

Então segui com o coletivo...E os meus pés me levaram para a elaboração e realização de atividades que pudéssemos construir artisticamente, porém com ludicidade.

A concepção da parte formativa para a experiência cênica foi de minha autoria, para esta tese importa o processo e neste movimento atuou a pesquisadora, a artista e a professora.

Como artista experimentalista, utilizei no processo a concepção de construção imagética coletiva, a exploração corporal na composição de sonoridades e gestualidades e a criação de personagens com materiais simples partindo do papel kraft.

Figura 52



Neste processo de apropriação da narrativa para compormos a representação cênica, convidamos a musicoterapeuta Larissa de Cezar que também estava realizando suas pesquisas acadêmicas e desenvolveu conosco o curso “Canção poética: musicoterapia e composição criativa na contação de histórias”. Neste conjunto de ações ocorreu o processo de criação cênica e de composição musical para a contação da história *O comedor de nuvens*. Elaborei, nesta tese a/r/tográfica o texto processo na linguagem audiovisual.



Dentre as atividades propostas, foi solicitado que cada participante da roda cantasse uma música que viesse à cabeça ou que gostasse muito, mesmo que desse vergonha, o exercício era sentir a música, depois em pequenos grupos, foram desafiados representar em frases e imagens a narrativa do livro abordado e depois no grande grupo ao expor as pequenas representações houve o desafio da junção de ideias compondo frases sonoras. E a partir desta atividade começamos a composição de uma música para a história em si. (Franceschi, Relatório, 2018).

Escaneie o QRcode  
ou clique no [link](#) para  
acessar a  
apresentação.

### 3.4 Pedro Pereira Lopes

[Voltar](#)

Figura 53



Como captar os sons das narrativas  
que deslizam pelas correntezas da poesia?  
Como saborear a melodia,  
bailar ao compasso das palavras  
e desbravar sua terceira margem?

Podemos imaginar o universo da cultura como um mar de acontecimentos ligados à esfera humana e as artes ou os meios de comunicação como círculos que delimitam campos específicos de acontecimentos dentro desse mar. Um círculo poderia definir o campo de fotografia, outro o campo do cinema, outro o campo da música e assim por diante. Estamos, evidentemente, esquematizando para efeito apenas de argumentação. Na prática, é impossível delimitar com exatidão o campo abrangido por um meio de comunicação ou uma forma de cultura, pois as suas bordas são imprecisas e se confundem com os outros campos. (Machado, 2007, p.57)

Nesta parte da navegação, como pesquisadora, um dos grandes desafios foi o de conseguir produzir textualmente o mar de experiências vividas durante o percurso investigativo com a potência criadora que é o artista Pedro Pereira Lopes.

Pedro é assim, um oceano de produção e pensares literários, que atravessa delimitações territoriais com suas ações criativas e com a grandeza das possibilidades que a arte produzida por suas mãos oferece.

Escritor experimentalista professor, pesquisador, editor, provocador cultural, Pedro Pereira Lopes, um autor contemporâneo das letras, revela com orgulho sua ligação à literatura sempre que entrevistado ou quando o tema recai sobre sua obra. Nascido em 1987 na província de Zambézia, Moçambique, ele emerge como poeta e contador de histórias, trazendo consigo uma riqueza de narrativas que se estendem desde suas raízes africanas até as terras brasileiras. Ao cruzar fronteiras, Pedro presenteia os leitores como eu, com escritas para todas as idades, relatos culturais envolventes, além de generosamente compartilhar memórias marcantes de suas leituras.

O autor que se descobriu negro quando saiu de sua terra natal para estudar na Universidade de Pequim, onde concluiu seu mestrado em Políticas Públicas, partilha em uma das suas entrevistas: “Eu me descobri negro na China, eu não sabia o que era ser negro fora de Moçambique. Eu me descobro negro em um outro país.” (Lopes, 2022)

E na conversa literária ainda enfatiza “sou negro, sou africano, por isso a minha literatura é africana, ainda que eu não escreva sobre tambores, sobre palhotas, sobre animais selvagens ou sobre toda a mitologia que provavelmente mágica representa a África” (Lopes, 2022)<sup>21</sup>

E na pandemia... conversar com o Pedro, receber as suas criações diárias me manteve poeticamente ligada a pesquisa.

A poesia é conhecimento, salvação, poder, abandono. Operação capaz de mudar o mundo, a atividade poética é revolucionária por natureza; exercício espiritual, é um método de libertação interior. A poesia revela este mundo; cria outro. Pão dos escolhidos; alimento maldito. Isola; une. Convite à viagem; retorno à terra natal. Inspiração, respiração, exercício muscular. Prece ao vazio, diálogo com a ausência: o tédio, a angústia e o desespero a alimentam. [...] o poema é um caracol onde ressoa a música, ecos, da harmonia universal. Ensino, moral, exemplo, revelação, diálogo, monólogo. Voz do povo, língua dos escolhidos, palavra do solitário. [...] o poema é uma máscara que oculta o vazio, bela prova da supérflua grandeza de toda obra humana!” (Paz, 2012, p. 21)

---

<sup>21</sup> Parte da fala de Pedro Pereira Lopes durante o diálogo “Conversas Além-mar”.

Figura 54



E era assim, durante um período, todos os dias, Pedro produzia textos poéticos com palavras e imagens. Este texto, (terminologia coerente com a leitura em semiótica discursiva) tem a fotografia registrada na paisagem em Florianópolis, em um passeio com o historiador José Carlos dos Santos Debus.

Em outro movimento de produção artística, o escritor Pedro Pereira Lopes produziu contos... E o meu contato com o escritor amigo, se mantinha apesar da distância dos continentes. Fator determinante para os tempos desta pesquisa, é que a tecnologia, nos permite na atualidade, a comunicação que em outro momento histórico seria através de cartas. Portanto, outra temporalidade, outros modos híbridos favoráveis às linguagens e em especial a Arte.

Como escritor experimental, Pedro busca contar de diferentes formas o imaginário africano, o imaginário moçambicano, no movimento de impulsionar a imaginação, a criatividade e acima de tudo o gosto pela literatura como direito universal. Assim ele se expressou em 2022 durante as atividades híbridas da Semana Municipal do Livro Infantil. O encontro intitulado “Conversas além-mar: diálogos entre Literatura Infantil de Moçambique e Literatura Infantil produzida no Brasil, realizado com o objetivo de favorecer a ampla socialização dos pensares literários dos autores moçambicanos Pedro Pereira Lopes e Mauro Brito e Celso Cossa (que infelizmente não consegui participar) e das autoras brasileiras Madu Costa e Eliane Debus. Neste encontro, Eliane Debus que aliás, foi a responsável pela vinda dos autores moçambicanos para Florianópolis, e que os apelidou carinhosamente de “os três mosqueteiros”, realizou a mediação e ao final da fala do autor Pedro Pereira Lopes, ela agradeceu poeticamente:

Obrigada a esse menino homem que teve na intimidade dos livros a amizade. Mesmo brotando lá dos dois a Bíblia e o livro de Mistério, o Enigma da Sobrevivência, ele foi gostando de livros como se gosta de doces. Então, o menino homem, o homem confeitiro das palavras, que de cores e sabores escreve para resistir à resistência e voltar a existir. Homem negro que se encontra na sua negritude. (Debus, 2022)<sup>22</sup>

Pedro Pereira Lopes reafirma com frequência a importância de Angelina Neves para a Literatura Infantil em Moçambique e na sua formação como escritor para a infância, é com ela

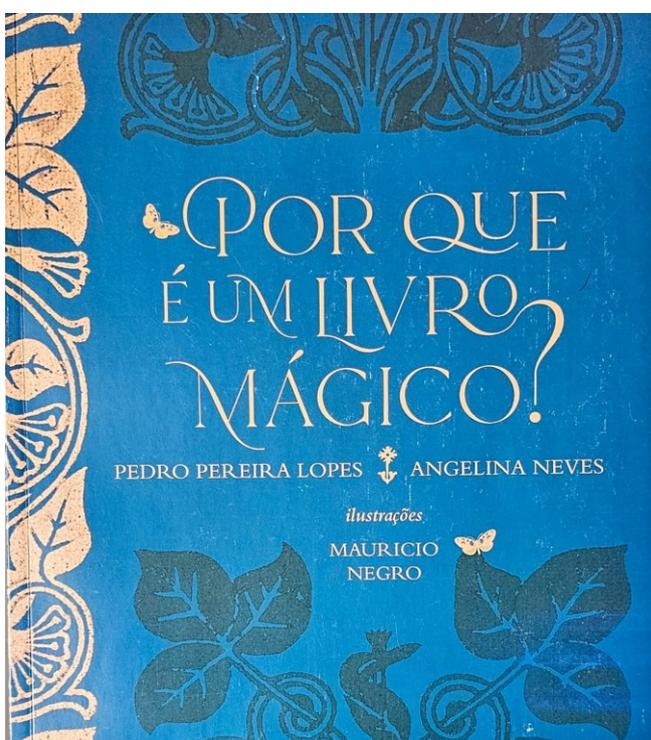
---

<sup>22</sup> Fala feita no diálogo “Conversas Além-mar”.

que a obra *Por que é um livro Mágico?* concebida no ano de 2020 e editada pela Escola Portuguesa de Moçambique.

Angelina Neves, que também atuou como professora possui mais de 50 livros infantis publicados, é militante em projetos de incentivo à leitura e é membro fundadora do Circo da Paz, um projeto que prioriza a Educação de jovens através das linguagens artísticas. Sua importância literária, foi um incentivo para que no Literalise em 2021 realizássemos uma produção coletiva que resultou na publicação do livro eletrônico *De Livros e Leituras: a produção de Angelina Neves* <sup>23</sup>

Figura 55



Um dia, o avô deu um presente à Ndawina.  
 O embrulho era pesado e retangular.  
 O velho esboçou um sorriso simpático,  
 mas a Ndawina olhava desconfiada.  
 Foi fácil de adivinhar.  
 Ela abriu o presente, já desapontada.  
 Era um livro azul com letras douradas na frente.  
 (Lopes; Neves, 2020, p.10)

<sup>23</sup>Disponível nos seguintes endereços eletrônicos: <https://literalise.wordpress.com/nao-da-para-perder/angelina-neves-e-a-producao-para-infancias/> bem como, <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/230063>.

A escrita compartilhada desta obra de Arte contem a ilustração do brasileiro Maurício Negro, compondo um hibridismo textual para a narrativa.

E este livro, eu deixo na minha mesa de cabeceira. Me faz lembrar, sempre que eu o folheio, a beleza da leitura compartilhada através das gerações. A trama das representações verbais e visuais harmoniza as experiências de infância. Os temas desdobram-se delicadamente para corresponder às expectativas de leitura e, ao mesmo tempo, transcender essas expectativas, desvelando algo ainda não explorado. Neste livro, aprecio a produção artística visual como uma outra poética ou produção de sentidos, que contribui significativamente para o meu olhar como artista que também conta histórias e que encontra nos livros a magia para as representações cênicas.

O que faz deste livro uma obra mágica? Desde o título, ele cativa a atenção do leitor. Ao se apresentar como uma pergunta, implicitamente convoca um destinatário a desvendar a magia que se esconde nas páginas, a ponto de merecer o rótulo encantador de "um livro mágico".

E a personagem Ndawina, que na sua corporeidade gosta de atividades mais ativas, recebe um livro do avô, mas, para experimentar o presente o corpo precisa de pausa para que o movimento seja em outro campo exploratório que é o das imagens na mente para além da ilustração e essa mudança não parece ser atrativa para a personagem menina.

Com o livro nas mãos, a menina apresenta ao avô a razão de seu desinteresse e da sua aparente decepção com o presente. Para Ndawina, ou os livros são repetitivos ou trazem informações que não motivam o seu interesse. O avô, com aparente desapontamento, em resposta à neta afirma que “um livro é um objeto mágico”, ao que a menina, brincando, emite a pergunta do título: “– Mágico? Ó avô sabichão, por que é um livro mágico?” (Lopes; Neves, 2020, p. 15).

A sabedoria do avô, e aqui destaco as conversas com o autor Pedro Pereira Lopes sobre os anciões serem considerados em algumas regiões africanas como bibliotecas vivas, apresenta pacientemente os argumentos que justificam a pergunta título deste livro.

Ao mergulhar na narrativa deste livro presente, minhas mãos me levaram para a construção textual, motivada pelas imagens descritas e escritas, aconteceu a brincadeira com técnicas de composição visual que aprendi com a minha mãe para assimilar os conteúdos das disciplinas no ensino fundamental. Esta técnica artística com desenho, colagem e pintura, foi retirada do baú das minhas memórias em uma tarde agradável, com chá e bolo caseiro, onde a prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ida Mara Freire compartilhou os seus processos de escrita e generosamente compartilhou criações imagéticas em seus cadernos.

Figura 56



Na minha experiência artística, algo acontece que não consigo prever; isso é assim, uma vez que o fenômeno (a circunstância) me envolve, me coloca em plena atividade. Essa especificidade, eu entendo como sendo a força da Arte, que precisa ser vivenciada e refletida como um evento que, de algum modo, mobiliza meu repertório, minha bagagem, podendo ser um diferencial da minha experiência.

E como professora de Arte, recorro às ponderações conceituais de Gadamer (2010) ao afirmar que a experiência estética atua sobre nós em dois sentidos, ao introduzir o elemento do estranho e exigir uma tomada de decisão moral que requer o exercício do gosto. O elemento estranho possibilita uma revisão de nossos padrões familiares, enquanto a ação moral demonstra que a experiência estética nos convoca e está intrinsecamente ligada aos sentidos e ao gosto, conforme observado por Hermann (2010).

Nessa perspectiva, a Educação dos sentidos, propiciando o desenvolvimento de uma razão sensível, torna-se um desafio importante para o campo educacional.

Como artista busco também em Flickinger (2010) a compreensão de que a Arte me impulsiona para além dos meus limites pessoais, conduzindo-me a uma situação extraordinária.

Nesse cenário, experimento uma interrupção do cotidiano, um momento em que, imersa em algo envolvente, me encontro em uma circunstância que coloca uma questão de forma radical. É nesse contexto que se abre a oportunidade de cocriar minha própria existência.

Nesta tese explorar obras de Arte literárias e permitir-me a experiência criativa que elas proporcionam é, portanto, um ato de auto Educação; é cuidar de mim mesma enquanto ser no mundo.

Minha entrega à Arte e a temática que eu optei para esta tese, representa na minha busca como artista e professora uma atitude libertadora.

Brincar com os poemas, me permitir experimentar o que muitas vezes teorizei. Acredito que este é um ponto chave na essência do ser professora, é preciso vivenciar aquilo que me proponho a ensinar, o que consta nos escritos do meu planejamento, as atividades pensadas como propositivas para a criação, por mais simples que sejam muda o sentido quando vivenciadas por quem tem a função de ensinar. A experiência amplia as referências das possibilidades artístico pedagógicas.

Estar nessa experiência de navegação artística, por vezes é me colocar na condição de pirata, (assim como o poema de Pedro Pereira Lopes no livro *O comboio que andava de chinelos*), pois é estar numa aventura, ir em direção ao desconhecido. Ler, apreciar e refletir, criar, também são ações subversivas, de não aceitação de verdades absolutas.



Clique no [link](#) ou escaneie o QRcode para acessar ao vídeo.

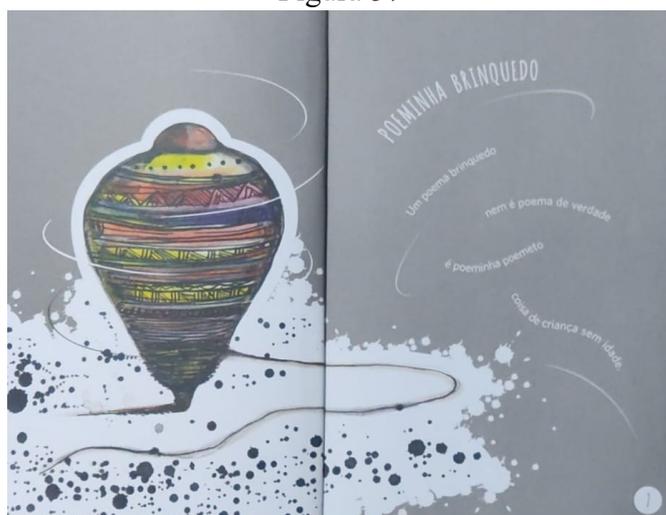
Queria ser um pirata  
um pernetá  
com a barba sempre mal feita  
sonhar a conquista perfeita  
e por ela ir à luta

mas não sou pirata  
sou apenas poetas  
que também gosta do mar  
por isso vivo a navegar,  
a navegar  
e a amar.

(LOPES, 2019, p.28-29)

No Livro *O comboio que andava de chinelos*, a ludicidade presente no título já desperta a curiosidade: Como pode um trem andar de chinelos? A disposição gráfica de alguns poemas contribui para a formação de sentidos na leitura. Como no Poeminha Brinquedo, onde a ilustração é de um pião girando e o texto tenta acompanhar esse giro graficamente.

Figura 57



Um poema brinquedo  
nem é poema de verdade  
é poeminha poemeto  
coisa de criança sem idade  
(Lopes, 2019, p.7).

Com esta obra, de 16 poemas, Pedro Pereira Lopes recebeu o Prémio Maria Odete de Jesus, em 2016, promovido pela Direção das Bibliotecas da Universidade Politécnica e coeditado em parceria com a EPM-CELP. Em todas as páginas o convite para a brincadeira com as palavras impulsiona a leitura performática. A ilustração de Walter Zand que é multiartista, traz a leveza visual para a composição dos poemas brincantes de Pedro.

E como este livro performei. Em muitos encontros eu o trouxe em minha bolsa e quando tinha a oportunidade eu lia ou recitava no coletivo, criei desenhos, quis muito compartilhar este presente poético. Alguém pode se perguntar o porquê da escolha deste e não de outro livro. E a resposta é que ele me toca por trazer na sutileza de suas palavras elementos culturais de outras infâncias diferentes da minha, mas que ao mesmo tempo me aproxima, e também porque sempre que leio os seus poemas me vem a imaginação o escritor Pedro menino:

Os livros que amo não me deixam. Caminham comigo. Há os livros que moram na cabeça e vão se desgastando com o tempo. Esses, eu deixo em casa. Mas há os livros que moram no corpo. Esses são eternamente jovens. Como no amor, uma vez não chega. De novo, de novo, de novo... (Alves, 2005, p.91)

Figura 58



Na potencialidade transgressora da arte, eu emergo em um âmbito estético que revela algo de forma única, onde posso apreender sutilezas e visões de mundo humano que só a poesia torna possíveis. À sua maneira, a arte expande as possibilidades de moldar o mundo humano, permitindo uma percepção que, além de estética, é também de horizonte ético. Diante dela, algo novo me chega e desloca à noção de senso comum que tenho acerca das coisas. Neste instante,

eu formulo um juízo e mobilizo valores (de belo, feio, certo, errado, justo, não justo) para julgar e interpretar o que se passa comigo. Isso significa que a arte me enlaça e exige uma posição, e, diante dela, minha visão de mundo se amplia, meus valores são esgarçados e sou levado a revisar crenças. Ocorre, portanto, que algo me acontece, me interpela e expõe uma questão; nesse instante, sou arrebatado pela experiência ético-estética.

Recordo das vivências e das aprendizagens de novembro de 2019, no período dos eventos literários VIII SLIJ e IV SELIPRAM, e destaco dos escritos de Paulo Freire (1979) o conceito de utopia que acompanha a minha trajetória com professora, que significa o sonho possível, banhado em esperança, e como nesta pesquisa o fluir das águas me encharcaram ainda mais de utopia, quando os três autores Pedro Pereira Lopes, Mauro Brito e Celso Cossa, trouxeram de Moçambique suas escritas poéticas.

Das nossas conversas, muitas poesias, contos e experiências estéticas.

Figura 59



Na segunda estada de Pedro em Florianópolis, no ano de 2019, fui buscá-los no aeroporto. Os três autores que eu já estava lendo, chegaram juntos. Fomos conversar no sul da ilha, na praia do Pântano do Sul. Estavam com sede e fome de algo mais substancioso que um petisco do avião. E eu, queria levá-los a um lugar significativo, que oportunizasse a construção de memórias poéticas da minha terra natal para aqueles autores que eu, a distância, já admirava.

E ali naquele ambiente que inspira poesia, Pedro me contou sobre ser um provocador cultural e do seu envolvimento com a política de incentivo à leitura através de diferentes ações como o Projeto Ler para Ser que ele iniciou em 2015, buscando levar livros para escolas de periferia, sem recursos.

Sobre este projeto, compartilho pela riqueza de detalhes que me emocionam enquanto professora, o relato realizado por Pedro durante a entrevista concedida a minha orientadora em Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Elia Debus (2018)<sup>24</sup>:

Em 2015, em fevereiro, fiquei um mês de férias na cidade da Beira, no centro do País (província de Sofala). Durante os dias que ali permaneci, visitei uma biblioteca municipal e a escola secundária que frequentei. Assustei-me com o que vi: a biblioteca estava vazia, fechada e as paredes caíam. A escola, embora ampliada e bonita, já não tinha os livros que li quando lá estudei. Quando regressi a Maputo, decidi iniciar o projecto com o objectivo de levar livros às escolas periféricas e sem meios de adquirir livros. A ideia era incentivar a leitura e estimular a imaginação e a criatividade. Em maio de 2015, fiz os primeiros trabalhos na província de Sofala. Ofereci cerca de 200 títulos à escola secundária e passei por mais 10 escolas primárias distribuindo livros infanto-juvenis. A iniciativa vingou. De lá até hoje, já passei por mais de 20 escolas distribuindo literatura. No início deste ano adicionei a componente palestra às visitas. Tenho falado, em suma, da importância do livro e da literatura como direito humano, este último assunto aos centros de formação de professores primários. Em relação ao funcionamento, sendo uma iniciativa pessoal, custeio todas as actividades, transporte (passagens aéreas, aluguer de viatura, transporte de livros e combustível), acomodação e alimentação. Tenho alguns parceiros (Escola Portuguesa e o Matteo Angius), mas o apoio é em forma de livros, o que já é bom. (Debus, 2018)

No período em que estiveram no Brasil, fiz questão de estar próxima. Queria muito aprender com eles.

O meu sonho de viajar para Moçambique tinha sido adiado por precisar estar com os meus pais e como um presente, aconteceu o inusitado, os três autores vieram para o Brasil e melhor ainda para Florianópolis com o objetivo de participar das atividades organizadas pelo grupo de pesquisa que eu estava inserida.

E deles o Pedro é o pioneiro e incentivador dos outros autores jovens que navegam nos mares da escrita para a infância. Ele tem possibilitado caminhos, tem proporcionado encontros, tem elaborado projetos e para a minha alegria como pesquisadora tem uma parceria fortalecida com a Prof<sup>a</sup> Eliane Debus, minha mentora nesta linda jornada.

O que a poesia mais contemporânea nos oferece na sua relação com o Oceano Índico é uma criativa e altiva reversão da História, isto é, projeção desse espaço líquido não mais enquanto lugar de ameaça ou desembarcadouro dos que vem longe. Mas é, sobretudo, como intermediação com outros mundos, aos quais se aspira e para onde se vai, e em sintonia com textos anteriores de

---

<sup>24</sup> Debus, Eliane. (2018). Entrevista com Pedro Pereira Lopes. Revista Mulemba. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/mulemba/article/view/15406>.

vocação cosmopolita, que o Oceano Índico emerge como possibilidade, sem limites, de evasão e de busca. (Noa, 2018, p.69-70)

Pedro Pereira Lopes é um autor que se considera cidadão do mundo e que iniciou suas primeiras escritas em 2003, 2004, queria muito desenhar e fez uma pequena passagem pelas formações no Museu Natural de Artes em Moçambique, com curso de iniciação no fazer ilustrativo e na cerâmica,

Este artista experimental além das experiências com artes visuais, transitou pela música. (Pedro durante um período escreveu letras para o Hip Hop)

E são tantos detalhes na jornada do jovem escritor que nesse período foram muitas as conversas, principalmente filosóficas.

Figura 60



Clique no [link](#) ou escaneie o QRcode para acessar a entrevista.

Nesse percurso a/r/tográfico, este vídeo faz parte do contexto nas leituras do processo investigativo como composição artística textual híbrida, composta de elementos variados das linguagens, uma vez que ocorre o uso do verbal, do gestual, do cenário, da iluminação, da expressão facial, das intervenções sonoras, da indumentária, tudo pensado para ser lido na compreensão da Semiótica Discursiva. A entrevista de certo modo, é uma representação cênica de uma narrativa, onde as questões conceituais como memória e experiência perpassam a constituição poética do escritor e de sua arte literária

Saliento nesta tese que a Semiótica Discursiva trata qualquer tipo de texto como possuidor de dois planos: o de expressão e o de conteúdo, que somente “reunidos” são capazes de produzir significação. Hjelmslev (1991) foi o responsável pela denominação desses planos e da defesa de que nesse sentido a função da semiótica só existe a partir da relação de reciprocidade entre estas duas grandezas, ou seja, uma não existe sem a outra na composição da textualidade.

E o artista Pedro, construtor de personagens na infância e para quem a imaginação era tudo o que tinha em determinado momento da sua história de vida, prossegue tentando sempre construir novos caminhos na sua Arte literária, experimentando novos projetos e explorando novas palavras para construir novas histórias.

Toda a obra de Pedro, no meu ponto de vista, como leitora assídua, é apaixonante! E nesta estada de Pedro em Florianópolis, eu ganhei de presente o livro *A história de João Gala-Gala*.

Figura 61

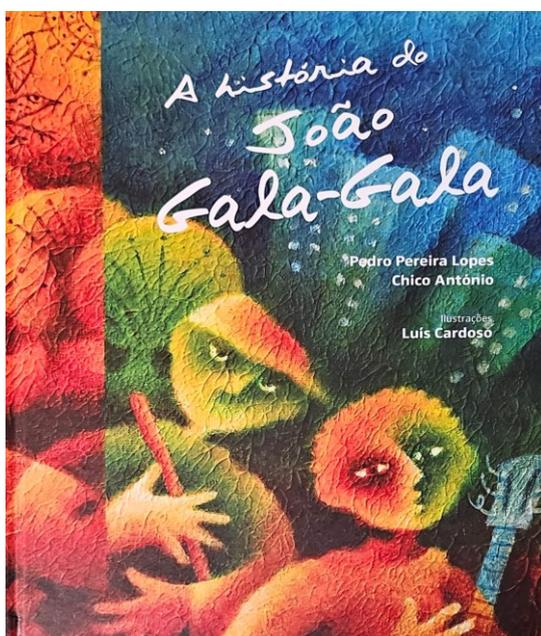
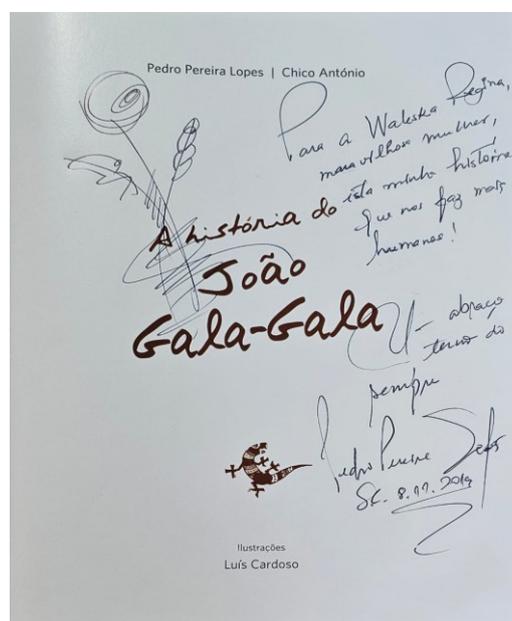


Figura 62



A obra de Arte denominada *A história de João Gala-Gala*, escrita por Pedro Pereira Lopes e Chico António, com ilustrações de Luís Cardoso, é uma prosa autobiográfica que se originou da música homônima criada por Chico António em 1991.

Na manhã seguinte, embora o texto tivesse muitas rasuras, eu gostei do que li, estava bonito. O próximo passo era afinar a melodia e arranjar uns tantos bons músicos para gravar aquelas recordações. A música tocou em muitas rádios, mas o João Gala-Gala jamais apareceu. Então, de uma vez por todas, resolvi parar de esperá-lo, embora eu soubesse que iria recordá-lo para sempre. (Lopes; António, 2017, p.40)

Este livro é uma homenagem tocante aos meninos de rua, assim como ele mesmo fora em tempos passados.

A temporada das chuvas terminara e eu continuava nas ruas. Sobrevivi ao frio e ao calor por mais três anos, até que a fome apareceu e as lojas da cidade ficaram com as preteleiras às moscas (o que quer dizer que as pessoas começaram a poupar a comida) (Lopes; António, 2017, p.40)

Publicado em 2017 pela editora da Escola Portuguesa de Moçambique/Centro de Ensino e Língua Portuguesa (EPM/CELP), o livro materializa harmonicamente o texto verbal e texto gráfico-visual.

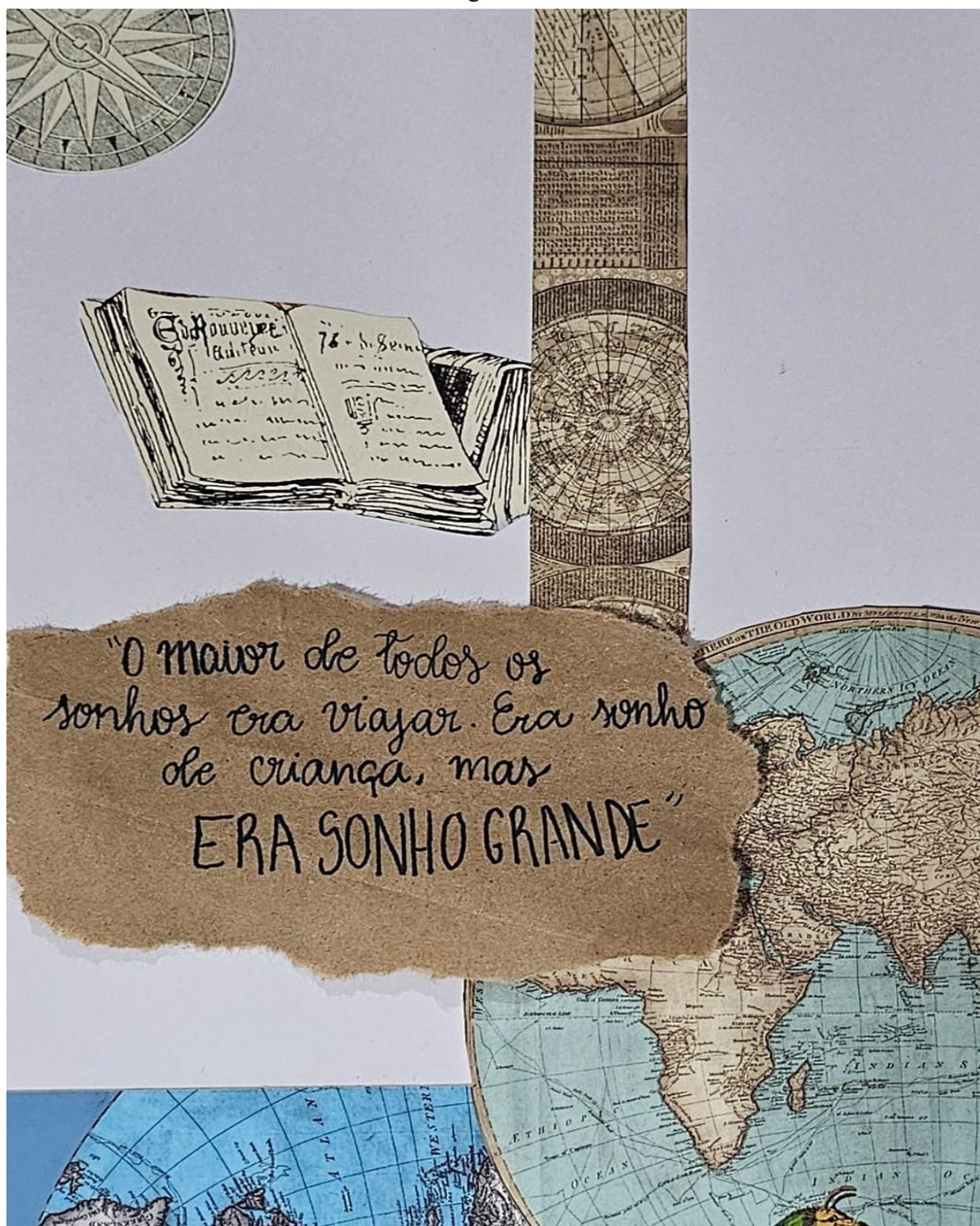
A feitura do livro transparece a parceria criativa, já que a escolha do artista plástico Luis Cardoso foi realizada pelo próprio Pedro. Sendo assim, as imagens em suporte texturizado e com tons terrosos complementam a poética da história.

Na poesia desta narrativa, desvenda-se a jornada de um menino em desassossego, buscando um sentido de existência. Ao rememorar seu passado na maturidade, ele partilha conosco não apenas *A história de João Gala-Gala*, mas sua própria experiência, tingida de desafios, adversidades e ritmos infindáveis.

Esta história envolvente, repleta de detalhes sociais, culturais e filosóficos, tem favorecido diferentes desdobramentos de representações nas linguagens artísticas em atividades educativas transdisciplinares. Em Maputo, originou montagens cênicas com as crianças, criações de coreografias e documentário,

Como professora artista, vejo o potencial deste tema atemporal, que aparece em obras clássicas da literatura mundial e que ressurge na escrita compositiva deste coletivo de autores numa notável produção artística que possibilita uma diferenciada experiência estética aos leitores. Na composição textual das minhas reflexões complemento esta afluência com elementos dialogais na composição imagética com sobreposição em colagem.

Figura 63



## 4 Transpondo oceanos

[Voltar](#)

Figura 64



E na travessia muitos conceitos...  
em cada livro que eu lia,  
em cada história folheada,  
em cada palavra ouvida,  
em cada cena construída,  
em cada desenho e pintura concebida,  
em cada ideia,  
em cada memória.  
Vida que pulsa.  
E eu?  
Eu preciso não retroceder.  
Tenho vontade de pregar nos muros da cidade  
para todo mundo ler,  
assim como já foi feito na história  
com outros dizeres  
tão importantes quanto estes saberes.

Somos os propositores; somos o molde; a vocês cabe o sopro, no interior desse molde: o sentido da nossa existência. Somos os propositores: nossa proposição é o diálogo. Sós, não existimos; estamos a vosso dispor. Somos os propositores: enterramos a obra de arte como tal e solicitamos a vocês para que o pensamento viva pela ação. Somos os propositores: não lhes propomos nem o passado nem o futuro, mas o agora. (Clark, 1983.)

Nesta investigação artística pedagógica, a literatura é considerada como Arte, tendo como objeto de estudo a palavra. Neste âmbito a linguagem artística condutora da poética é a literatura e mais precisamente a Literatura Infantil.

A literatura nos provoca a pensar sobre o mundo e sobre a realidade, pode nos inquietar e nos deixar sensíveis a questões que estão adormecidas no inconsciente (Costa, 2007)

Partindo desse potencial de estudo, acredito como professora, que o texto literário pode provocar a reflexão sobre as questões étnico-raciais, com sensibilidade e criticidade. No contexto escolar, vejo a importância de ser propositora da leitura de literatura, aquela que organiza o contato com o texto e favorece estrategicamente a relação artística entre leitor e literatura.

Concordo com o Júlio Emílio Diniz Pereira (2000) quando afirma que o papel do professor é bem mais complexo do que a simples tarefa de transmitir o conhecimento já produzido e este pensar é um dos aspectos do contexto educacional que me impulsiona para experienciar as Artes em suas múltiplas possibilidades conectivas com a Literatura Infantil de temática africana e afro-brasileira

Entendo que explorar a Literatura Infantil que traz à cena personagens negros e negras e que também é escrita por autores negros moçambicanos e autoras negras brasileiras, constituiu-se um desafio inspirador.

Na pesquisa a literatura está com esta demarcação de nomenclatura infantil, porém os autores apresentam em suas produções uma textualidade artística que comunica para todas as idades, além do que todos os livros elencados para o diálogo nesta tese, apresentam na textualidade o cuidado com a elaboração estética sendo considerados nesta pesquisa como obra de Arte.

Nesse fluxo de linguagens artísticas entrelaçadas às teorias, aos poucos, surgem novas experiências. Na tessitura dessa tríade, estou aprendendo a me moldar, a contextualizar e a contemplar as intenções formativas.

Meu território de partida é como professora de Artes, aliás durante muitos anos me apresentei somente como professora. Esta área de atuação, me possibilita transgredir pedagogicamente e expandir territórios principalmente entre as linguagens artísticas. Mergulho

no desafio de formação docente que fomente tal concepção e por isso tenho experimentado diferentes possibilidades, imersa na pesquisa, na criação artística e no ato de ensinar.

Não sei se alguém pode fazer livros 'para' crianças. Na verdade, ninguém se apresenta como fazedor de livros 'para' adultos. O que me encanta no acto da escrita é surpreender tanto a escrita como a língua em estado de infância. (Couto, 2008, p.5)

Compreendo que cabe aos profissionais da Educação proporcionar experiências fundamentais às crianças, permitindo que percebam a literatura como um processo intrínseco à humanização. Encontramos muitas afirmações em redes sociais, baseadas em correntes filosóficas defendendo que a Arte humaniza. Portanto a literatura enquanto Arte é uma fonte essencial de humanização e sensibilidade, tornando a formação do leitor mais eficaz quando guiada pelo viés estético do que pelo pedagógico.

Destaco neste âmbito a experiência estética, neste campo a teoria de John Dewey tem sido amplamente explorada, provavelmente porque ela se alinha de maneira mais próxima ao que se busca em termos de expansão da atividade artística. Para Dewey (2010; 2011), a experiência é a interação do organismo com o ambiente.

No contexto da experiência humana, é essencial uma ação do sujeito que se relacione de maneira íntima com o ambiente social. Considerando que essa ação traz consigo um potencial cognitivo, é possível conceituar a experiência como a sedimentação corpórea da interação entre sujeito e ambiente, impulsionando novas ações.

A experiência tem como propriedade a completude, que é o envolvimento total do sujeito na ação. O sujeito é capturado pelo desafio e imerge completamente na ação de investigar as possíveis respostas a ele. Em Arte, a completude se dá na imersão que acontece na atividade artística, quer seja como elaborador ou como fruidor, uma vez que a experiência em arte acontece na criação artística e na fruição da produção artística. O sujeito envolve-se ativamente e criativamente, de forma a integralizar a obra de arte.

Quanto mais significativas forem as proposições de leitura literária, vivenciadas, maiores serão as chances das crianças se aproximarem da literatura e se tornarem leitoras desse gênero além do contexto escolar. Antonio Candido, nesse contexto, enfatiza que a literatura é: "[...] fator indispensável de humanização e, sendo assim, confirma o homem na sua humanidade." (Candido, 2011, p. 177). Candido argumenta que a literatura é um direito humano tão fundamental quanto os demais. Diante das palavras desse autor, torna-se evidente a necessidade de na escola ser proporcionado às crianças experiências literárias.

Como professora sou efetiva em rede pública de Educação e entendo que especialmente os estudantes de escolas públicas, predominantemente pertencentes às classes menos favorecidas, necessitam deste acesso literário com um acervo antirracista se os estudantes não tiverem acesso aos livros com esta temática tão importante no ambiente escolar, a possibilidade de encontrá-los em outros cenários será significativamente reduzida.

Me incluo na situação de estudante também, porque a minha formação desde o chamado pré-escolar (que hoje entendemos como Educação infantil) até o presente momento, sempre transcorreu em rede pública, e ainda, estive nas três esferas municipal, estadual e federal. E se não fosse pela oportunidade que obtive através deste doutoramento em universidade pública, talvez eu ainda nem soubesse da existência dos autores moçambicanos que atualmente fazem parte dos meus estudos e dos meus afetos.

Portanto, quando no início do percurso eu me questionava sobre quais seriam as principais informações eu precisaria me apropriar para o exercício da docência com a Literatura Infantil de temática africana e afro-brasileira, eu hoje elenco uma ampliação de repertório linguístico, mas principalmente a disposição em romper paradigmas preconceituosos e racistas.

O texto literário partilha com os leitores, independentemente da idade, valores de natureza social, cultural, histórica e/ou ideológica por ser ele uma realização da cultura e estar integrado num processo comunicativo (Debus, 2010, p.5)

Atrevo-me a afirmar que, quando se aborda o ensino das manifestações artísticas africanas, a Literatura Infantil se destaca como uma ferramenta essencial. Vai além do aspecto técnico, integrando conteúdo e forma ao situá-las em seu contexto. Estabelece conexões transdisciplinares, viabiliza a argumentação e a reflexão.

E sobre conceitos, exercitei a criação para apreender e não mais retroceder, porque entendo que no fazer artístico ocorre mais amplamente a possibilidade de criação de significado e “as palavras sempre tem sentido” (Lima, 2009, p.13).

Figura 65



<sup>25</sup> Como não cabe uma discussão aprofundada de cada um destes conceitos no momento, cada palavra na imagem acima possui um link que direciona ao repositório onde são descritos e articulados em diálogo com as linguagens artísticas.

E na sonoridade das palavras escritas e dos seus significados, empresto de Leda Maria Martins, a poética, para a reflexão da potência deste texto, em que convido os conceitos para fazerem parte da navegação da minha aprendizagem.

Mas a palavra não é um querer ser sozinho. Ela habita uma circunlocução de distintas sonoridades que inscrevem numa paisagem polifônica, por onde também circula a força vital dos movimentos. Feixes de sons e feixes de palavras. (Martins, 2021 B, p.96)

Figura 66



Nesta pesquisa a nutrição estética alimenta o meu olhar, o meu sentir a Arte e a vida, assim, como as vitaminas fortalecem um organismo vivo, faço as escolhas que me nutrem. Fiz escolhas que são entendidas por mim, como uma curadoria educativa e que me nutrem na temática que escolhi para pesquisar.

---

<sup>26</sup> Através do [link](#) está a página, “Expressão artística de Silvia Carvalho”, uma galeria organizada com todas as obras da artista presentes neste trabalho.

Seleção é dizer sim e não, sempre é ênfase e exclusão. Combinação é recorte. Todo recorte é comprometido com um ponto de vista que se elege, exercendo a força de uma ideia, de um conteúdo que é desejo explorar ou de uma temática possível de desencadear um trabalho junto aos estudantes. Selecionar e combinar são, então uma interpretação do professor – pesquisador. Não uma interpretação que cria a armadilha de responder questões, mas a interpretação que vai propor aos estudantes um processo instigante de novas e futuras escavações de sentido. (Martins; Picosque, 2003, p8)

Na curadoria educativa, termo utilizado inicialmente por Luiz Guilherme Vergara (1996, p.243), o objetivo é descobrir e dinamizar aspectos das obras de arte que possam acender diálogos com o público. Tem como proposta abrir possibilidades de viver experiências estéticas, para que se desenvolva uma consciência sensível do que se vê, percebe ou ouve. Nos processos de ensino e aprendizagem da Arte, como professora, eu crio curadorias educativas, selecionando, combinando ou propondo jogos de interpretação.

Como professora, eu pesquiso, organizo, crio curadorias educativas, ativo culturalmente acervos artísticos, que podem proporcionar conexões com o repertório cultural individual e o patrimônio artístico e cultural mais amplo. Possibilidades de atravessar oceanos.

Para Deleuze e Guattari (1992, p.215) uma criação artística é apenas um objeto ou uma conjuntura de palavras, cores ou sons, mas uma obra se torna arte quando contém um vazio. Uma pintura, por exemplo, “guarda vazios suficientes” para que as pessoas preencham com suas percepções e afetos, criando ideias e conceitos. Fazer viver a obra dentro de mim significa levá-la para além do universo de quem a criou. Nesse contexto, ativar culturalmente uma obra de arte é fazer viver a obra, é dar sentido a contextos culturais.

Nesta tese a curadoria educativa é compreendida como o ato de reunir obras para ativá-las culturalmente, por meio de seleções, leituras comparadas, combinações e arranjos, de maneira a estabelecer relações entre intenções e objetivos e provocar reflexões e possibilidades de experiências estéticas.

Refletir sobre as possibilidades artísticas, as ações formativas e os projetos pedagógicos desenvolvidos dentro do contexto educacional em que estou inserida foi um estímulo para reavaliar minhas interpretações da história do Brasil, o país de meu nascimento.

E os encontros formativos que participei neste processo de estudo acadêmico, ecoam em mim muitas vozes dos autores, autoras, professores e professoras que me guiaram nesta navegação e que me ajudam a lembrar, cotidianamente...

A linguagem literária e a sua capacidade humanizadora podem contribuir para a vivência, mesmo que ficcionalizada, de experiências que tragam à tona um fabulário positivo em relação aos africanos aqui escravizados e, por consequência, aos seus descendentes. Numa sociedade étnico plural como a brasileira, faz-se necessário, todos os dias, lembrar quem fomos para não esquecermos o que somos. (Debus, 2012)

Nesse cenário, reconheço como imperativo que o ambiente escolar adote uma postura antirracista, sendo imprescindível que o conjunto de obras literárias selecionadas siga essa perspectiva. Isso impulsionaria uma abordagem decolonial, provocando a reflexão, incentivando a empatia e cultivando a consciência desde os primeiros anos de formação das crianças.

Retorno as atividades de coordenação das bibliotecas na RME de Florianópolis com uma maior propriedade intelectual para defender documentalmente as aquisições literárias que estejam coerentes com a Educação antirracista que aprendi a defender.

Tenho consciência de que muitas vezes o ambiente escolar e educacional, é lugar no qual o corpo negro e suas representações têm sido objeto de estereótipos e representações negativas. Kramer (2007, p.17) diz que, “as crianças não formam uma comunidade isolada; elas são parte do grupo e suas brincadeiras expressam esse pertencimento. Elas não são filhotes, mas sujeitos sociais; nascem no interior de uma classe, de uma etnia, de um grupo social”. Tristemente, eu reconheço que “a escola é um dos piores lugares para a criança negra: quando ela começa a aprender sobre história, descobre que os negros chegaram ao Brasil como seres infelizes, como cativos[...]” (Madureira, 2021, p.1).

No âmbito das reflexões a respeito das proposições com o texto literário no contexto escolar, destaco de Vigotski a afirmação.

[...]necessidade de ampliar a experiência da criança, caso queira se criar bases suficientemente sólidas para a sua atividade de criação. Quanto mais a criança viu, ouviu e vivenciou, mais ela sabe e assimilou; maior é a quantidade de elementos da realidade de que ela dispõe em sua experiência; sendo as demais circunstâncias as mesmas, mais significativa e produtiva será a atividade de sua imaginação (Vigotski, 2018, p. 25).

Como professora, considero que sou responsável pela criação de condições para que a criança enquanto leitor ou leitora em formação, estabeleça um diálogo significativo com os textos, reconstrua significados implícitos e relacione elementos artísticos e verbais. Desse modo, as habilidades de leitura se aprimoram à medida que as experiências literárias se multiplicam. Preciso oportunizar, e conforme aprendi também destaco em minhas intervenções formativas com os profissionais da Educação, que o gosto é construído e que a pessoa só consegue gostar do que teve acesso.

No decorrer da pesquisa, tive acesso ao trabalho de Rosana Paulino, que é doutora em Artes Visuais e que como artista negra se destaca pelas questões de gênero apresentando um trabalho de combate à violência contra a mulher negra no Brasil. Dentre os seus trabalhos, fiquei extremamente sensibilizada com a criação da proposta apresentada na 21ª Bienal de Arte Contemporânea<sup>27</sup>.

Com a observação do trabalho visual de Rosana Paulino que passei a pensar nesta ampliação de trabalho literário na transdisciplinaridade entre as produções artísticas dos autores para a infância de Moçambique e das autoras negras para a infância no Brasil e suas potencialidades de intercessão cultural.

Com ela a temática da ancestralidade ficou mais forte no meu pensamento. A Arte faz isso, rompe estruturas e questiona.

Tive a oportunidade de passar pelo continente africano e estive em Luanda em Angola no mês de julho no ano de 2023. A emoção que senti quando os meus pés tocaram o continente africano foi indescritível. Pude compreender a emoção de Paulo Freire:

Faço esta referência para sublinhar quão importante foi, para mim, pisar pela primeira vez o chão africano e sentir-me nele, como quem voltava e não como quem chegava. [...]tudo isso me tomou todo e me fez perceber que eu era mais africano do que eu pensava (Freire, 1978, p.13)

Figura 67



E é sobre isso... quantas experiências estéticas! Cheiros, sons, imagens, sabores. E sobre sabores, experimentei o fruto do baobá que é conhecido em Angola e Moçambique como Embondeiro ou imbodeiro. No meu paladar o fruto chamado de múcuas, apresenta textura seca

<sup>27</sup> Participação de Rosana Paulino na 21ª Bienal de Arte Contemporânea:  
<https://youtu.be/iAQ21VCDrVQ?si=x1PzMIGYXng2S-YK>

e sabor cítrico, uma delícia. Na viagem eu estava lendo o livro *Afrografias da Memória* e a leitura foi temperada com sabor de ancestralidade.

No século XIX, um gigante embodeiro (ou baobá) erguia-se, ainda majestoso, em Boma, capital do reino do Zaire. Datada de aproximadamente quatro mil anos, a árvore assombrava os viajantes ocidentais que nela gravavam seus nomes e mensagens. Sinédoque e metáfora do *corpus* territorial e cultural africanos, esse baobá testemunha espetacularmente o vigor das fundações e raízes africanas e a permanência de seus textos, mesmo quando atravessados pelo palimpsesto do outro. Na complexidade de sua textualidade oral e na oralitura da memória, os rizomas africanos inseminaram o *corpus* simbólico europeu e engravidaram as terras das Américas. Como o imbondeiro africano, as culturas negras nas Américas constituíram-se como lugares de encruzilhadas, intersecções, disjunções, fusões e transformações, confluências e desvios, rupturas e relações, divergências, multiplicidade, origens e disseminações. (Martins, 2021 A, p.31)

E este texto me diz tanto. É como uma síntese de muitos elementos que me acompanham nesta jornada. E mais fala fundo comigo. Faço uma leitura emocional, mas que eleva os meus sentidos. Respiro...

Como professora, entendo que, para aproximar os estudantes dos elementos estéticos culturais que a literatura da temática africana e afro-brasileira proporciona à infância, a transdisciplinaridade apresenta a oportunidade de criar ações colaborativas de ensino.

Penso que a inserção da arte literária, abordada de maneira transdisciplinar, neste contexto de mobilização de conhecimento, emerge como uma fonte inspiradora para o imaginário e os processos de subjetivação. E sendo assim, recorro à abordagem transdisciplinar e transversal que proporciona um método enriquecedor para a experiência do conhecimento e da aprendizagem, conforme destacado por Dal Molin.

Descobrimos nelas a trilha para construir uma formação de natureza rizomática, aquela que se envolve com linhas de fuga, territorializações e desterritorializações do conhecimento, visando constantemente ser algo inovador que acrescente valor tanto a nível pessoal quanto coletivo para os estudantes e a sociedade. (Dalmolin, 2012, pág. 7)

Entendo que a transdisciplinaridade, além de provocar diálogos entre as áreas e diferentes saberes, vai mais à frente, propondo pesquisas que extrapolam o currículo.

O currículo é lugar, espaço, território. O currículo é relação de poder. O currículo é trajetória, viagem, percurso. O currículo é autobiografia, nossa vida, curriculum vitae: no currículo se forja a nossa identidade. O currículo é texto, discurso, documento. O currículo é documento de identidade. (Silva, 1999, p. 150.)

A transdisciplinaridade estabelece diálogos entre o currículo escolar, a vida cotidiana, valores e experiências, em navegações que sejam potenciais no projeto. Desse modo, ver o conhecimento pelo prisma da transdisciplinaridade é uma postura crítica diante dos saberes

apresentados na escola e fora dela. É um modo de olhar para os assuntos já tratados no currículo e estendê-los para além dos muros da escola. É compreender o assunto estudado de forma mais abrangente percebendo suas complexidades e suas particularidades.

Penso em cartografias e transdisciplinaridade. O que nos distancia e o que nos aproxima? São tantos elementos... Os autores e autoras que escrevem para a infância e que fazem parte desta pesquisa a/r/tográfica apresentam em suas escritas a mesma sensibilidade conectiva. Tendo o mesmo colonizador, produzindo na mesma língua e com envolvimento em diferentes áreas artísticas, todos escrevem poeticamente, mas são muito distintos. As sábias mulheres Madu e Heloisa, tem uma trajetória educacional que transparece em cada obra. Elas ensinam artisticamente e esteticamente. Os jovens autores com uma escrita contemporânea que rompe padrões e amplia o olhar estético do leitor apresentando um novo olhar sobre as culturas em África. A Arte se estabelece como linguagem maior na representatividade da escritura negra para a infância de todos e todas.

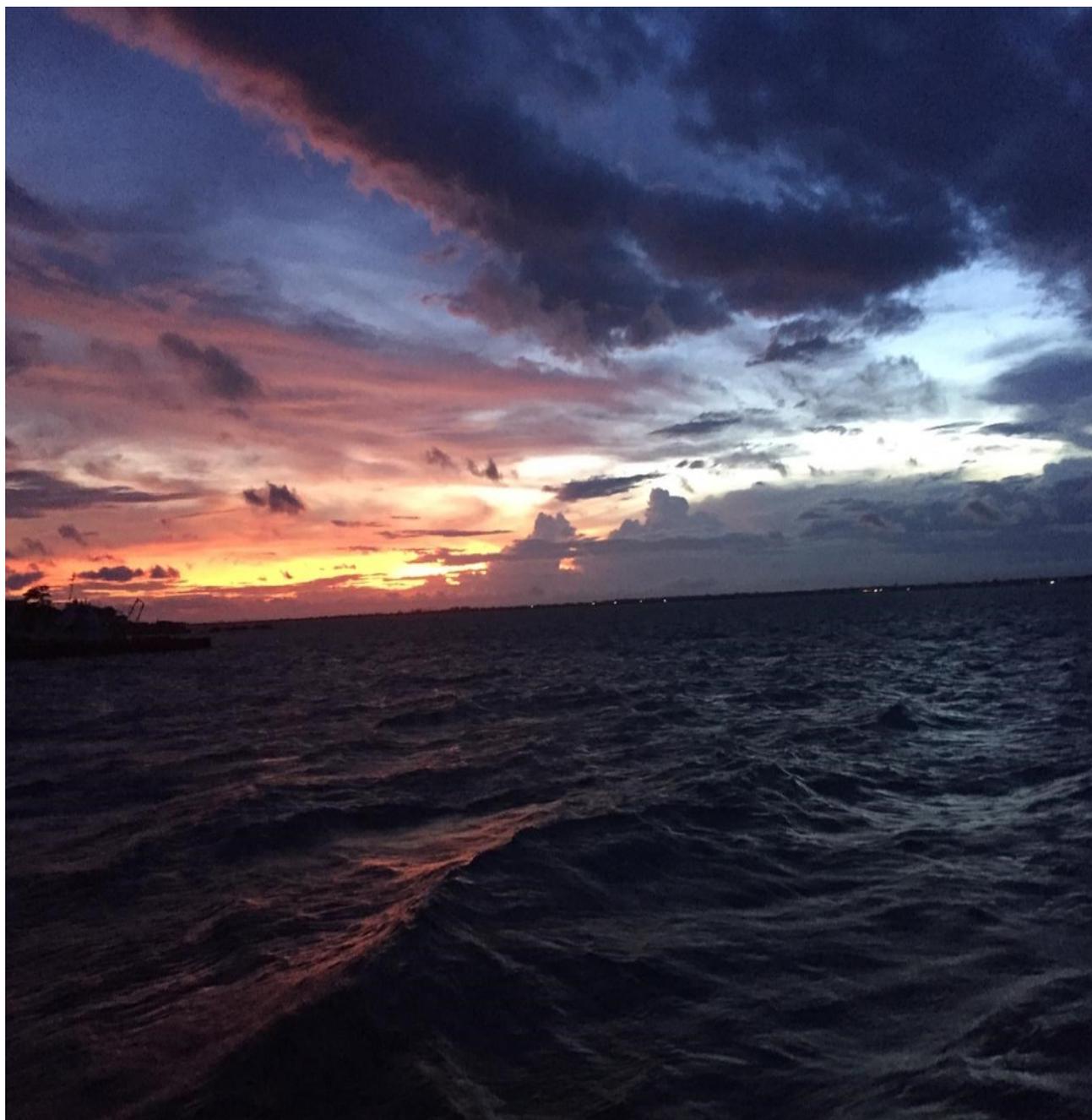
Figura 68



## 5 Epílogo

[Voltar](#)

Figura 69



Do mar que nos aproxima,  
a mensagem do poeta amigo  
chega como um presente  
“A tarde de ontem assim foi”

E nesta paragem contemplo a trajetória. Uma ancoragem necessária, um fôlego para navegações futuras. Uma reflexão sobre as opções, as possibilidades, a criação nesta Pesquisa Educacional Baseada em Arte.

No meu olhar, o trabalho se tornou poesia, uma exploração intrínseca da minha própria existência. Cada escolha, como as pinceladas de aquarela no papel, esboça a trajetória que me transforma como pesquisadora e artista, imprimindo sua influência direta nas ações da investigação.

Revejo a materialidade da investigação e me percebo em cenas entre autoconhecimento e pesquisa, desvendo simultaneamente, os capítulos dessa narrativa.

Talvez aqui só possa dizer que, na intensidade dos encontros (com arte, Educação e vida), ao longo desta escritura, embarquei no meio das águas, e “[...]conserva-se versos preciosos, guarda-se fotografia do mar” (Brito, 2019, n.p.)

Nessa travessia, entre metamorfoses que compõem meu ser, em singularidades dispersas neste palco da existência, naveguei em correntes e vislumbrei margens, explorando territórios (des)conhecidos. “Problemas? Só em dias nublados.” (Lima,2009, p.10)

Como Deleuze, creio que [...] toda obra é uma viagem, um trajeto, mas que só percorre tal caminho exterior em virtude dos caminhos e trajetórias interiores que a compõem, que constituem sua paisagem ou seu concerto. (Deleuze, 2011, p.10)

No percurso, a bagagem ficou repleta de depoimentos, fotos, vídeos, áudios, um amplo material para ser analisado. Analisado? Por vezes tive o impulso de perscrutar e aprofundar teorias, influenciada pela minha formação com base científica.

Optei, porém em viajar num diálogo reflexivo trazendo questões conceituais que perpassam a minha construção do conhecimento, mergulhar em desconstrução de verdades e ampliação de repertório linguístico e de apreender fazendo Arte.

Anos de vivência com diferentes pessoas e envolvida com questões culturais e educacionais no município em que habito foram provocando transformações nas investigações que me propus a fazer.

A permissão que me concedi foi de inspiração. Experiências de ser tocada pela literatura, de ter estesia e de ser movida pelo ato criativo.

O entendimento de ser artista experimentalista, veio com este processo de concepção da tese e eu me permiti ouvir: “dança a sua história, menina feliz” (Costa, 2019, n.p.)

E de fato, esta tese tornou-se também uma performance, uma expressão autêntica da maneira como eu, como pesquisadora, concebo e articulo ideias. A fidelidade ao meu pensamento exige que esta, que entendo como a minha obra, expresse Arte

Por não ter uma hierarquia nas áreas da minha atuação, muitas vezes se sobressai a artista que entende que a arte é para ser lida e experienciada, outras vezes a professora tende a ampliar a escritura conceitual e em outras a pesquisadora se sobressaia nos questionamentos. que balizam esta pesquisa.

Criando possibilidades na linguagem da pesquisa, o repositório virtual foi pensado para comunicar na jornada e continuar sendo nutrido para experiências futuras. Mas por que não colocar tudo no suporte do papel? “-Ah, mãe. Isso não. Quero alguma coisa diferente. [...] original” (Costa, 2009, n.p)

Durante o percurso houve muitas intercorrências, mas foi necessário resistir, prosseguir como “Um artista diante do zero, para reagir ao caos da história. Um artista que estabelece um projeto de vida, que é um projeto de arte [...] que é a projeção de um tempo irreversível” (Tessler, 2012, p. 251).

E foi possível...

Navegar nas páginas da minha infância, tecer fábulas e agir com imaginação, traçar rotas nas correntezas do tempo histórico. Entrelaçar minha trajetória de vida com a pesquisa, compartilhar criações e processos artísticos.

Para os meus pés que espiaram, exploraram, dançaram, conduziram, a jornada continua. Eles continuarão me levando. Dei permissão. Ah tanto para explorar!

Para as minhas mãos, instrumentos de criação, que se sentiram leves e libertadas, e com as quais eu me reencontrei no mar de possibilidades, a produção continua. O baú de capulanas (Lima, Lemos, 2014) está transbordando, há muitas histórias para contar.

28

Figura 70



---

<sup>28</sup> Através do [link](#) está a página, “Expressão artística de Silvia Carvalho”, uma galeria organizada com todas as obras da artista presentes neste trabalho.

## REFERÊNCIAS

[Voltar](#)

ALVES, Rubem. **Educação dos sentidos e mais...** Campinas, SP: Verus Editora, 2005.

ALVES, Rubem. **Ostra feliz não faz pérola.** São Paulo: Planeta do Brasil, 2008.

ARFUCH, Leonor. 2010. O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea.

ASANTE, Molefi Kete. Afrocentricidade: notas sobre uma posição disciplinar. In: NASCIMENTO, Elisa L. (Org.). **Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora.** São Paulo: Selo Negro, 2009. p. 93-110.

BACICHETTE, Helô. **Filhos de Ceição.** Ilustração de Rosinha. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2014

BARROS, Laura Pozzana de ; KASTRUP, Virgínia. Cartografar é acompanhar processos. In org. PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA , Liliana. **Pistas do método da cartografia.: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade.** Porto Alegre: Sulina, 2015

BELLOUR, Raymond. **Entre-imagem.** Tradução de Luciana A. Penna. Campinas: Ed. Papirus, 1997.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura.** São Paulo, Brasiliense, 2012. Obras Escolhidas v.1

BERGSON, Henri. **O Pensamento e o Movente: ensaios e conferências.** Trad. Bento Prado Neto. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BOCHECO, Eloí Elisabete. **Batata cozida, mingau de cará.** Brasília: Ministério da Educação, 2006

BOFF, Leonardo. **A águia e a galinha: uma metáfora da condição humana.** Petrópolis: Vozes, 1997.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação: Lei nº 9.394/96** – 24 de dez. 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, 1998. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm). Acesso em: 13 dez. 2023.

BRASIL. **Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003.** Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da Educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 10 jan. 2003. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/L10\\_639.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10_639.htm). Acesso em: 13 dez. 2023.

BRASIL. **Lei Ordinária nº. 11.769, de 18 de agosto de 2008.** Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, Lei de Diretrizes e Bases da Educação, para dispor sobre a

obrigatoriedade do ensino da música na Educação básica. Diário Oficial, Brasília, DF, 2008. Disponível em: [www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/ato2007-2010/2008/lei/111769.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2007-2010/2008/lei/111769.htm). Acesso em: 13 dez. 2023.

BRASIL. **Lei Ordinária nº. 13.278, de 02 de maio de 2016**. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, Lei de Diretrizes e Bases da Educação, para dispor sobre a obrigatoriedade do ensino de artes visuais, dança, música e teatro na Educação básica. Diário Oficial, Brasília, DF. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2016/lei/113278.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2016/lei/113278.htm). Acesso em: 13 dez. 2023.

BRITO, Mauro. **Passos de Magia ao Sol**. Ilustração de Bárbara Marques. Maputo: Editorial Escola Portuguesa de Moçambique, 2016.

BRITO, Mauro. **O luminoso voo das palavras**. Florianópolis: Katarina Kartonera, 2019.

CANDIDO, Antonio. O Direito à Literatura. In: CANDIDO, Antonio. **Vários Escritos**. São Paulo/Rio de Janeiro: Duas Cidades/Ouro sobre azul, 2011.

CARDOSO, Marco Antônio. Patrimônio Cultural Negro-Africano: Desafios Contemporâneos Aforaça de lembrar a própria força. In NOGUEIRA, João Carlos; NASCIMENTO, Tânia Tomázia do. **Patrimônio Cultural, Territórios e Identidades**. Florianópolis: Atilênde, 2012

CARVALHO, Carla; IMMIAOVSKY, Charles. **PEBA: a arte e a pesquisa em Educação**. **Revista Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v. 25, n. 3, p. 221-236, set./dez. 2017

CHARRÉU, L. (2018). A pesquisa educacional baseada nas artes (PEBA): Os seus elementos de concepção segundo Elliot Eisner. **Revista Portuguesa de Educação Artística**, 8(1): 17-29. ISSN: 2183-7481. <https://doi.org/10.23828/rpea.v8i1.147>

CLARK, Lygia. **Livro-obra**. Rio de Janeiro, 1983 [republicado no Catálogo da Fundació Antoni Tàpies, Barcelona, 1997]

COSTA, Madu. **Meninas negras**. Ilustração de Rubem Filho. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2010

COSTA, Madu. **Koumba e o Tambor Diambê**. Ilustração de Rubem Filho. 2ª ed. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2009.

COSTA, Madu. **A Caixa de surpresa**. Belo Horizonte: Nandyala, 2009.

COSTA, Marta Moraes da. **Metodologia do ensino da Literatura Infantil**. Curitiba: IBPEX, 2007.

DAVIS, Angela Y. **Uma autobiografia**. São Paulo: Boitempo, 2019.

DEBUS, Eliane Santana Dias. A escravização africana na literatura infanto-juvenil: lendo dois títulos. **Currículo Sem Fronteiras**, v. 12, n. 1, jan./abr. 2012.

DEBUS, Eliane. Meninos e meninas negras na Literatura Infantil brasileira: (des)velando preconceitos. **Perspectiva**, V.28, 191-210, Florianópolis, 2010.

DEBUS, Eliane Santana Dias. **A temática da cultura africana e afro-brasileira na literatura para crianças e jovens**. Florianópolis, SC: NUP/CED/UFSC, 2017.

DEBUS, Eliane Santana Dias; ZOLDAN, Lilian Mezari; FRANCESCHI, Waleska Regina Coelho de. O Grupo CONTAROLANDO e a Pandemia do Coronavírus: os Desafios do Ano de 2020. **Reinvenção da arte de contação de histórias**, v.62, Belo Horizonte, 2021, e-Publicar. Disponível em: <https://www.editorapublicar.com.br/reinvencao-da-arte-de-contacao-de-historias>. Acesso em: 13 de dez. de 2023.

DELEUZE, Gilles. **Lógica do sentido. Tradução de Luiz Roberto Salinas Fortes**. São Paulo: Perspectiva / Edusp, 1974. (Estudos, 35).

DELEUZE, Gilles. **Proust e os signos**. 2. ed. Tradução de Antônio Piquet e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003

DELEUZE, Gilles. O que as crianças dizem. In: DELEUZE, Gilles. **Crítica e clínica**. São Paulo: Editora 34, 1997. p. 73-79.

DELEUZE, Gilles. **Nietzsche**. Lisboa: Edições 70, 1994.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia, v.4 e 5**. Rio de Janeiro:Ed.34, 1997.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2**. v. 1. 2. ed. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto e Celia Pinto Costa. São Paulo: Editora 34, 2011.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia, V. 1 e 2**. Rio de Janeiro: Ed.34,1995.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **O que é filosofia?** Tradução de Bento Prado Jr e Alberto Alonso Munõz. Rio de Janeiro: Ed.34,1992.

DEWEY, John. Lectures in the philosophy of education. New York: Random House, 1966

DEWEY, John. **Arte como experiência**. Tradução Vera Ribeiro. São Paulo: Martins Fontes, 2010

DIAS, B; IRWIN, RL. **Pesquisa educacional baseada em arte: a/r/tografia**. Santa Maria: Ed. da UFSM,2013.

DINIZ-PEREIRA. Júlio Emílio. **Formação de professores: pesquisas, representações e poder**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

FLICKINGER, Hans-Georg. **A caminho de uma pedagogia hermenêutica**. Campinas, SP: Autores Associados, 2010.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se complementam**. 3ª edição. São Paulo: Cortez/ Autores Associados, 1983.

FREIRE, Paulo. **À Sombra da mangueira**. 10. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

FREIRE, Paulo. **Conscientização**. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979)

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. São Paulo: Paz e Terra, 1989.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 18. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**. 15ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

GADAMER, Hans-Georg. **Hermenêutica da obra de arte**. Tradução Marcos Antônio Casanova. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2002.

GOMES, Nilma Lino; GONÇALVES E SILVA, Petronilha Beatriz. O desafio da diversidade. In: GOMES, Nilma Lino; GONÇALVES E SILVA, Petronilha Beatriz. **Experiências étnico-culturais para a formação de professores**, Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

GREIMAS, Algirdas J. e COURTÉS, Joseph. **Dicionário de Semiótica**; trad Alceu Dias Lima; Diana Luz P. de Barros et al. São Paulo: Cultrix, 1989.

HERMANN, Nadja. **Autocriação e horizonte comum. Ensaio sobre Educação ético-estética**. Ijuí: Editora Unijuí, 2010. (Coleção fronteiras da Educação

HERNÁNDEZ, Fernando. **A pesquisa baseada nas artes: propostas para repensar a pesquisa educativa**. In: DIAS, B.; IRWIN, R. (Orgs.) Pesquisa Educacional Baseada em Arte: A/r/tografia. Santa Maria: Edufsm, 2013. pp. 39-62.

HJELMSLEV, L. **Ensaio Linguísticos**; trad. de Antônio de Pádua Danesi. São Paulo, Perspectiva, 1991.

IRWIN, Rita; SPRINGGAY, Stephanie. A/r/tografia como forma de pesquisa baseada na prática. In: DIAS, B.; IRWIN, R. (Orgs.). Pesquisa educacional baseada em arte: a/r/tografia. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2013.

KASTRUP, Virgínia. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. In org. PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana. **Pistas do método da cartografia.: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade.** Porto Alegre: Sulina, 2015.

KOHAN, Walter Omar. **Infância, estrangeiridade e ignorância: ensaios de filosofia e Educação.** Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

KLEIN, Lígia Regina. O Professor Decreta o Fim da Escola. **INTERMEIO**, Campo Grande: UFMS, v.1,1995.

LANDOWSKI, Eric. O Semioticista e seu duplo. In: OLIVEIRA, A. C; LANDOWSKI, E.(eds)In: **Do inteligível ao Sensível: em torno da obra de Algirdas Julien Greimas.** São Paulo: Edições CPS, 1995. p.239-265.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n.19, p. 20-28, jan./abr. 2002.

LARROSA, Jorge. **Tremores: escritos sobre experiência.** Tradução de Cristina Antunes e João Wanderley Geraldi. Belo Horizonte: Autêntica, 2014

LIMA, Heloisa Pires. **Histórias de Preta.** Ilustrações Laura beatriz. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2005.

LIMA, Heloisa Pires; LEMOS, Mário. **Capulana: um pano estampado de histórias;** Ilustrações Vanina Starkoff. 1 ed. São Paulo: Scipione, 2014

LOPES, Pedro Pereira. O comboio que andava de chinelos. Escola Portuguesa de Moçambique: Maputo, 2019

LOPES, Pedro Pereira; NEVES, Angelina. **Por que é um livro mágico?** Ilustrações de Mauricio Negro. Moçambique: Escola Portuguesa de Moçambique / Centro de Ensino e Língua Portuguesa (EPM-CELP), 2020.

MACHADO, A. **Arte e mídia:** Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

MARQUES, Isabel Azevedo. Dançando na Escola. **Revista Motriz.** Vol. 3,N.1. Junho, 1997.

MARQUES, Isabel Azevedo. **Dançando na escola.** São Paulo: Cortez, 2003.

MARTINS, Leda Maria. **Performances do tempo espiralar, poéticas do corpo-tela.** Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

MARTINS, Miriam Celeste; PICOSQUE, Giselda Maria. Inventário dos Achados: o olhar do professor – escavador de sentidos. **Material de ação educativa para a 4ª Bienal do Mercosul**, Porto Alegre, 4 out. a 7 dez. 2003

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Brasília, DF: MEC, 2004. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/centrais-de-conteudo/acervo-linha-editorial/publicacoes-diversas/temas-interdisciplinares/diretrizes-curriculares-nacionais-para-a-educacao-das-relacoes-etnico-raciais-e-para-o-ensino-de-historia-e-cultura-afro-brasileira-e-africana>. Acesso em: 16 jan. 2024.

MUNANGA, Kabengele. **Superando o racismo na escola**. 2. ed. Brasília, DF: MEC, 2005.

MURGUIA, Eduardo Ismael. A memória e sua relação com arquivos, bibliotecas e museus. In: MURGUIA, Eduardo Ismael; MARINO, José Donizetti. **Memória: um lugar de diálogo para arquivos, bibliotecas e museus**. São Carlos: Compacta, 2010. p. 11-32

NASCIMENTO, Elisa Larkin; GÁ, Luiz Carlos (ORG). **Adinkra – Sabedoria em símbolos africanos**. Rio de Janeiro: Pallas, 2009.

NHOQUE, Janete R. **A leitura do literário como experiência**. 2019. 311 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade do Vale do Itajaí, Itajaí, 2019.

NOA, Francisco. **Uns e outros na literatura moçambicana: ensaios**. São Paulo: Kapulana, 2017.

NOGUEIRA, Renato. Ubuntu como modo de existir: elementos gerais para uma ética afroperspectivista. **Revista da ABPN**, v. 3, n. 6, p. 147-150, fev., 2012. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/358>. Acesso em: 20 jul. 2023.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo**, São Paulo, v. 10, p. 7-28, dez. 1993

OLIVEIRA, Maria Anória de Jesus. Personagens negros na literatura infanto-juvenil: há muito fazer-dizer, há muito de palavra-ação. In: SILVA, Márcia Tavares; RODRIGUES, Etienne Mendes (Orgs.). **Caminhos da Leitura Literária: propostas e perspectivas de um encontro**. Campina Grande: Bagagem, 2009.

OLIVEIRA, Renato Salgado de Melo. Divagar...além-mar. In: DIAS, Susana Oliveira; MARQUES, Davina; AMORIM, Antonio Carlos. **Conexões: Deleuze e arte e ciência e acontecimento e...** Petrópolis: DePetrus, 2012. p. 161-168.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processo de criação**. 21.ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

PARREIRAS, Ninfa. **Confusão de línguas na literatura: O que o adulto escreve, a criança lê**. Belo Horizonte: RHJ, 2009.

PASSOS, Eduardo; BARROS, Regina Benevides de. Por uma política da narrativa. In org. PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Líliliana. **Pistas do método da cartografia.: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2015.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia. Sobre a validação da pesquisa cartográfica: acesso à experiência, consistência e produção de efeitos. In. org. PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; TEDESCO, Sílvia. **Pistas do método da cartografia: a experiência da pesquisa e o plano comum - volume 2**. Porto Alegre: Sulina, 2016.

PAVIS, Patrice. **Dicionário da Performance e do Teatro Contemporâneo**, São Paulo: Editora Perspectiva, 2017.

PAZ, Octavio. **O arco e a lira**. Trad. Ari Roitman e Paulina Watch. São Paulo: Cosac Naify, 2012

POLLACK, Michael. **Memória e identidade**. In: **Estudos Históricas**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

QUEIRÓS, B.C. ; ABREU, J. (org.). **Sobre ler, escrever e outros diálogos**. 2.ed. São Paulo: Global,2019. p 104.

RAMALHO E OLIVEIRA, Sandra Regina. **Imagem também se lê**. 2 ed. São Paulo, 2009

ROLDÁN, Joaquín; VIADEL, Ricardo. **Metodologías artísticas de investigación en educación**. Málaga: Ediciones Aljibe, 2012.

ROLNIK, S. Subjetividade em obra: Lygia Clark, artista contemporânea. In: LINS, D.; GADDELHA, S. **Nietzsche e Deleuze: o que pode o corpo**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002. p. 269-280.

RUI, Manoel. Eu e o outro - o invasor (ou em três poucas linhas uma maneira de pensar o texto). In MEDINA, Cremilda de Araújo. **Sonha Mamana África**. São Paulo: Epopéia, Secretaria de Estado da Cultura,1987. pp. 308-10.

SILVA, Edson. Povos indígenas e o ensino: reconhecendo o direito à inclusão das sociodiversidades no currículo escolar com a Lei n. 11.645/2008. **Polyphonía**, v. 22, n. 1, p. 121-138, jan./jun. 2011.

SILVA, Tomaz Tadeu da. Depois das teorias críticas e pós-críticas. In: **Documentos de Identidade. Uma Introdução às teorias do currículo**. Belo Horizonte, Autêntica, 1999, p. 150.

SIMÕES, Fábio. **Olelê Uma antiga cantiga da África**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2018

SOUZA, Henrique Bezerra de. **Pedagogia como encantamento: o ato de ensinar e aprender como cura instauradora das revoluções necessárias.** Urdimento, Florianópolis, v. 1, n. 40, mar./abr. 2021.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

TESSLER, Elida. Zerar. In: FONSECA, Tânia Mara Galli; NASCIMENTO, Maria Lívia; MARASCHIN, Cleci. **Pesquisar na Diferença: um abecedário.** Porto Alegre: Sulina, 2012. p. 251-254

TUSSI, Rita de Cássia e ROSING, Tânia M.K. **Programa Bebelendo: uma intervenção precoce de leitura.** São Paulo: Global, 2009.

VERGARA, Luiz Guilherme. **Curadorias Educativas.** Rio de Janeiro- Anais ANPAP, 1996. Disponível em: < <http://www.arte.unb.br/anpap/vergara.htm>>. Acesso em 13 de dez 2023.

VIGOTSKI, L.S **Imaginação e criação na infância: ensaio psicológico: livro para professores/** Lev Semionovich. Tradução Zoia Prestes. São Paulo: Ática, 2009.